

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
DOUTORADO EM SAÚDE PÚBLICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO CIÊNCIAS SOCIAIS EM SAÚDE**

**Atividade Física Esportiva em Espaço Público:
uma abordagem etnográfica em saúde**

Claudia Miranda Souza

Dr. Carlos Caroso (Orientador)

**SALVADOR
2004**

Claudia Miranda Souza

**Atividade Física Esportiva em Espaço Público:
uma abordagem etnográfica em saúde**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, na área de concentração Ciências Sociais em Saúde, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Saúde Pública.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Caroso, UFBA.

Salvador

2004

Claudia Miranda Souza

Atividade física esportiva em espaço público: uma abordagem etnográfica em saúde. Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Saúde Pública do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, na área de concentração Ciências Sociais em Saúde, como requisito à obtenção do grau de Doutor em Saúde Pública.

Salvador, 16 de dezembro de 2003.

Banca examinadora:

Dr. Carlos Caroso (Orientador), UFBA

Dr. Aguinaldo Gonçalves, UNICAMP

Dr. Jocimar Daolio, UNICAMP

Dra. Mônica de Oliveira Nunes, UFBA

Dr. Naomar Monteiro de Almeida Filho, UFBA

Dedicatória

Este trabalho é dedicado à
Carmelinda Miranda e
Dermival de Souza,
meus pais.

Agradecimentos

Ao Professor Dr. Carlos Caroso que de forma competente e muito dedicada orientou a elaboração e execução do estudo, imprimindo incentivos freqüentes na realização do mesmo.

À Professora Dra. Ceres Victora pelas importantes contribuições em momentos cruciais da pesquisa e pelo acolhimento durante o Estágio de Doutorado que realizei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, pela oportunidade de realizar o curso, pela atenção dos professores e pelo apoio no desenvolvimento das atividades de pesquisa.

A todos professores, alunos e bolsistas do Núcleo de Estudos em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS), do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelas observações críticas e relevantes contribuições ao estudo.

À Professora Dra. Maura Guimarães de Almeida pelo carinho e a atenção prestados na conclusão do trabalho.

Às colegas Núbia Rodrigues e Roselene de Alencar pela importante colaboração na etapa inicial da pesquisa.

Aos colegas do Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Bahia que tanto vem nos apoiando na realização deste e demais trabalhos.

Às amigas Daniela e Regina pelo acolhimento, e acima de tudo, pela demonstração de solidariedade e companheirismo durante minha permanência em terras gaúchas.

Aos nossos informantes que participaram do estudo, colaborando de forma incondicional com a realização do mesmo.

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

| | |
|---|-----|
| Apresentação | 09 |
| Introdução | 12 |
| Capítulo 1 | |
| Aspectos teórico-metodológicos | 20 |
| 1.1 Métodos e técnicas de coleta dos dados | 26 |
| 1.2 Estratégias de análise dos dados | 30 |
| 1.3 O campo de estudo | 35 |
| 1.3.1 Os espaços estudados | 40 |
| 1.3.1.1 Barra | 42 |
| 1.3.1.2 Dique do Tororó | 46 |
| 1.3.1.3 Jardim de Alá | 51 |
| Capítulo 2 | |
| Convivência entre as práticas corporais e o espaço urbano | 57 |
| 2.1 Espaços públicos de esporte e lazer da cidade: concepções e tendências | 60 |
| 2.2 Ocupação e popularização dos espaços | 72 |
| 2.3 Corpo-espaço: possibilidades sensitivas e reflexivas | 94 |
| Capítulo 3 | |
| Corpo, atividade física e saúde: processos coletivos, trajetórias individuais | 100 |
| 3.1 Alguns motivos que justificam o começo | 102 |
| 3.2 Expectativas e metas em torno das práticas | 112 |
| 3.3 Sentidos de corpo e envelhecimento | 120 |
| 3.4 Sentidos de corpo e gênero | 128 |
| Capítulo 4 | |
| Atividade física e saúde: interconexões com a ideologia individualista e os sistemas de auto-ajuda | 142 |
| 4.1 Dimensão reflexiva das práticas | 153 |
| 4.2 Dimensão terapêutica das práticas | 156 |

| | |
|-----------------------------|-----|
| Considerações finais | 161 |
| Referências | 169 |
| Anexos | 181 |

Atividade Física Esportiva em Espaço Público: uma abordagem etnográfica em saúde.

Claudia Miranda Souza
Dr. Carlos Caroso (Orientador)

Resumo

Esta tese aborda questões relativas ao corpo, atividade física esportiva e saúde, particularmente aos significados das práticas corporais de movimento (como a caminhada, a corrida e a ginástica) em áreas públicas em Salvador. A análise e a interpretação dos seus significados recaem sobre o uso que é feito daquelas áreas para atividades físicas esportivas, através da observação etnográfica dos processos coletivos e de trajetórias individuais, através da qual são identificadas diferenças e semelhanças nas concepções e práticas entre os usuários. Através desta abordagem pudemos verificar que as idéias de “manter a forma”, “prolongar a juventude” e garantir um “envelhecimento mais ativo” estão frequentemente presentes no discurso construído sobre as trajetórias de homens e mulheres, como parte de um discurso social hegemônico sobre a relação entre a “boa forma” e a saúde. A análise mais detalhada dessas categorias e a observação das práticas indicam que essas se encontram mais diretamente relacionadas com as experiências corporais da pessoa; com a mudança de interesses e de projetos de vida que se referem às estratégias de enfrentamento dos problemas já vivenciados em diferentes fases de vida; e com um ideal de equilíbrio entre corpo e mente, corpo e espírito, que decorre de uma visão que as pessoas têm das práticas integradas à natureza. As práticas de atividades físicas esportivas nos espaços públicos são consideradas as que melhor propiciam o desenvolvimento da sensibilidade e reflexão pessoal, sendo essencialmente atreladas a uma “ideologia individualista”, que se evidencia no significado terapêutico das práticas enquanto mecanismo de auto-cuidado e auto-ajuda.

PHYSICAL ACTIVITY AND HEALTH: Ethnografy of bodies practices in free areas of Salvador.

Claudia Miranda Souza

Dr. Carlos Caroso (Orientador)

Abstract

This dissertation refers to questions related the body, physical sporting activities and health, particularly to the meaning of corporal practices of movement (such as walking, running and gymnastics) in public areas in Salvador. The analysis and interpretation of their meanings is focused on the use which is made of those areas for physical sporting activities, and is conducted through the ethnographic observation of the collective process and individual trajectories, by means of which are identified similarities and differences in conceptions and actual practices among the diversity users. By using this approach we have found that the ideas of “keeping up in shap”, “extending youth” and anticipating a “more active aging process” are often present in the discourse which is constructed about the trajectories of both men and women, as part of the prevailing social discourse which links “being in good shape” and health. A closer analysis of those categories and the observation of the practices relate them directly to the bodily experiences of the person; to change in personal focus and life projects that refer to strategies for dealing with problems which have been experienced in different phases of one's life; and also as an ideal of balanced relation between body and mind, body and spirit, deriving from the view that people have about nature related practices. Physical activities carried on in the open spaces, are considered as those that better provide for the development of personal sensitivity and favors personal reflection, that is essentially related to an “individualistic ideology”, expressed in the therapeutic meaning of the practices as mechanisms of self-care and self-aid.

Apresentação

As questões relacionadas à educação física e esporte em saúde têm sido um objeto de reflexão constante na nossa trajetória acadêmica, tanto enquanto discente na Universidade Católica do Salvador, quanto docente na Universidade Federal da Bahia. Ao longo da nossa carreira acadêmica temos nos preocupado em repensar os caminhos que a educação física percorreu no campo da saúde-doença, e qual a sua perspectiva para o futuro, diante do desafio de superar freqüentes dicotomias (corpo/mente, teoria/prática, objetivo/subjetivo, entre outras) e promover uma interlocução com as diferentes áreas do conhecimento, a partir de uma abordagem metodológica e formas de intervenção inter, multi e transdisciplinar.

Quando ingressamos na graduação em 1987, a educação física encontrava-se numa crise de identidade muito profunda e sofria uma série de questionamentos quanto ao seu papel sócio-político-pedagógico. Forma-se nesse período uma corrente de pensamento que vai defender novas propostas de construção e intervenção do conhecimento com fundamentos nas ciências humanas e sociais, e fazer críticas aos modelos médicos (refletidos nas tendências de higiene social), militares e competitivistas, adotados institucionalmente pela educação física. Neste contexto, duas abordagens da educação física orientavam nossos estudos. Uma de base bio-fisiológica e anatômica de caráter positivista, voltada para a saúde e o esporte; outra, com enfoque sócio-educativo de caráter crítico-reflexivo, direcionada para educação física escolar.

Nossos estudos de pós-graduação começaram em 1991, época em que iniciamos o curso de especialização em Avaliação da Performance Motora na Universidade Estadual de Londrina-PR, de onde resultou nosso primeiro trabalho de pesquisa intitulado “Análise do Somatotipo e da Composição Corporal de Bailarinos Profissionais do Estado da Bahia”. Neste estudo objetivamos descrever e comparar o somatotipo e a composição corporal de bailarinos profissionais com outros bailarinos e atletas de elite, buscando associar estes dados ao

desenvolvimento de doenças osteo-musculares, devido às características físicas deste grupo e ao desgaste decorrente das suas atividades de desempenho da dança.

A forma como lidamos com o objeto de estudo na monografia da especialização reflete bem a abordagem dominante na educação física para tratar das questões relacionadas à saúde-doença. Embora reconheçamos algumas contribuições deste estudo na medida em que associou características corporais com problemas ósteo-musculares decorrentes da prática profissional da dança, uma auto-crítica deve ser feita no sentido de reconhecer algumas limitações. Ao utilizar um modelo científico exclusivamente biomédico, traço bem característico da maior parte dos cursos de graduação e pós-graduação em educação física que se relacionam com a saúde, o estudo não permitiu apontar outros fatores que poderiam estar diretamente influenciando o surgimento de agravos à saúde entre os bailarinos.

Por conta destas experiências na graduação e no curso de especialização, sentimos a necessidade de realizar novos estudos sobre a educação física em saúde, de forma a contribuir na indicação de alternativas de análise para esse campo de conhecimento.

Em 1997 iniciamos o mestrado em saúde coletiva na Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba, com a proposta de identificar as concepções de saúde que orientam a forma de pensar a prática profissional em educação física em três campos específicos: na escola, na academia de ginástica e na formação profissional. Para tratar do tema proposto, utilizamos uma abordagem qualitativa, seguindo a perspectiva do materialismo dialético, tendo como subsídio metodológico a análise do discurso. O estudo revelou uma tendência dos professores em tratar a saúde-doença no enfoque físico-psíquico, orientando a prática profissional da área de forma fragmentada a partir de uma visão individual e naturalizada do homem, da saúde e da doença. A partir deste estudo foi possível reafirmar a necessidade de transformação da *práxis* da educação física em saúde. Indicando que esta deve ser compreendida num contexto homem-meio, a fim de possibilitar uma intervenção mais ampliada e comprometida destes

profissionais, favorecendo uma intervenção das questões acadêmicas com as questões emergentes da sociedade.

A experiência no mestrado nos permitiu o contato com leituras no campo das ciências sociais, o que nos levou a querer aprofundar o objeto de estudo da educação física em saúde a partir da referência de disciplinas como a sociologia e a antropologia. Neste sentido, a oportunidade em fazer algumas disciplinas, como aluna especial, no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, como Métodos Não-Estruturados na Pesquisa em Saúde, Teorias Sociais em Saúde e História dos Saberes e Práticas em Saúde, resultou na elaboração de um projeto de pesquisa para o doutorado, inicialmente intitulado “*Corpo, educação física e saúde: representações e práticas*”.

O aprofundamento dos estudos a partir do contato com as outras disciplinas no curso de doutorado no ISC nos levou a repensar nossa proposta inicial de pesquisa, distanciando-nos um pouco da referência institucional da educação física, aproximando-nos mais das referências culturais sobre corpo, contidas nas práticas de atividades físicas realizadas nas áreas livres em Salvador. Esta mudança se deve, em grande parte, ao reconhecimento da contribuição que os estudos antropológicos vêm exercendo no campo da saúde-doença, especialmente nos estudos da antropologia do corpo e da saúde; ao fato de que, no estudo das práticas corporais de movimento associadas à saúde-doença, estas abordagens antropológicas são ainda pouco utilizadas, indicando, portanto, a necessidade da realização de estudos com estes objetivos; e, por fim, o entendimento de que as práticas de atividades físicas esportivas na rua extrapolam a atuação profissional e disciplinar em educação física, sendo necessário, portanto, para a sua compreensão, um olhar mais abrangente em torno de suas características, sentidos e significados, construídos no âmbito da cultura. Com base nestas considerações é que realizamos o presente estudo.

1.Introdução

Este estudo tem como temática o corpo, a atividade física esportiva e a saúde. Sua proposta é conhecer os significados de práticas corporais de movimento (como a caminhada, a corrida, a ginástica etc.) e como esses são associados ao processo saúde-doença no cotidiano de homens e mulheres praticantes dessas atividades em espaços públicos na cidade de Salvador. Fundamenta-se na abordagem etnográfica focalizada, em especial, no modelo “semântico-pragmático” proposto por Bibeau (1992), articulando o conjunto de práticas e comportamentos aos sistemas semiológico popular e interpretativo de determinado grupo de indivíduos. Propõe-se, assim, compreender como os sistemas culturais influenciam as concepções e ações dessas práticas na atualidade, estabelecendo uma reflexão sobre os modelos (científico e popular) dos signos e significados relacionados ao corpo, atividade física-esportiva e saúde.

A relação corpo, atividade física, esporte e saúde, tanto no meio acadêmico como fora deste, tem sido cada vez mais fortalecida em nossa sociedade, representando tema de grande relevância para discutir fenômenos do mundo contemporâneo. Neste sentido, esta relação vem se constituindo objeto de estudo em vários campos de conhecimento como medicina, educação física, sociologia, antropologia, história, entre outros, que buscam conhecer, compreender e explicar esta relação a partir de ângulos diferenciados.

Dentre esses campos, sem dúvida, a medicina e a sociologia têm sido as abordagens preponderantes no maior número de trabalhos de pesquisa sobre o tema, principalmente no Brasil. O primeiro, em uma abordagem biomédica, agrega pesquisadores interessados em estudar a relação entre os fenômenos bio-fisiológicos (biomecânicos) das práticas corporais de movimento e o desenvolvimento de doenças, através de modelos consensuais das ciências naturais. Esses estudos de referência médica valorizam o processo de evolução tecnológica

que orienta a produção e a intervenção do conhecimento em atividade física para explicar a relação de risco entre o sedentarismo e o desenvolvimento de doenças, servindo de base, portanto, para a implementação de ações políticas na área da promoção da saúde. Estas ações, fundamentadas na abordagem individual e naturalizada de homem, corpo, saúde e doença, têm-se direcionado no sentido de estabelecer estilos de vida adequados às novas exigências de uma sociedade industrial e informatizada, a partir da prática regular de atividades físicas. As políticas de saúde subjacentes aos modelos científicos adotados pelo grande número de pesquisadores da área da medicina e da educação física como Pollock (1986), Barbanti (1990), Guedes & Guedes (1995), Almeida (1995), Eaton (1995), Pellegrinotti (1998) e Pitanga (1998), valorizam a eficácia da prática regular de atividades físicas na promoção da saúde, prevenção e terapêutica das doenças, fundamentalmente, daquelas entendidas como doenças degenerativas.

Da mesma forma como acontece com os *leisures studies* no campo da saúde mental, estudados por Pondé (2000), os estudos biomédicos no campo das atividades físicas e esportes utilizam-se de suportes instrumentais padronizados, tais como questionários ou escalas, para medir algumas características dessas atividades e o estado de saúde da população. Estes instrumentos buscam delimitar aspectos associados aos fatores de risco no surgimento e evolução de doenças degenerativas. Sua função é “*medir a realidade o mais objetivamente possível*” como se a atividade física, o esporte e a saúde “*não fossem uma construção cultural*” e não fossem parte “*de uma estrutura semântica*” (2000, p.44).

Segundo Gonçalves e Monteiro (1994, p.36), nos estudos baseados em disciplinas médicas como anatomia, fisiologia, cineantropometria entre outras, enquanto abordagem mais evidente para explicar a relação da atividade física com a saúde-doença, constata-se que: “*os conceitos de saúde e atividade física se restringem aos aspectos específicos das funções orgânicas e movimentos previamente determinados, aproximando-se muito mais dos estudos clínicos e de laboratório, sem relação direta com o coletivo*”. Eles estudam, portanto, através

de uma relação de causa e efeito, a possibilidade de desenvolvimento de patologias clínicas, como conseqüência da presença ou ausência de atividade física. Esta, então, nesses estudos passa a ser considerada como um dos principais “remédios” para os males da vida moderna.

Já os estudos de fundamentação sociológica, influenciados, principalmente, pelos trabalhos desenvolvidos nas duas últimas décadas por professores de educação física de tendência progressista (Castellani Filho, 1988; Ghiraldelli Júnior, 1988; Freitas, 1991 entre outros), fazem críticas à abordagem biomédica e buscam explicar como as práticas corporais de movimento (exercícios e esportes), enquanto objeto da educação física, estão associadas aos sistemas estruturais sócio-econômicos e políticos, no processo de evolução da sociedade capitalista de forma articulada com a racionalidade científica. Neste sentido, vários autores, entre eles Helal (1990), Soares (1994) e Carvalho (1995), criticam os papéis e funções sociais das práticas esportivas, como formas de ideologia dominante e controle social sobre os indivíduos através da utilização dos conhecimentos biomédicos.

Estudos como o de Carvalho (1995) e Soares (1994), fazem um recorte histórico a partir da idade moderna tratando da influência das correntes de pensamento dominantes nos Séculos XVIII e XIX, entre elas fundamentalmente a positivista, sobre as concepções e práticas corporais esportivas lúdicas (jogos, esporte, dança etc.) e terapêuticas (ginástica e exercícios físicos) da sociedade contemporânea, através do processo de racionalização do conhecimento e dos modos de produção capitalista. Ou seja, eles demonstram de que forma o campo da cultura corporal de movimento está, historicamente, engajado com as ciências da saúde e ao projeto ideológico da sociedade de consumo.

Num estudo que realizamos recentemente, observamos que alguns autores utilizam uma abordagem sócio-histórica envolvendo temas como corpo, atividade física, esporte, saúde e doença, associando basicamente três fatores ao processo de fortalecimento destes temas com o modelo biomédico (Souza, 1999). O primeiro deles, discutido por Loureiro (1997), Carvalho (1993) e Helal, (1990), diz respeito ao jogo de interesses da classe dominante em

“manter o sistema social vigente através das ideologias de corpo, saúde, doença, lazer e qualidade de vida”. O segundo, com base nos trabalhos de Berlinguer (1993) e Lepargneur (1987), refere-se à evolução das ciências médicas, como a engenharia genética, por exemplo, que busca incessantemente prolongar a vida humana. E o terceiro, tendo como referência os estudos de Cordeiro (1997), Courtine (1995) e Faleiros (1987), corresponde ao desenvolvimento da indústria de bens materiais de consumo (aulas, equipamentos, fármacos, serviços etc.), *“necessários para se alcançar a saúde”* ou bem estar, através destas práticas. Evidentemente, estes fatores precisam ser compreendidos de modo integrado, sendo apresentados separadamente aqui, apenas como um recurso metodológico elucidativo.

Embora esses estudos tenham trazido contribuições significativas para a compreensão dessas práticas corporais, novos trabalhos precisam ser realizados para que se possa preencher algumas lacunas como: 1) utilização de referencial teórico-metodológico que extrapole a análise político-econômica para explicar o universo dessas práticas; 2) realização de um recorte histórico que possibilite compreender o surgimento dessas práticas anterior à modernidade e ao processo de ocidentalização das culturas; e, em consequência disso; 3) fazer uma análise sobre o objeto que vá além da crítica à institucionalização do saber no projeto eugenista-higienista da sociedade moderna.

As práticas corporais de movimento, sejam lúdicas ou terapêuticas, são tão antigas quanto a própria humanidade. Torna-se, portanto, necessário para sua compreensão, o desvelamento de alguns códigos culturalmente construídos em vários momentos históricos, reconhecendo que não são somente os aspectos racionais ou economicamente caracterizados da vida moderna que determinam a construção e a interpretação da realidade em diferentes contextos. Acreditamos que os estudos antropológicos, desde os mais antigos aos mais atuais, sem dúvida, representam um caminho fundamental para se enfrentar tal desafio. Pois segundo o plano metodológico utilizado nesse tipo de estudo, é *“da interação entre os processos coletivos e as trajetórias individuais que deveria surgir uma compreensão adequada das*

condições em que se desenvolvem os principais problemas de um grupo, assim como as estratégias que se elaboram para transformar o futuro” (BIBEAU, 1992, p.16).

Diversos trabalhos realizados no campo da sociologia e antropologia do corpo e da saúde-doença, entre eles, principalmente, Le Breton (1992), Laplantine, (1986), Kleinman (1978) e Boltanski, (1978), na referência estrangeira; e Alves e Rabelo (1998), Leal (1995), Minayo e Alves (1994) e Uchôa e Vidal (1994), no plano nacional, se integram aos pressupostos acima citados, demonstrando a importância de refletir o objeto nas ciências humanas e sociais através do enfoque sócio-histórico-cultural. A partir deste, torna-se possível reconhecer que a constituição dos fatos sociais se dá na fusão de múltiplos significados de natureza biológica, filosófica, religiosa, política, ética, moral entre tantas outras.

No campo da saúde-doença, segundo Uchôa e Vidal (1994, p.497), através da abordagem antropológica é possível apontar *“os limites e a insuficiência da tecnologia biomédica (...) e compreender que “o estado de saúde de uma população é associado ao seu modo de vida e ao seu universo social e cultural”*. Essa proposta possibilita também reconhecer o sujeito enquanto unidade criadora e re-criadora de conhecimentos e práticas dentro de um sistema sócio-cultural maior.

Geertz (1978), afirma que *“olhar as dimensões simbólicas da ação social (...) não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas”; é mergulhar no meio delas”*. Para ele, a inclinação essencial da antropologia interpretativa não é encontrar respostas *“às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram (...) e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou”* (1978, p.40).

Neste sentido, ao refletir sobre as concepções de corpo, atividade física esportiva e saúde-doença, em uma abordagem sócio-cultural, é preciso levantar algumas questões tais como: 1) Quais os significados de corpo, atividade física esportiva e saúde-doença no cotidiano de homens e mulheres praticantes de atividades físicas esportivas na sociedade

contemporânea? 2) Como esses significados se diferenciam em determinado contexto sócio-cultural, espaço-temporal, tendo como eixo as questões de gênero e as fases de vida? 3) De que forma eles se associam com a saúde-doença? 4) Quais são as crenças e valores predominantes e divergentes nessas práticas de atividades físicas esportivas?

Diante de tais indagações, sintetizamos nossa proposta de estudo com base na identificação, descrição e análise dos significados das práticas de atividades físicas esportivas (como a caminhada, corrida e a ginástica) no cotidiano de homens e mulheres praticantes dessas atividades em espaços públicos em Salvador, analisando de que forma esses significados são associados ao processo saúde-doença entre os praticantes.

Para desenvolver tal proposta, seguimos um roteiro que incluiu a identificação dos espaços públicos em Salvador, onde vêm acontecendo de modo mais intenso as práticas de caminhada, corrida e ginástica de forma espontânea ou intencional, e os fatores de seleção envolvidos no seu uso.

Seguindo essa linha de análise, buscamos entender de que forma os processos de intervenção urbanística das áreas livres destinadas ao lazer em Salvador revelam e materializam o discurso sobre o corpo, atividade física, esporte e saúde-doença na contemporaneidade, compreendendo as formas de interação entre o corpo e o meio urbano (a cidade) a partir do desenvolvimento das atividades físicas na rua.

Através da análise dos processos coletivos e das trajetórias individuais dos praticantes de atividades físicas esportivas procuramos interpretar as concepções de corpo, atividade física esportiva, saúde e doença entre homens e mulheres nas diferentes fases de vida, com vistas a compreender a relação entre essas concepções e as ações dos sujeitos envolvidos nas práticas, nos seus aspectos sociais, culturais e terapêuticos.

Para tratar dessas questões explicitamos no Capítulo 1 os motivos que nos levaram a escolher a etnografia focalizada como uma estratégia de aproximação empírica do problema (signos e significados das práticas de atividades físicas na rua e sua relação com a saúde-

doença) e a legitimidade desta proposta para estudar o objeto numa abordagem sócio-antropológica. Neste momento, detalhamos o desenho metodológico adotado no estudo, e a contribuição de diversos autores que mais têm se dedicado na discussão do uso da etnografia na área das ciências sociais em saúde. Nesta etapa são apresentados os critérios adotados na aproximação do objeto, os suportes instrumentais na coleta de dados, a sistematização e categorias de análise, além do processo de inserção no campo e caracterização do universo do estudo.

No Capítulo 2 iniciamos a interpretação dos significados das práticas de atividades físicas em áreas livres com a saúde-doença, ligando-os às questões do espaço/natureza/cidade. Neste contexto são analisados os dados referentes aos projetos de intervenção urbanística nos espaços que comportam as atividades físicas esportivas e de lazer onde o estudo é realizado, no intuito de verificar de que forma esses projetos estão, historicamente, associados ao surgimento e evolução dessas práticas, a partir, inclusive, dos discursos dos praticantes sobre o espaço. São analisadas tanto as influências que as práticas sofrem segundo as características espaciais, bem como, em sentido inverso, as influências que as práticas exercem sobre esses espaços. Destacamos nesta análise os exercícios de reflexão e contemplação relacionados às práticas pelas pessoas entrevistadas.

No Capítulo 3 aprofundamos a análise dos dados etnográficos referentes às práticas de atividades físicas em espaços públicos tendo como roteiro o início dessas práticas pelos informantes, os elementos motivacionais, os desenhos (modo/sistemática) e significados segundo as categorias de gênero e fases de vida. Nesta etapa são colocados em discussão os processos coletivos e as trajetórias individuais, identificando diferenças e semelhanças de concepções e práticas entre os informantes. Na conclusão deste capítulo, fazendo uma ligação com os outros dois capítulos da tese, destacamos a ênfase no caráter promotor da reflexão dessas práticas em espaços públicos, bem como, a percepção das mesmas como estratégia/mecanismo de auto-cuidado e auto-ajuda.

No Capítulo 4, e último, considerando a função promotora da reflexão identificada no universo das atividades físicas esportivas em espaços públicos da cidade, analisamos as interconexões dessas práticas e a saúde com a ideologia individualista e a construção da subjetividade na sociedade moderna. Analisamos neste contexto o enfoque mítico-terapêutico dos signos e significados das práticas dentro de um modelo de auto-cuidado e auto-ajuda, fortemente desenvolvido e divulgado nas últimas décadas.

Capítulo 1

Aspectos teórico-metodológicos

As práticas corporais de movimento, tais como a ginástica, os esportes e os jogos, ao longo da história da humanidade têm ocupado um lugar de destaque em diversas sociedades a partir de significados diferenciados (HELAL, 1990). Imersas em contextos ideológicos, políticos, filosóficos, econômicos ou educativos, essas práticas representam e, simultaneamente, constituem símbolos sociais sob os quais se integram grandes redes culturais. A ciência, enquanto um dos elementos constitutivos dessa rede, tem reforçado o interesse pelas mesmas, principalmente a partir da idade moderna, ganhando maior impulso na sociedade contemporânea, o que vem contribuindo para o surgimento de novos adeptos da atividade física esportiva cotidianamente.

Inicialmente reconhecemos que os códigos utilizados pela abordagem científica clássica para “explicar” a existência das práticas corporais de movimento, não são suficientes para compreender sua complexidade e dinamismo. E isto pode ser explicado pelo fato dos sujeitos sociais nelas envolvidos estarem constantemente criando e recriando códigos que extrapolam modelos racionais do conhecimento, tornando-se necessário, portanto, para sua compreensão, a observação do modo como as pessoas, individual e coletivamente, se inserem e interagem com o mundo, através da identificação destes códigos repletos de significações culturalmente construídos. Deste modo, buscando expandir essa reflexão, nos propusemos identificar os signos e compreender os significados dessas práticas através dos sujeitos nelas envolvidos, reconhecendo como estes signos e significados se encontram associados ao processo saúde-doença pelos que as vivenciam e compartilham seus significados.

O entendimento de código cultural adotado diz respeito ao modo como os indivíduos produzem e reproduzem cotidianamente sua *práxis* social, carregada de sentidos, próprios do

contexto no qual esta se desenvolve. É a construção social de um determinado “*modo de vida*” (MINAYO, 1997) dentro de “*estruturas significantes*” (GEERTZ, 1978 e ORLANDI, 1996).

Para Barthes (1992), o código cultural “*é uma perspectiva de citações, uma miragem de estruturas; dele só conhecemos os pontos de partida e os retornos (...); são estilhaços desse algo que sempre já foi lido, visto, feito, vivido*” (1992, p.54). A sua interpretação, no contexto das práticas corporais de movimento, nos permitirá identificar, por exemplo, “*as citações de uma ciência ou de uma sabedoria*” sobre corpo, esporte, lazer, saúde e doença (promoção, prevenção e cura), presentes nas práticas e nas concepções dos sujeitos envolvidos. Podemos investigar como essas idéias refletem os saberes historicamente construídos sobre o tema. Reconhecer, também, como valores sociais como beleza, disciplina e moral estão representadas no cotidiano dessas práticas e integram o universo da saúde-doença dos praticantes. Apontar, ainda, como o contexto das práticas corporais está relacionado com sentimentos de dor, alegria, prazer, medo, (in)satisfação e bem-estar, mal-estar dos indivíduos frente às questões mais gerais da sua vida cotidiana.

Para isso, tomamos como ponto de partida a definição de cultura de Geertz (1978) como *uma cadeia complexa de estruturas significantes*, a fim de entender que as práticas corporais de movimento refletem e, ao mesmo tempo, constituem essa cadeia cultural, sendo elas mesmas, um dos feixes desse processo. No interior dessa rede encontram-se códigos que perpassam desde a escolha ou definição da modalidade das práticas, à escolha da vestimenta ou equipamento, o local, o horário, o ritmo bio-fisiológico a que elas devem estar submetidas, segundo o contexto sócio-ambiental-cultural em que estão inseridas.

Mas é compreender, ainda, que esses códigos estão sempre em diálogo com outras culturas, no sentido utilizado por Dumont (1985) de que “*as culturas agem umas sobre as outras e, portanto, comunicam de alguma maneira*” (idem, p.253). E que não devem, portanto, parecer que elas sejam “*tão independentes umas das outras*”.

Enfim, estando intrinsecamente correlacionados a outras estruturas significantes, os códigos culturais carregam noções de gênero, classe, religião, educação, ciência entre outras, e a sua interpretação pode se dar através dos discursos e práticas dos atores sociais, neste caso, dos praticantes de atividades físicas esportivas em áreas livres em Salvador.

Desta forma, optamos pela etnografia focalizada como estratégia de aproximação empírica do problema, acreditando que para se alcançar o objetivo de interpretar, compreender e explicar os signos e significados contidos nessas práticas corporais, tornou-se necessário, utilizando-se da proposta teórico-metodológica de Bibeau (1992, p.4-5): 1) o levantamento de dados, eventos, discursos e ações relacionados às práticas corporais de movimento associadas a saúde-doença; 2) a categorização desses dados; e 3) a análise profunda e prolongada sobre seus significados, através do reconhecimento de dados complementares. Ou seja, realizamos uma reflexão sobre esses significados e práticas, obedecendo a critérios e sistemas metodológicos baseados nas ciências sociais em saúde, os quais permitem reconhecer e compreender categorias problemáticas e significativas que se destacam na relação corpo, atividade física esportiva e saúde em um determinado grupo populacional.

A adoção desses critérios nos permite compreender a cultura como algo em constante dinamismo e transformação, capaz de agregar elementos históricos, comprometidos com questões de múltipla natureza (filosófica, política, ideológica e educativa), profundamente vinculados com o tempo e o espaço social. Isto significa dizer que o fato de elegerem determinada atividade física esportiva, como a corrida ou a caminhada, por exemplo, em detrimento de uma outra atividade (como musculação, ginástica, dança etc.); ou ainda, ao optarem pelo espaço da rua (espaço público) em oposição ao espaço da academia, do clube ou, até mesmo, da casa (espaço privado), as pessoas estão construindo e conferindo significados a essas práticas, que em outros contextos poderiam ser compreendidas de modo diferente, segundo as idéias dominantes de cada cultura.

Mauss (1974) é um dos pioneiros no uso da etnografia para descrever, através de critérios sócio-antropológicos, *“as maneiras como homens e mulheres, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”* (1974, p.211). A tese defendida por este autor é que as práticas corporais, como a caminhada, a natação e outras no campo esportivo, referem-se a uma *“técnica corporal específica”* em época e espaços distintos (idem, p.213). Ele afirma que *“cada sociedade tem hábitos que lhe são próprios”*, e que a adaptação constante das *técnicas corporais “é perseguida em uma série de atos montados (...) no indivíduo não simplesmente por ele mesmo, mas por toda a educação, por toda sociedade da qual ele faz parte, no lugar que ele nela ocupa”* (idem, p.218). Para compreender estes “hábitos”, propõe o autor, torna-se necessário observar *“técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual”* (idem, p.214).

Na visão de Kleinman (1995, p.194), o uso da etnografia, *“possibilita o entrelaçamento de diferentes literaturas acadêmicas e descobertas científicas a diferentes significados”*. Para ele, esta representa um suporte de material de estudo de análise cultural, autorizando o etnógrafo analisar diferentes problemas e temas especiais, permitindo ao pesquisador compor *“um processo interativo que vai e volta cruzando contexto etnográfico, a teoria social e questões chave”* (idem, p.194).

Nesta referência, a cultura, tomada como objeto dos estudos antropológicos e concebida como *“sistema entrelaçado de signos”*, precisa ser compreendida em um contexto, algo dentro do qual os acontecimentos, comportamentos, processos, podem ser *“descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade”* (GEERTZ, 1978, p.24). Neste sentido, segundo o autor, o objeto da etnografia estaria na *“hierarquia estratificada de estruturas significantes”* em termos das quais esses acontecimentos, comportamentos, processos, são produzidos, percebidos e interpretados, e, sem as quais eles de fato não existiriam. Para Geertz, *“é na prática social da etnografia, da interpretação negociada das ações dos indivíduos que nós podemos desenvolver as ‘idéias’ que constituem a cultura”* (idem, p.24).

Esta se concebe como o universo de símbolos e significados que permite aos indivíduos de um grupo interpretar experiências e guiar suas ações.

A interpretação antropológica, segundo Uchôa (1994), *“estabelece ligação entre as formas de pensar e as formas de agir dos indivíduos em grupo, ou seja, entre os aspectos cognitivos e pragmáticos da vida humana, ressaltando a importância da cultura na construção de todo fenômeno humano (1994, p.497).* Através desta perspectiva, afirma a autora, *“considera-se que as percepções, as interpretações e as ações”*, nos distintos campos e práticas sociais, como a saúde, são culturalmente construídas. Este enfoque, ainda segunda ela, *“ressitua nossas premissas básicas no horizonte epistemológico ocidental, tornando possível uma perspectiva crítica frente a nossas ‘verdades’ mais fundamentais e favorecendo a construção de um novo paradigma para a abordagem da saúde e da doença”* (idem, p.497-500).

Através da abordagem antropológica podemos, então, conhecer diferentes significados simbólicos ou teóricos que orientam as práticas de determinados indivíduos dentro das atividades físicas esportivas, possibilitando identificar diferenças e semelhanças dos mesmos no âmbito coletivo. Isto significa, essencialmente, a possibilidade de falar *“de um sujeito coletivo através de casos particulares”* (Bibeau, 1997a, p.3).

Assim, o próprio conceito de atividade física cientificamente definido por Caspersen et al. (1985) como *“qualquer movimento corporal, produzido pela musculatura esquelética, que resulta em gasto energético”*¹, em estudos antropológicos, sem dúvida nenhuma deve extrapolar o entendimento de uma ação exclusivamente biomecânica. Nessa perspectiva, a atividade física deve ser vista na diversidade de idéias, sentimentos, crenças, interesses e representações de indivíduos e grupos, os quais, a partir de códigos próprios, realizam e interpretam tais ações. Dessa forma, acreditamos que o conhecimento e a interpretação desses

¹ Grifos nossos

códigos permitem compreender esses fenômenos, através da análise dos diferentes discursos existentes entre os grupos sociais envolvidos.

Para Bibeau (1992, p.10), a análise sobre os discursos e fatos em grupos populacionais, vinculados às condições específicas do seu contexto cotidiano de vida, revela que coexistem em um mesmo meio, diferentes leituras sobre uma mesma situação ou problema, prevalecendo entre uma e outra leitura questões sociais, econômicas, políticas, culturais, familiares ou individuais. Em suas palavras: *“toda comunidade fala com muitas vozes”*. Por isso, advoga o autor, cabe ao investigador reconhecer o conjunto dos discursos locais sob os quais as pessoas constroem suas interpretações. Isto pode incluir, por exemplo, a possibilidade de refletir sobre uma maior circulação entre os saberes científicos e populares existentes num determinado contexto de vida.

No entanto, para realizar tal análise ao lado das pressuposições culturais, da intertextualidade e das experiências maiores que marcam a vida de uma sociedade, Bibeau (1997a, p.14-15) propõe uma leitura etnocrítica submetida a quatro regras principais: 1) que resgate as configurações centrais da narrativa de um estudo a fim de preencher os espaços em branco do texto, ligando a narrativa ao horizonte da cultura a qual pertence; 2) que identifique os conflitos estruturais típicos que conduzem a narrativa no momento do estudo; 3) que tome o texto numa abordagem dialógica, reconhecendo o encontro dos interlocutores; 4) que descubra e analise as práticas retóricas particulares de um grupo, já que essas podem influenciar a construção das narrativas.

Finalmente, diante das proposições acima mencionadas, nos guiamos através da etnografia focalizada, já que ela possibilita reunir um conjunto de estratégias metodológicas que, certamente, permitem alcançar o desafio lançado de interpretar, compreender e explicar os signos e significados das práticas de atividades físicas esportivas associados à saúde.

1.1 Métodos e técnicas de coleta dos dados

“A pesquisa científica se constrói por referência com o mundo dos acontecimentos, que são apenas os efeitos de estados de coisas presumidas, de uma ‘realidade’ suposta”.

De Bruyne et al. (1982).

A adoção do método etnográfico nos conduziu a uma abordagem qualitativa, considerando sua pertinência diante da temática do estudo, pois, através dela, podemos analisar o objeto em múltiplas condições e relações, discutindo idéias, situações e interesses de determinado grupo, em local e tempo também determinados. Desta forma, consideramos que para chegar a compreendê-lo era preciso observar regularidades, diferenças, conflitos, contradições e os condicionantes histórico-sociais e culturais na construção da realidade.

Para tanto, selecionamos três estratégias de coleta de dados, sendo estas: 1) a observação através da identificação e registro dos fatos sociais relacionados ao objeto de estudo, com o suporte de material fotográfico como técnica de coleta de dados; 2) a entrevista (individual e de grupo) como procedimento de coleta de narrativas; e 3) a análise documental, com base na leitura proposta pela etnocrítica, de referências que abordam temas sobre o objeto do estudo. Essa escolha se deu por reconhecer que essas estratégias atendem às características e objetivos do estudo, pois elas permitem identificar e descrever as formas de pensar-fazer dos sujeitos envolvidos com as práticas corporais de movimento, na medida em que revelam as idéias, representações e ações destes sujeitos na construção da realidade, situando esta num contexto mais amplo da cultura contemporânea de corpo e da saúde.

A observação direta, adaptando a referência da “*antropologia factual*”, apresentada por Bibeau (1992, p.6), se desenvolveu a partir dos seguintes passos:

- a) Observação de ações, eventos, comportamentos e dados concretos relacionados com diferentes categorias de significação das atividades físicas esportivas em diferentes grupos de pessoas;
- b) Complementação destas observações através da coleta de dados e análise de arquivos ou documentos que dizem respeito às práticas estudadas, como aqueles originários das associações/instituições que organizam ou orientam esses grupos e os locais das práticas.

Através das entrevistas semi-estruturadas e não-estruturadas registramos as narrativas, que foram analisadas, revistas e aprofundadas como ponto de estratégia de compreensão e explicação do fenômeno em causa. Este procedimento foi de grande relevância, uma vez que na pesquisa qualitativa *“a coleta e a análise de dados não são divisões estanques. As informações que se recolhem, geralmente são interpretadas e isto pode originar novas buscas de dados”* (TRIVIÑOS, 1994, p.131), permitindo aprofundar o estudo.

Nas entrevistas individuais *“os detalhes mais ricos a respeito das experiências pessoais, decisões e seqüência das ações”*, foram questionados segundo *“circunstâncias particulares”* dos entrevistados. Já nas entrevistas de grupo, procuramos observar o que há de consenso e divergência entre as pessoas, explorando *“o espectro de atitudes, opiniões e comportamentos”* (GASKELL, 2002, p.77-78). Este tipo de entrevista forneceu *“critérios sobre o consenso emergente e as maneiras que as pessoas lidam com as divergências”* à medida que elas foram contrastando e partilhando experiências, interesses e preocupações comuns (idem, p.77).

A entrevista com alguns informantes-chave tornou possível identificar algumas idéias, conceitos, crenças, valores e significados que constituem o contexto dessas práticas sociais em diferentes situações espaço-temporais. Essa técnica possibilita reconhecer que *“os fatos [sociais] são geralmente acompanhados de múltiplos discursos locais que são elaborados para dar sentido às situações problemáticas vividas pelas pessoas”* (BIBEAU, 1992, p.10).

O valor da entrevista para a pesquisa qualitativa é destacado por Minayo (1992), que a considera um instrumento privilegiado de coleta de dados nas ciências sociais, uma vez que esta técnica cria a possibilidade de:

“...a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas” (1992, p.109).

Isto é, a partir dos discursos dos entrevistados é possível refletir acerca das micro e macroestruturas que norteiam as práticas das atividades físicas esportivas em relação à questão da saúde, tanto no aspecto individual como coletivo.

Adotando a idéia de uma “*antropologia narrativa*” proposto por Bibeau (1992, p. 6), o emprego das entrevistas obedeceu as seguintes estratégias:

- a) Coleta de modo generalizado e diversificado de relatos das pessoas e grupos que participam diretamente no cotidiano das práticas das atividades físicas esportivas. Sendo esses considerados como “*relatos embrionários*”.
- b) Reconstrução sistemática das narrativas a partir do desenvolvimento de questões particulares concretas de pessoas e de grupos, a fim de torná-las cada vez mais profundas e densas. Sendo esses relatos, portanto, considerados como “*relatos sistemáticos*”.

A partir desta orientação, elaboramos o roteiro de entrevista que abordou temáticas selecionadas, constituídas de três blocos, que por sua vez foram subdivididos em: o primeiro correspondeu às características sócio-culturais dos praticantes de atividades físicas esportivas; o segundo, a caracterização das práticas segundo o local, tempo, tipo, frequência, horário e categoria (individual e grupal); o terceiro, os significados das práticas associados às

concepções de corpo, atividade física, esporte e saúde-doença entre homens e mulheres praticantes de atividades físicas esportivas nas diferentes fases de vida.

A análise documental serviu para situar a configuração dos espaços utilizados para as práticas de atividades físicas esportivas do ponto de vista histórico e institucional. Correspondeu à coleta e sistematização de dados referentes ao processo de intervenção urbanística nos espaços públicos de lazer de Salvador, no intuito de identificar a possível associação entre essas intervenções e a evolução das práticas esportivas em áreas públicas, verificando, por exemplo: Quando essas intervenções iniciaram? Quais os critérios e objetivos foram adotados na elaboração dos projetos de intervenção para esses espaços? Como esses espaços se caracterizam, a partir da lógica institucional das políticas de esporte, saúde e lazer? Como os modelos de intervenção dos espaços de lazer da cidade revelam e materializam a cultura corporal de movimento no contexto atual? E, por fim, como as práticas esportivas estão associadas com a organização do espaço urbano?

Como recursos de análise documental foram coletados artigos de alguns jornais locais, planos, projetos e relatórios institucionais e documentos de arquivos públicos.

A coleta de documentos e estatísticas [minutas de reuniões, relatórios, planos, recortes de jornais e revistas...] gerados pela comunidade ou organização, segundo Becker (1994), podem propiciar um histórico útil. Uma documentação necessária das condições de ação para um grupo (como um conjunto de regras codificadas) ou um registro conveniente de eventos e análises.

A análise documental foi necessária para identificar fronteiras e compreender a interação entre as variações dos discursos possíveis, sobre um determinado grupo ou prática social, pois a ‘escuta’ dos sistemas organizativos e institucionais pode nos levar à reflexão acerca da heterogeneidade dos modos e estruturas culturais de uma dada sociedade. Ela atende uma das prerrogativas principais da etnografia focalizada no momento que permite ao investigador se colocar *“na escuta do conjunto de discursos que coexistem, se confrontam e*

se dinamizam no centro de uma mesma comunidade” (BIBEAU, 1992, p.12, tradução nossa).

Neste caso, poderão ser adicionados para análise os documentos utilizados como referência ao tema de estudo, mencionados pelos informantes-chave.

O uso de recursos documentais, seguindo uma perspectiva hermenêutica proposta por Casal (1996, p.50), deve favorecer a constituição do “*círculo hermenêutico*”, no qual “*a compreensão e a interpretação pressupõem um mundo de sentido partilhado entre o eu e o outro, entre passado e presente, entre o todo e a parte, entre o interpretado e o intérprete*”. Sendo que para ele, o mundo hermenêutico é constituído por dois tipos de objetos hermenêuticos: objetos simbólicos passados (instituições, textos, obras, patrimônios etc.) e objetos simbólicos presentes (discursos, opiniões, representações linguagens, comportamentos etc.)

Evidentemente que “*não há lugar para juízos absolutos de valor (bons ou maus desenhos) para avaliar a qualidade metodológica de uma investigação. A validez de uma dada estratégia de investigação se estabelece relativa ao problema científico enfocado*” (ALMEIDA FILHO, 2000, p.46 e 47). Entretanto, estamos certos de que as estratégias aqui adotadas atendem nossa expectativa quanto à possibilidade de conhecer e compreender nosso objeto, a fim de construir ou reconstruir conhecimentos confiáveis sobre o mesmo.

1.2 Estratégia de análise dos dados

A interpretação dos dados, coletados através de entrevistas, da observação direta e da análise documental, levou em consideração a análise sobre a linguagem como proposta de reflexão crítica à produção e a apreensão de significantes (sentidos) e significados (contexto). Isto implica na observação da interação entre o ser que fala e o mundo a sua volta, pois, “*a*

apropriação da linguagem é social, os sujeitos não são abstratos e ideais, mas estão mergulhados no social que os envolve” (ORLANDI, 1996, p.150).

Esse modelo parte do pressuposto de que *“as informações pertinentes às ciências sociais, os acontecimentos, os ‘fenômenos’ são frequentemente ‘traços’ já significantes, antes de qualquer pesquisa científica*”. E que *“a significação das ‘coisas sociais’ lhes advém da prática simbólica dos próprios atores sociais*” (DE BRUYNE, 1982, p.202).

Na proposta de Bibeau (1992), esse modelo se torna pertinente aos estudos sócio-antropológicos quando se aplica um sistema de aproximação semântico-pragmática dos problemas que se encontram nas comunidades. Para ele, esse sistema só pode se tornar compreensível, em sua estrutura interna, através da semiologia popular e do sistema interpretativo existente dentro de um grupo. Isso significa dizer que a análise sobre determinados eventos, comportamentos, ações e atitudes de determinado grupo social precisa considerar as interpretações nativas existentes sobre os mesmos, já que os atores sociais parecem estar aptos a *“decodificar as dinâmicas que estão na base de sua sociedade”*, identificando contradições e vinculando os sistemas de ação às *“condições específicas do seu contexto cotidiano de vida”* (1992, p.8-9. Tradução nossa).

Bibeau e Corin (1995) afirmam que *“os atores sociais são geralmente bem conscientes dos significados”* das coisas, dos fatos, e estão, por essa razão, *“aptos a realizar interpretações do que acontece na sua vida cotidiana”* (1995, p.15). A interpretação das ações pelos próprios atores, *“a tornam inteligíveis”*, ou seja, indica *“o que as pessoas têm a dizer sobre o que elas fazem e a razão para as suas ações”* (BIBEAU, 1997^b, p. 252. Tradução nossa).

Podemos dizer que essa proposta de análise reconhece que *“a análise etnográfica consiste na escolha de códigos estabelecidos entre as estruturas de significação, determinando sua base social e sua importância”* (GEERTZ, 1978), diante do mundo dos interlocutores envolvidos.

Por outro lado, Bibeau (1992) afirma que os estudos antropológicos não devem se realizar exclusivamente a partir das interpretações nativas. Em seu ponto de vista eles devem “*se construir das interpretações de segundo nível, ou prolongando as interpretações ‘nativas’ que ele traduz em outra linguagem, ou fazendo emergir os sentidos que podem escapar aos atores sociais*” (1992, p.14, tradução nossa). Neste caso, ele propõe um trabalho cooperativo com os intérpretes locais no processo de controle, correção e confrontação que podem surgir com as novas interpretações, na intenção de se prevenirem os perigos decorrentes da análise hermenêutica que em alguma medida expõe o texto dos discursos nativos a uma violência interpretativa (BIBEAU, 1992). Em sua proposta esse trabalho corresponderia ao terceiro nível de um estudo etnográfico, que ele chama de uma “*antropologia interpretativa*”. Os outros dois níveis antecedentes a este corresponderiam a “*antropologia factual e comportamental*”, representando “*a observação de fatos, práticas, comportamentos e dados concretos relacionados às categorias de problemas*” nas comunidades estudadas; e uma “*antropologia narrativa*”, incluindo a coleta de relatos populares espontâneos, seguida da “*reconstrução sistemática de casos ativos e retrospectivos através dos relatos de informantes-chave*” (1992, p. 6, tradução nossa).

A interpretação dos atores sociais, enquanto uma “*interpretação de primeiro nível*” (BIBEAU, 1997b) serve de “*base para qualquer entendimento antropológico de significados*”. Elas produzem sugestões e diretrizes para o antropólogo fazer “*interpretações de segundo nível dos comportamentos, conseqüentemente conduzindo a generalizações*” (idem, p.252, tradução nossa).

A incorporação das interpretações nativas se propõe “*investigar de modo mais denso as categorias que podem escapar dos próprios informantes*”, enquanto um processo colaborativo de interpretação, “*implicando correções, controles, confrontações entre o que os atores culturais pensam sobre o seu mundo*” e as propostas antropológicas de interpretação (BIBEAU e CORIN, 1995, p. 15, tradução nossa).

A análise hermenêutica que baseou a leitura das narrativas coletadas neste estudo, tomou como referência a proposta de Bibeau e Corin (1995) a partir das seguintes características: a) incorporação de uma pluralidade de códigos e multiplicidade de vozes do texto; b) interpretação através de uma análise dialógica entre os interlocutores; e c) a consideração do contexto, buscando olhar o texto como um todo (idem, p.38).

Alguns elementos da estratégia de análise hermenêutica proposta por Barthes (1992), ao nosso ver, mereceram ser considerados num sentido auxiliar no processo de interpretação dos discursos nativos, e foram, em determinados momentos utilizados na análise dos textos coletados. Entre eles, especificamente, os “*elementos plurais*” do texto.

A partir de *códigos não hierarquizados*, Barthes (1992) propõe que sejam revelados os elementos plurais de um texto, buscando os seus múltiplos sentidos (1992, p.48-49). Para ele, “*interpretar um texto não é dar-lhe um sentido (mais ou menos embasado), é, ao contrário estimar de que plural ele é feito*” (idem, p.39). Assim, o autor afirma que primeiro, devemos tomar no texto a imagem de um plural triunfante, não limitado por coerção de representação (de imitação). Sua proposta se configura em dois processos. O primeiro, numa leitura do “*texto estrelado*”:

“*Separando-o em blocos de significação cuja leitura capta apenas a superfície lisa, imperceptível soldada pelo fluxo das frases, o discurso fluente da narração, a grande naturalidade da linguagem corrente. O significante de apoio é cortado em uma seqüência de curtos fragmentos contíguos, que aqui chamaremos lexias², já que são unidades de leitura (...). O corte incide sobre o significante enquanto a análise sobre o significado*” (idem, p.47).

O processo seguinte se realiza no “*texto quebrado*” que consiste em “*listar sistematicamente a translação e a repetição dos significados*”. Não para “*estabelecer a verdade do texto*” como afirma o autor, mas sim “*seu plural*”. Para ele, “*não se exporá a crítica de um texto, ou a crítica desse texto; propor-se-á a matéria semântica de várias*

² A lexia para Barthes é apenas “*o envelope de um volume semântico, a linha saliente do texto plural, disposta como uma base de sentidos possíveis (...) sob o fluxo do discurso*” (1992, p. 47-48).

críticas (psicológica, temática, histórica, estrutural); em seguida caberá a cada crítica fazer ouvir a sua voz, que é a escuta de uma das vozes do texto. O que se procura é esboçar o espaço estereográfico de uma escritura” (idem, p.48).

A interpretação etnográfica de Barthes, segundo Bibeau (1997a, p.9-10), não é uma maneira de dar sentido ao texto, mas ao contrário, “*é apreciar, realizar, do qual ele é fabricado em sua pluralidade de sentido*”, já que “*o texto é uma galáxia de significantes e não uma estrutura de significados*”. E o texto não é jamais total porque implica a *intertextualidade*. Na sua percepção, não existe uma possibilidade de uma totalização no texto, “*são as margens em torno dos textos, são os espaços vazios que devem ser preenchidos*” (idem, p.9). Bibeau e Corin (1995) complementam dizendo que “*para produzir significados completos, qualquer texto precisa ser lido em conexão a outros textos e ao contexto*” em que foi escrito (1995, p.9).

Baseados nesses modelos interpretativos, sistematizamos os dados coletados em categorias a partir da orientação consolidada em um livro de códigos, no qual pudemos identificar concepções, comportamentos, expressões, conteúdos, entre outros elementos estruturantes da realidade estudada. Dessa forma foi possível situar, através da observação participante e da coleta de narrativas, as categorias centrais e as subcategorias, signos e significantes mais proeminentes no estudo.

A análise sobre as narrativas considerou tanto as informações diretamente relacionadas com as questões que nós formulamos, quanto àquelas que surgiam conforme as categorias levantadas por nossos informantes. O tratamento dessas categorias diferentes de informação, segundo Pondé (2000, p.59), considera a “*natureza dialógica*” das entrevistas, a qual observa “*a influência mais direta do interlocutor*”. Por um lado, o entrevistador escolhendo o “*tópico a ser abordado*”, guiando a entrevista com novas questões. Por outro, os informantes orientando a entrevista “*com as suas respostas*”. O importante dessa análise, afirma a autora, é

“a identificação de categorias êmicas relevantes para a compreensão dos comportamentos e significados” (idem, p.61).

A consideração das categorias êmicas surgidas nas respostas dos informantes foi fundamental para perceber as ligações semânticas dos termos utilizados pelos mesmos para explicar a relação entre a atividade física esportiva com a saúde-doença. Este procedimento analítico contribuiu para a verificação da *“existência de um número limitado de termos que atravessam as várias narrativas”* (BIBEAU E CORIN, 1995, p.50), como por exemplo: bem estar, boa forma, juventude, envelhecimento, equilíbrio entre outros. Mas também, perceber de que forma estas categorias estão ligadas a termos diversos, tais como: cansaço, leveza, disposição, interação, solidão, liberdade etc., descritos nas trajetórias individuais dos informantes.

O aprofundamento da análise das categorias levantadas nas narrativas foi articulada à observação das ações, comportamentos, atitudes e formas de interação entre os praticantes de atividades físicas esportivas. A integração dos recursos textuais com a observação participante permitiu verificar o modo pelo qual as pessoas descrevem as suas práticas, bem como, identificar comportamentos habituais e incomuns no cotidiano destas. Nesta análise, foi observada de forma mais detalhada, a maneira que as pessoas utilizam os espaços para a prática das atividades físicas esportivas, já que os mesmos aparecem como categorias relevantes na descrição das suas trajetórias individuais, estabelecendo ligações diretas entre os sentidos das práticas com a saúde-doença a partir da consideração do ambiente.

1.3 O campo de estudo

Nossa aproximação com as práticas das atividades físicas esportivas em espaços públicos em Salvador aconteceu num período anterior à realização deste estudo. O primeiro

contato com os espaços urbanos onde essas práticas se desenrolam se deu, inicialmente, no Dique do Tororó, e logo em seguida no bairro da Barra, no final da década de oitenta, quando ainda éramos estudante de graduação em educação física. Naquele período, residíamos próximo desses locais - primeiro no Jardim Baiano (acima do Dique do Tororó) e logo em seguida no Porto da Barra, e mantínhamos uma certa rotina de atividades esportivas, conseqüentes da nossa trajetória de atleta. Além do mais, buscávamos em certa medida manter uma aproximação com a formação profissional na área da educação física, que naquele contexto já apontava para o fortalecimento de uma cultura esportiva baseada na prática sistemática de corridas em áreas livres, tendo participado inclusive, embora ainda estivéssemos muito prematuros academicamente, de uma atividade de pesquisa-extensão no Farol da Barra, chamada Clínica da Corrida, realizada junto aos professores e alunos da Universidade Católica do Salvador.

O trabalho que realizávamos naquele período consistia num sistema de avaliação clínica muito simples, composta da aferição da pressão arterial e dos batimentos cardíacos e da orientação para a prática de atividades físicas junto aos adeptos do “cooper” na Barra. Sua proposta, seguindo os trabalhos de Kenneth Cooper (1987) se baseava nas descobertas científicas no campo da medicina desportiva e tinha como finalidade a divulgação da função preventiva da corrida, segundo os parâmetros médicos e cineantropométricos.

Naquele tempo já se constituía uma prática comum, porém ainda não tão popularizada como hoje, a corrida do trecho do Porto da Barra até o Morro do Cristo (após o Farol) e em torno do Dique do Tororó. Além desses espaços, a orla, no trecho do Jardim dos Namorados até o Aeroclube, e o Parque da Cidade, próximo ao bairro da Pituba, eram, e ainda são, alguns dos locais mais utilizados pela população para a prática das atividades físicas esportivas diversas. Com a ampliação dos usos dos espaços urbanos para esse tipo de prática nos últimos quinze anos, muitos outros pontos da cidade (tanto na sua região sul como norte, tanto nos parques como nas avenidas, tanto na orla como nas vias de acesso comuns), são usados pelas

pessoas para realizar caminhadas, corridas, ginástica e outras práticas corporais de movimento tradicionais como o futebol, popularmente conhecidas como o “baba” ou a “pelada”, a capoeira, o tai chi chuan etc.

As experiências que acumulamos durante mais de quinze anos evidenciavam uma grande diversidade de espaços e de práticas, apontando para a necessidade de delimitar nosso campo de estudo de forma a atender os objetivos da investigação. Primeiro, definimos as práticas, selecionando a caminhada, a corrida e a ginástica como principal objeto de observação e análise, por entendermos que elas integram atualmente um elemento comum na relação com o campo da saúde-doença em nossa sociedade, representando as manifestações culturais de movimento corporal de maior adesão na prática de atividades físicas esportivas e de lazer nos espaços públicos da cidade, atraindo a participação de pessoas de ambos os sexos, de diferentes idades e condições sociais.

Em seguida, selecionamos os espaços. Fizemos um mapeamento das áreas utilizadas para as práticas da caminhada, corrida e ginástica em áreas livres de Salvador, obedecendo a critérios tais como: 1) maior densidade de uso desses espaços pela população; 2) sua importância no contexto histórico das práticas de atividades físicas esportivas; 3) sua localização no conjunto da cidade, o que pode indicar uma maior homogeneidade ou heterogeneidade social dos praticantes de atividades físicas esportivas; 4) as intervenções físicas nesses espaços para melhor adequá-las às atividades físicas esportivas; 5) significados sócio-culturais para a comunidade onde as práticas ocorrem. Observando esses critérios, optamos por realizar nosso estudo no Farol da Barra, Jardim de Alá e o Parque Dique do Tororó.

O trabalho de campo sistemático exigiu nossa presença entre as pessoas que realizam as práticas das atividades físicas esportivas, para que pudessemos identificar e selecionar alguns informantes-chave com os quais realizamos entrevistas. Assim, como parte da estratégia da observação participante, buscamos uma inserção e envolvimento no “*ambiente*

social” dessas práticas, na tentativa de “*conhecer as pessoas que estão envolvidas*” com elas, observando “*as suas rotinas diárias*” e o que está acontecendo em torno delas (EMERSON, 1995, p.1). Junto a isto, através de “*meios sistemáticos regulares*” (como anotações no caderno de campo, fotografias, coleta de recortes de jornais,...) registramos, de forma sistemática, tudo que foi observado.

A observação participante sistemática, como forma de acesso a realidade foi realizada como:

“uma fórmula para o contínuo vaivém entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ dos acontecimentos: de um lado captando os sentidos das ocorrências e gestos específicos, através da empatia; de outro, dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos. Acontecimentos singulares, assim, adquirem uma significação mais profunda ou mais geral, regras estruturais, e assim por diante” (CLIFFORD, 1994, p.33).

No contato direto que tivemos com os informantes procuramos não mencionar nossa formação em educação física, para evitar o surgimento de expectativas que poderiam eventualmente influenciar na construção do discurso sobre as práticas corporais. Apresentávamos como docente da Faculdade de Educação da UFBA interessada em estudar a cultura corporal de movimento através das práticas das atividades físicas esportivas na rua. Falávamos do interesse em saber por que as pessoas estavam naquele local, o que elas foram fazer ali, e o que pretendiam com aquelas atividades. Essa atitude reflete um pouco a nossa preocupação no sentido de que as informações levantadas não tivessem uma única direção, como por exemplo, uma interpretação por parte dos informantes da sua condição física relacionada ao seu desempenho nas atividades físicas esportivas. Nosso propósito foi encontrar as diferentes razões que levam as pessoas a praticarem atividades físicas esportivas de tal ou qual forma naqueles espaços e os significados dessas em suas vidas.

A observação e o contato com as pessoas nos espaços ocorreram de modo direto, espontâneo, sem interferência de quaisquer mecanismos institucionais. Esse contato se deu de

forma muito positiva, havendo freqüentemente grande receptividade dos informantes com relação ao estudo, e algumas vezes, a demonstração de grande empolgação, no sentido deles poderem estar relatando, divulgando suas experiências em torno das práticas das atividades físicas esportivas. O momento de interação entre a observadora e os observados, nos pareceu como mais uma das múltiplas formas de relação social que as práticas de atividades físicas possibilitam. Ou seja, os praticantes de atividades físicas esportivas demonstraram que estão sempre aproveitando as oportunidades de interlocução com os seus pares, para troca de experiências, conselhos e sentimentos, sendo possível incluir neste rol, as pessoas academicamente interessadas em suas experiências e sentimentos.

Buscando demonstrar a heterogeneidade no contexto sócio-cultural das práticas de atividades físicas esportivas, o universo do estudo foi constituído por homens e mulheres de diferentes idades e condições sócio-econômicas, que têm em comum a utilização de espaços públicos da cidade para a realização de caminhadas, corridas e ginástica, de forma individual e em grupos.

No total, foram realizadas 36 entrevistas, sendo 21 destas individuais e 15 em grupos, com 27 mulheres e 31 homens. A idade entre os homens variou de 14 e 83 anos e de 18 a 76 anos entre as mulheres. Embora tenha ocorrido predominância de adultos e idosos de ambos os sexos em todos os locais investigados, não podemos deixar de observar e registrar a presença significativa de adolescentes e, em alguns casos, de crianças, em especial no Dique do Tororó, realizando caminhadas e corridas.

O tempo de prática nas atividades se diferenciou entre aqueles que eram novatos, com apenas poucos dias; e veteranos com mais de trinta anos de atividades físicas esportivas na rua.

O local de residência e o nível de escolaridade dos entrevistados foram mais homogêneos entre aqueles que realizavam atividades na Barra; menos homogêneos, em comparação com os praticantes de atividades físicas no Jardim de Alá; e consideravelmente

mais heterogêneos entre os frequentadores do Dique do Tororó, situado em uma região interior da cidade. No total, foram identificados 20 locais diferentes de residência, sendo os praticantes no Dique do Tororó provenientes de 12 diferentes locais (Brotas, Barra, Centro, Dique, Campo Grande, Barris, Graça, Rio Vermelho, Sete Portas, Bonocô, Bandeirante e Nazaré).

Na categoria escolaridade, predominou o nível superior, tanto entre os homens como entre as mulheres, sendo que a população masculina foi mais heterogênea quando comparada com a feminina. Cruzando-se esta categoria com o local das práticas, na Barra houve predomínio do nível superior em comparação com o Jardim de Alá e o Dique do Tororó. A diversidade das características sócio-econômicas da população ficou evidenciada, também, na questão da ocupação. Somente os mais jovens e idosos apresentam ocupação similar. Os jovens, na sua maioria, são estudantes, enquanto os mais idosos, com algumas exceções, são predominantemente aposentados. As demais pessoas se dividiam em 18 ocupações diferentes, tais como: funcionários públicos, comerciantes, empresários, artista plástica, dona de casa, pedagoga, perita, técnica de laboratório, bancário, mecânico, fiscal de obras, engenheiro agrônomo, engenheiro eletrônico entre outras, além de alguns desempregados.

Estes dados apontam que as atividades físicas esportivas em espaços públicos da cidade se configuram como uma prática aberta aos diferentes grupos sociais, reunindo, de acordo com as características sócio-ambientais das áreas onde as práticas ocorrem, pessoas residentes em diversos bairros da cidade, com diferente formação e ocupação profissional e distintos níveis de escolaridade, tal como analisaremos abaixo.

1.3.1 Os espaços estudados

Antes de caracterizarmos os espaços das práticas, é interessante comentar que pensamos inicialmente em só estudar o Dique do Tororó, por acharmos que aquele espaço

(sem dúvida o mais popularizado hoje para a prática das atividades físicas esportivas em áreas livres em Salvador), conseguia reunir, senão todos, quase todos os elementos, que poderiam justificar a adesão às práticas. E também, por acreditarmos que lá encontraríamos uma maior diversidade entre os praticantes. Estávamos certos em alguns pontos; no entanto, as discussões realizadas nos seminários de pesquisa da pós-graduação nos despertaram quanto à importância de conhecer e comparar as práticas segundo as suas relações com as diferenças espaciais e, especialmente, com a relevância histórica desses espaços no desenvolvimento das atividades físicas esportivas em áreas livres da cidade.

Decidimos, então, manter o Parque Dique do Tororó como campo de estudo, além de incluir dois trechos da orla marítima onde são praticadas atividades físicas esportivas: o Jardim de Alá e a Praia do Farol da Barra. Os dois têm grande relevância histórica no surgimento das atividades físicas esportivas em Salvador, sendo que o primeiro passou por intervenções urbanísticas para adequá-lo para esse tipo de prática enquanto o segundo não teve qualquer intervenção; contudo, ambos se encontram entre os principais espaços utilizados pela população para a prática de exercícios físicos.

O Parque da Cidade, embora represente um espaço de grande importância histórica na realização dessas atividades, não foi tomado como referência básica no estudo, apesar de termos feito algumas visitas e entrevistas com seus usuários. Desde a década de setenta, o local vem sediando alguns grupos pioneiros de corrida em áreas livres em Salvador. Esses grupos faziam (e alguns ainda fazem) do Parque o seu mais importante ponto de apoio, mas suas atividades se estendiam pela orla marítima no trecho do Jardim dos Namorados (no bairro da Pituba) até o Parque Aeroclub (no bairro da Boca do Rio), englobando a Praia de Jardim de Alá.

O Parque da Cidade, mesmo tendo passado recentemente por intervenções urbanísticas, não consegue atrair grande número de praticantes de atividades físicas em comparação com os outros locais estudados, especialmente no que se refere a sua utilização na

forma individual, por pessoas de diferentes grupos de idade, devido a sua “*falta de segurança*”. A prática de atividades físicas no Parque é predominantemente grupal, pois individualmente as pessoas não se “sentem seguras” para caminhar, correr ou praticar qualquer outra atividade no local. .

1.3.1.1 Barra

O trecho da Barra onde realizamos o estudo estende-se das praias do Porto ao Farol da Barra. Este integra parte significativa da região sul que compõe a orla marítima da cidade, e representa importante espaço de atração turística da cidade. Suas marcantes características histórico-culturais e paisagísticas colocam a área entre os principais cartões-postais de Salvador, da Bahia e do Brasil. Situada no ponto de encontro da Baía de Todos os Santos com a Orla Oceânica ao Sul da cidade, a Barra “*é marco histórico-expressivo para todo o país*”. (PLANO URBANÍSTICO DA BARRA, 1996).

Sua principal característica, segundo o Órgão Central de Planejamento Urbano – OCEPLAN (BAHIA, 1981), é a “*paisagem emoldurada pelo oceano*”, apresentando “*agradável paisagem natural*” (1981, p.16). Além disso, encontra-se em localização privilegiada no tecido urbano de Salvador, sendo servida por vias que a ligam a todos os demais setores da cidade (idem, p.17).

Integrando a Região Administrativa 6 (RA-6) do município, o bairro da Barra tem origem a partir do início da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, a mais antiga da Bahia, datada no século XVI. Desde a metade do século XIX foi local de residência para cônsules e negociantes prósperos. Seu incremento populacional ocorreu a partir da década de 1960, tornando-se um bairro predominantemente de classe média, apresentando uma população mais homogênea, cujo maior bolsão de pobreza se encontra na favela localizada nas encostas do

Morro Ipiranga. Além da Barra, a RA-6 engloba os bairros da Barra Avenida, Graça, Canela, Vitória, Campo Grande, Morro do Gato, Morro Ipiranga, Jardim Apipema e Ondina (INSTITUTO DE PESQUISA E ANÁLISE SOCIAL E ECONÔMICA, 1996, p. 11).



Figura 1. Praia do Farol da Barra. Salvador-Ba, 2001.

A arquitetura local é bastante diversificada reunindo fortificações do século XVI e XVII, alguns casarões do século XIX, exemplares *art déco*, como prédios de três ou quatro andares e junto a isso algumas construções audaciosas, como o Edifício Módulo, um arranha-céu, e o Edifício Eldorado, em forma de semi-círculo (A TARDE, 1999, p.6).

Sua caracterização urbana, segundo a OCEPLAN (BAHIA, 1981), inicialmente se deu pela ocupação para o uso habitacional de veraneio, passando à incorporação de seu uso como bairro residencial, que na década de oitenta, já se somava ao uso comercial e de serviços locais e setoriais. Por conta destes diferentes usos, a Barra é considerada pela OCEPLAN como o bairro mais intenso no processo de transformação de ocupação urbana, apresentando-

se “*como um subcentro de atividades terciárias dos mais importantes de Salvador*”, sem perder, contudo, seu potencial de lazer e turismo (1981, p.16).

Considerando o Plano Urbanístico da Barra (1996), o local representa “*um dos bairros mais atingidos pelo processo de adensamento urbano nos últimos anos*”. De acordo com este Plano, até os anos sessenta e setenta, “*a Barra caracterizou-se como uma área tipicamente residencial das classes de renda média e alta, e como um bairro ‘boêmio’ por aglutinar, ainda que de forma dispersa, bares, restaurantes, cine-teatro e clubes sociais*” (1996, p.s/n).

Para a OCEPLAN (1981), a Barra integra um dos trechos da orla sul de Salvador, “*mais bem servidos de infraestrutura (...) e de equipamentos urbanos significativos*”, tais como hotéis, restaurantes, cinemas, centros de compras, além de outras variadas instituições. Dentre as características vocacionais da área, o Órgão Central de Planejamento ressaltou a habitação e as atividades de lazer e turismo, propiciadas através de atividades como banho de mar, prática de esportes (corrida, caminhada, futebol, peteca, frescobol etc.), recreação de adultos, do desfrute da paisagem, do local do encontro, da paquera, do namoro, da conversa. “*Enfim, de muitas formas de interação social [sociabilidade] e do ‘relax’ dos que delas se utilizam*” (BAHIA, 1981, p.27).

A população que se dirige a essa área em busca desses equipamentos [de comércio e de lazer] soma-se ao fluxo de turistas e as atividades de lazer, propiciadas pelas praias e pela profusão de bares e restaurantes. Essa vocação “*é freqüentemente incentivada por iniciativas públicas ou particulares que periodicamente enchem os espaços públicos abertos da orla com grandes multidões*” (INSTITUTO DE PESQUISA E ANÁLISE SOCIAL E ECONÔMICA, 1996, [s/p]).

Documentos e matérias publicadas em jornais locais diversos (A TARDE, 2002; TRIBUNA DA BAHIA, 2001; BAHIA HOJE, 1997; e CORREIO DA BAHIA, 1995) têm denunciado que a tendência à ocupação por atividades comerciais e de serviços da Barra tem levado a sua degradação físico-ambiental e social, que tem resultado na sucessão dos

residentes, ocorrendo principalmente a saída dos membros das classes de renda mais alta, que tendem a migrar para áreas da cidade preponderantemente residenciais, portanto, mais tranquilas e valorizadas. Entre os principais problemas citados nestes documentos estão: expansão da prostituição, tráfico de drogas, aumento da violência, dilapidação do patrimônio público, poluição sonora, ocupação inadequada do comércio informal nos logradouros públicos entre tantos outros.

“O bairro se ressentia ainda da perda do status de ter sido uma das melhores e mais aprazíveis zonas residenciais de Salvador, em consequência do processo de degradação urbanística que foi acentuada nos últimos anos”, denuncia uma matéria publicada em jornal local (A TARDE, 2002, p.5). Em outra matéria, se diz: *“A cidade nasceu na Barra”*. Foi lá que Salvador nasceu há mais de 450 anos. *“É lá onde nós encontramos importantes monumentos histórico-culturais como o Forte de Santa Maria, a Fortaleza de Santo Antônio da Barra [onde fica o famoso Farol da Barra], o Forte São Diogo, marco da fundação da cidade entre tantos outros”* (A TARDE, 1999, p.6).

O movimento em prol do bairro, por parte de moradores e comerciantes locais, através das suas associações, levou a constituição de alguns projetos e leis voltados para a Barra, com a finalidade da sua preservação e melhoria. Embora confrontem-se diariamente com esses problemas ambientais, muitos moradores do bairro preferem permanecer no local, segundo os dados levantados pelo Instituto de Pesquisa Social e Econômica (1996, p. 27), devido à sua *“localização e acessibilidade, proximidade da praia/vista para o mar, a intimidade propiciada pela presença da família e de amigos”*. Das famílias entrevistadas pelo Instituto, 53% delas residiam no bairro ou nas suas proximidades [dentro da RA-6] *“há mais de dez anos, e quase metade destas, há mais de vinte anos (...) Quando foram confrontadas com a hipótese de mudar de bairro, a esmagadora maioria (88%) preferiria continuar morando no próprio bairro”* (idem, p.26).

1.3.1.2 Dique do Tororó



Figura 2. Parque Dique do Tororó. Salvador-Ba, 2000.

O Parque Dique do Tororó representa um espaço de grande valor paisagístico, histórico e cultural para a cidade de Salvador. Seu espelho d'água, originalmente bem mais extenso do que hoje, constitui um dos principais elementos paisagísticos do local, ocupando atualmente uma área física em torno de 2.600 metros numa região central da cidade, entre as encostas dos bairros de Nazaré, Brotas, Garcia, Tororó, Barris, Jardim Baiano e Boulevard Suíço. No contexto geral do desenvolvimento urbano, o Dique se caracteriza, também, como um dos principais eixos de acesso que liga Salvador ao centro da cidade.

Sua localização numa região tradicional da cidade, ligando diferentes bairros, alguns de pequenas dimensões como o próprio bairro do Tororó, o Jardim Baiano e o Garcia; outros de médias e grandes dimensões como os bairros de Nazaré e Brotas, este com as suas

subdivisões (Boa Vista de Brotas, Cosme de Farias, Engenho Velho de Brotas etc.), imprime uma heterogeneidade populacional à área configurada por diferentes aspectos sócio-econômicos e ambientais que caracteriza cada um desses diferentes bairros. No seu conjunto, esses bairros se compõem de áreas densamente ocupadas, de paisagens antigas e modernas, de antigos e novos moradores, e na maior parte das vezes reflete as condições de degradação que passa sua paisagem. A história desses bairros pode ser compreendida no contexto geral do processo de evolução urbana de Salvador, com a ampliação do centro da cidade e a ampliação da ocupação de regiões próximas a este, cuja paisagem, conforme salientou Santos (1959), “*é rica de contrastes devido não só a multiplicidade de estilos e de idade das casas, à variedade das concepções urbanísticas presentes, ao pitoresco da sua população, constituída de gente de todas as cores misturadas nas ruas, mas também, ao seu sítio...*” (1959, p.29).

O bairro do Tororó, uma das principais referências na história da lagoa (ou dique³) que leva o seu nome, traduz em grande parte as características citadas acima. É um bairro tradicional de pequena dimensão, situado ao centro da cidade, com o predomínio de ocupações por casas e edifícios baixos. De pequena extensão, o bairro lembra uma pequena cidade do interior, onde quase todos os moradores mais antigos se conhecem. É um bairro de “*raízes negras*”, de grande tradição carnavalesca, “*reconhecido como um dos berços do carnaval baiano*”, e de grande importância histórica no âmbito político local, por ter sido “*um dos maiores focos do movimento de universitários e secundaristas*” nos anos 60/70, pelo fato de contar, naquela época, “*com cerca de 40 residências universitárias*” (BAHIA HOJE, 1994, p.1). A aproximação com o Dique do Tororó e com a “*arborização pupileira*”, segundo seus moradores, garante o arejamento das casas do bairro, reconhecido por eles como “*um oásis no calorão da cidade*” (BAHIA HOJE, 1994, p.1).

A história do bairro do “Tororó com o Dique”, como popularmente é conhecido, está também descrita nas atividades econômicas dos seus moradores, através da “*garantia de*

³ Sobre a polêmica em torno da origem do Dique do Tororó, Nogueira apresenta as principais versões sobre a formação e as propostas de intervenção sobre esse espaço (NOGUEIRA, 2000).

sustento de muitas famílias” que pescavam no Dique e “*vendiam os peixes nos hotéis de Salvador*”, conforme lembrou um dos mais antigos moradores do bairro em uma matéria em jornal local (A TARDE, 1992, p.5). A Tilápia, principal peixe do dique, existia em abundância até meados da década de noventa, quando pescadores começaram a denunciar a sua escassez no local, devido à sua poluição (idem, p.5). Além das atividades de pescaria, os barqueiros transportavam passageiros de um lado a outro do Dique, realizando, também, passeios de barco em suas águas.

Para os moradores do bairro do Tororó e, também, dos bairros circunvizinhos, o Dique não representa somente um elemento na constituição da paisagem dessas áreas, sua importância no contexto delas está associada com diferentes questões ambientais, culturais, econômicas, lúdicas, religiosas etc. Uma das formas encontradas por estes habitantes, no sentido de fortalecer os laços estabelecidos com o local, tem sido a constante denúncia dos seus processos de degradação (conforme pode ser visto nas diferentes matérias publicas em jornais locais) e a cobrança às instituições governamentais de mecanismos que garantam a sua preservação e revitalização.

No contexto geral da cidade, o Dique tem histórico polêmico em torno da sua formação. Ele foi importante elemento histórico “*na defesa e abastecimento de água da cidade*” durante o século XVII. Naquele tempo, segundo Nogueira, referindo-se a pesquisa realizada pelo Coronel Inácio Accioli de C. e Silva sobre as memórias históricas e políticas da província da Bahia, o local já se constituía “*numa alternativa de lazer pela sua beleza e proximidade ao centro de Salvador*” (NOGUEIRA, 2000, p.15-24).

No sentido religioso, o dique também é de grande valor simbólico. Ele tem sido visto, historicamente, pelos habitantes de Salvador, “*como local sagrado pela religião afro-brasileira*”, sendo cultuado como “*Bacia de Oxum*” (NOGUEIRA, 2000, p.112). Para os adeptos das religiões afro-brasileiras, “*o dique é uma espécie de santuário*”, como afirmou

uma das integrantes do bloco Filhas de Oxum em uma matéria publicada em um jornal local: “*É orixá das águas doces*” (A TARDE, 1996, p.3).

Embora o Dique do Tororó tenha desempenhado diferentes funções através dos séculos, entre estas, defesa, abastecimento, saneamento e meio de transporte, “*a partir do século XIX o local passa a ser sistematicamente cogitado como área de lazer para toda a cidade*” (NOGUEIRA, 2000, p.53). Esta ênfase na função de lazer do Dique do Tororó a partir desse período coincide com o movimento urbanístico, na Europa e no restante do Brasil, no desenvolvimento de múltiplos projetos de criação de áreas livres voltados para o lazer e esportes, o qual aproximava as funções de recreação e preservação do meio ambiente (MACEDO, 1999).

Seguindo esta tendência, mais recentemente, o Parque do Dique do Tororó foi classificado segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano –PDDU, como uma das áreas de preservação cultural e paisagística de Salvador (NOGUEIRA, 2000). Sendo estas entendidas pelo próprio Plano, como “*áreas vinculadas à imagem da cidade que caracterizam monumentos e ambientes históricos significativos da vida e construção urbanas ou que constituem meios de expressão simbólica de lugares importantes no sistema espacial urbano*” (idem, p.108). Hoje, este representa, “*o único manancial [de água] da cidade de Salvador que é tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional*” (LEIRO, 2001, p. 29).

A condição atual do Dique reflete a política municipal de criação de áreas verdes da cidade, iniciada na década de setenta, a qual “*privilegiava a articulação de espaços de recreação associada com a proteção ambiental*” (NOGUEIRA, 2000, p.184). Esta política fazia parte de um movimento mais amplo que sustentava a preocupação “*com a imagem da cidade quanto a sua importância histórica, cultural e turística internacional*”, atrelando-se, também, à “*valorização da recreação como função da cidade*” voltada para o bem estar da comunidade.

Hoje, sem sombra de dúvida, as funções recreativa (especialmente aquela voltada para a prática de atividades físicas esportivas diversas) e turística estão completamente consolidadas no Dique do Tororó, reunindo diariamente milhares de pessoas oriundas de diferentes partes da cidade ou visitantes, seja para realizar caminhadas, corridas, praticar capoeira, ginástica, pesca, remo, entre outras atividades, ou simplesmente, para contemplar a sua paisagem e atividades, ou ainda, as duas coisas simultaneamente. A utilização do Dique para essas atividades é favorecida pelo fato de a área ser ampla e não possuir grandes construções, permitindo presença significativa de pessoas em todos os setores.

Embora a ênfase no seu aspecto ambiental tenha sustentado todas as intervenções realizadas no Dique do Tororó, podemos dizer resumidamente que o local é um espaço urbano em que o conflito entre a natureza e a cidade pode ser algo percebido com uma simples inversão do local de onde se olha. Basta que a pessoa mude o seu ponto de vista: da lagoa para as avenidas do entorno, para perceber seu papel fundamental no contexto global da cidade. Sua participação na distribuição do sistema viário da cidade em avenidas de vale, representando uma das melhores condições de acesso ao Centro, sendo hoje caracterizada como “*a área de maior convergência de viagens de transporte coletivo da cidade*” (NOGUEIRA, 2000, p.102).

O Dique do Tororó é um dos palcos da cidade, assim como o centro também é, conforme vê Santos (1959), que reflete o conflito entre o passado e o presente, o tradicional e o moderno. É o teatro da luta de tendências, cuja síntese “*se manifesta pela criação de uma paisagem*”. Os componentes desta paisagem “*refletem uma parte de escolha, representada pelo estilo das construções e os processos de urbanismo, mas refletem sobretudo as necessidades e condições próprias a cada etapa da evolução urbana* (1959, p. 22).

1.3.1.3 Jardim de Alá



Figura 3. Praia de Jardim de Alá. Salvador-Ba, 2001.

A história do Jardim de Alá está vinculada à propriedade de terras da família de José Félix da Cunha Menezes, o Barão do Rio Vermelho, “*grande latifundiário baiano que tinha terras que iam do bairro Rio Vermelho até a Boca do Rio*” (BAHIA HOJE, 1994, p. 13). Até 1994, conforme constatamos em matéria publicada em jornal local, a área – com 100 mil metros quadrados - ainda pertencia aos herdeiros do Barão José Félix, mesmo tendo sido desapropriada pelo governo há mais de vinte anos (idem, p.13). No século XIX, após a Lei Eusébio de Queiroz, o local era conhecido como “*Chega Negro*”, por ter sido durante muito tempo utilizado para contrabando de escravos, pois a dificuldade de acesso ao local, pela falta de estradas, facilitava o tráfico (idem, p.13). Sua primeira estrada de barro foi aberta no século XX, nos anos quarenta e ligava toda a orla de Salvador.

Em 1935 surgiu propriamente o Jardim de Alah, momento em que foram plantados os primeiros coqueiros pelos herdeiros do Barão. Mas a falta de acesso ao local impedia que o mesmo fosse freqüentado.

O nome Jardim de Alah tem duas versões. A primeira, segundo o Advogado Hans Greve, um dos herdeiros das terras, faz referência ao paraíso árabe, que na religião islâmica significa “*o local onde os guerreiros mortos se deleitam com as mulheres do paraíso*”. Esta versão é reforçada pelo fato de muitos namorados, há muito tempo atrás, já utilizarem o local para encontros amorosos discretos garantidos pela mata fechada que compunha o jardim, conhecido também como Jardim dos Namorados (BAHIA HOJE, 1994, p.13). Mas para o historiador Cid Teixeira, o nome Jardim de Alah “*não tem nada a ver com maometismo*”. Para ele o lugar foi batizado com esse nome após um filme, na década de quarenta, que mencionava um Jardim de Alah, e que fez muito sucesso no Brasil, “*tanto que várias áreas verdes, em diversas cidades brasileiras foram batizadas com esse nome*”, afirma o historiador (idem, p.13).

A ocupação da área é recente e está associada à construção do conjunto habitacional do Stiep (no final da década de 60), e com o surgimento do bairro Costa Azul, cujo nome é “*decorrente de um antigo clube que ocupava as margens do Rio Camarugipe*” (A TARDE, 2001, p.4), local onde hoje se encontra o Parque Costa Azul. O Stiep (sigla do Sindicato dos Petroleiros das Indústrias de Extração Petróleo) surgiu como local de moradia dos petroleiros⁴. É um bairro moderno, em relação à maioria dos bairros da cidade, que cresceu de forma ordenada, pois foi planejado “*no período de urbanização da cidade*”. De modo mais recente o bairro expandiu sua população e passou a ser ocupado por bancários, professores, funcionários públicos entre outros (A TARDE, 2001, p.4). Já o bairro Costa Azul cresceu de forma desordenada, como a maioria dos bairros de Salvador, mas “*dispõe de infra-estrutura*

⁴ O nome original do bairro Stiep é Ampliação Nossa Senhora da Luz (CORREIO DA BAHIA, 1996, p. 6). Assim como o Costa Azul, o Stiep é um bairro que “*se desmembrou do bairro-mãe*”, a Pituba (A TARDE, 2001, p.4).

quase completa”, composta por escolas, comércio diversificado, clubes, biblioteca pública, além de um parque público com equipamentos variados de lazer (idem, p.4).

Os dois bairros são tipicamente de classe média, de características residenciais, situados em uma parte privilegiada da cidade, com disponibilidade de serviços diversos e constituídos de várias “áreas livres” como lagoas, dunas, matas e praias. Estes integram, segundo a Secretaria Municipal de Planejamento (1984), um dos eixos de maior expansão urbana da cidade, atualmente um dos mais “nobres” destes. Por conta disso, os principais problemas enfrentados pelos moradores do bairro têm sido a especulação imobiliária, que tem colocado em risco suas características ambientais; e, também, a ocupação desordenada, através de invasões, como a Recanto Feliz, Paraíso Azul e Favela das Dunas, que são freqüentemente responsabilizadas pelo registro de violência do bairro pelos seus moradores (A TARDE, 2001, p.1). A denúncia em torno do processo de degradação ambiental observada nesses bairros, principalmente aquelas que dizem respeito às “áreas verdes”, é matéria constante em jornais (A TARDE, 2001; BAHIA HOJE, 1996; e CORREIO DA BAHIA, 1991), da mesma forma como acontece com os outros espaços já citados neste trabalho.

A Praia de Jardim de Alá é um dos principais exemplos desse processo de degradação. Suas águas são impróprias para o banho, tanto pelas fortes correntezas da maré quanto pela sua poluição, aumentando o risco de doenças. O mal cheiro que exala em um dos trechos da praia resulta da completa degradação do rio Camurugipe que leva suas águas ao mar no Costa Azul, poluindo esta parte da praia, mesmo depois da implantação do Projeto Baía Azul, que tem buscado despoluir alguns desses espaços da cidade.

Apesar desses problemas, a praia é bastante freqüentada por pessoas de diferentes bairros da cidade, especialmente nos finais de semana. Durante a semana, a maior concentração de pessoas se dá ao longo do seu calçadão e ciclovia, ligando os Parques Jardim dos Namorados (Pituba) e o Parque Atlântico (Boca do Rio). Do ponto de vista funcional, o Jardim de Alá apresenta uma extensa área de calçadão construída, envolvendo

simultaneamente uma ciclovia, causando constantes conflitos entre pedestres e ciclistas, que são obrigados a dividir o mesmo espaço (Anexo 16); algumas áreas destinadas à prática de ginástica com aparelhos; além de um número considerável de áreas de estacionamento em toda a sua extensão. É um local muito utilizado para o lazer, especialmente ativo, para a prática de caminhadas, corridas e ginástica, tanto da população, quanto dos visitantes, principalmente pelo grande atrativo natural. A área do coqueiral também é muito utilizada para atividades como contemplação da paisagem, meditação, aulas de tai chi chuan, ginástica, encontros amorosos etc.

A praia de Jardim de Alá é a que está mais perto dos bairros Stiep e Costa Azul, mas sua proximidade também com a Boca do Rio, além da sua facilidade de acesso às diferentes regiões da cidade, especialmente da Paralela, caracteriza o local com ocupação bastante diversificada do ponto de vista das faixas de renda. É o espaço neste estudo que mais se distancia do centro antigo da cidade em comparação com os demais.

Do ponto de vista paisagístico, esse trecho da orla marítima de Salvador tem como uma das suas características principais *“a presença significativa de elementos naturais que constituem cenários de grande importância na configuração da sua paisagem”* (SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO, 1984). Sua configuração, segundo Macedo (2002), *“reflete o modo tradicional de ocupação das praias nordestinas”*, apresentando-se como *“um parque de desenho informal, quase indefinido”* (2002, p.153).

Uma questão que nos pareceu relevante na análise da configuração das três áreas do estudo foi o fato de verificar que em todas as três existe algum tipo de movimento, por parte dos seus moradores (A TARDE, 14/08/1998; A TARDE, 17/01/1998; E CORREIO DA BAHIA, 28/06/1995); e, algumas vezes, de alguns usuários eventuais (A TARDE, 08/01/1996; A TARDE, 11/05/1994), no sentido de fortalecer laços historicamente construídos com essas áreas e de garantir a preservação e melhoria das mesmas em prol das comunidades que delas usufruem (Anexos 12, 13, 14 e 15). De modo geral, a seleção dos

espaços para as práticas de atividades físicas esportivas, nas diferentes áreas (ou bairros), está associada com a relevância histórica destes espaços para o conjunto da cidade. Isto é especialmente verdadeiro no que se refere a sua configuração paisagístico-arquitetônica, como também, ao seu papel ambiental, motivado, de certa maneira, por um movimento ecológico dos anos oitenta e noventa que, tudo indica, tem favorecido a divulgação de processos de degradação ambiental destas áreas e contribuído, em parte, para a implementação de ações governamentais de intervenções urbanísticas.

O contato com os três espaços, o Jardim de Alá, o Dique do Tororó e a Barra, através de visitas a campo, e conversa com seus residentes ou eventuais usuários, ligados às práticas de atividades físicas esportivas, e das inúmeras matérias publicadas nos jornais, permitiu perceber de que forma a realidade, inerente a esses espaços, se manifesta e deixa escapar os conflitos entre a “*cidade visível e a cidade invisível*” (CÂMARA, 2002), na medida em que os elementos que conformam a sua totalidade estão, pelo menos parcialmente, manifestados nos diferentes discursos sobre cada um deles. No primeiro caso, da *cidade visível*, percebe-se a manifestação da valorização de tudo aquilo que representa sua beleza “natural” e arquitetônica, ou seja, “*das suas maravilhas*” (idem, p.17). No outro caso, deixa-se escapar aquilo que constitui uma certa inquietação. Algo que existe na cidade, mas que somos tentados a ignorar, se possível, algumas vezes, esquecer.

A respeito das feições da cidade, Serra (2002), reconhece que “*nenhuma grande metrópole se desnuda facilmente*”. Em sua reflexão, afirma que todas elas “*têm dimensões de sombra, domínios ocultos, dobras impenetráveis, espaços velados, histórias submersas, tempos interpostos*”. Mas o caso da cidade de Salvador, na sua percepção, é um caso especial, “*por causa do enorme vulto do que nela se desconhece*” e ainda porque é uma cidade que “*talvez possa chamar de uma cidade mascarada, uma cidade que se esconde em sua exibição*” (2002, p.21).

Câmara (2002) afirma que “*diferentes grupos, classes ou camadas sociais têm (...) modos peculiares de descobrir, comunicar e transmitir aspectos da cidade*” (2002, p.17). No que se refere aos grupos especificamente estudados neste trabalho prevalece a demonstração das suas afinidades, intimidades e preferências pelos espaços selecionados da cidade para a prática das atividades físicas esportivas, que discutiremos no próximo capítulo, no qual começamos a refletir sobre a interação dessas pessoas, dos seus corpos e a constituição desses espaços, tal como são visíveis hoje.

No que se refere às ações governamentais, cabe-nos destacar que a maneira de promover intervenções re-urbanizadoras nos espaços públicos destinados às práticas esportivas e de lazer têm priorizado as áreas mais centrais ou elitizadas da cidade, que são acessíveis às parcelas médias da população e aos visitantes. Esta forma de ação resulta no estímulo às práticas de atividades físicas esportivas em áreas públicas, contudo ainda restritas àquelas parcelas de usuários que moram em seus arredores, ficando os potenciais usuários que moram em áreas mais distantes desprovidos destes equipamentos, sem o direito ao exercício de práticas cidadãs de uso dos espaços públicos para esta finalidade.

Capítulo 2

Convivência entre as práticas corporais e o espaço urbano

“... as formas dos espaços urbanos derivam de vivências corporais específicas a cada povo”
(RICHARD SENNET, 1997, p.300)

A questão central que trata este capítulo corresponde à análise sobre as interações entre as práticas corporais de movimento, expressas nas atividades físicas esportivas, com o ambiente da cidade. Partimos do pressuposto de que a configuração dos espaços abertos (públicos) e fechados (privados) da cidade em alguns momentos pode estar legitimando ou reprimindo atitudes e comportamentos social e culturalmente determinados. Como consequência dessa legitimidade ou repressão, as expressões corporais cotidianas são carregadas de sentido conforme o contexto espaço-temporal em que está inserido. Por isso cremos que para se compreender as diferentes expressões de corporalidade de um determinado grupo social, como aquelas representadas no campo das atividades físicas esportivas (tais como os modos de andar e correr, fazer exercícios, praticar esportes entre outras), torna-se fundamental investigar a dinâmica desta sociedade no aspecto da interação das formas de convivência estabelecidas entre as pessoas, através dos seus corpos, o meio ambiente.

A observação dos comportamentos e a análise em torno dos múltiplos relatos e trajetórias de vida dos praticantes de atividades físicas esportivas em espaços públicos da cidade, indicaram que essas atividades estão carregadas de sentidos conforme a experiência das pessoas nestes referidos espaços. Foi a partir deste aspecto que procuramos explicar como essa interação corpo/espaço é importante no estudo dos signos e significados das práticas de atividades físicas esportivas na rua, buscando nas propostas de intervenções urbanísticas, em

diferentes momentos históricos, as principais idéias que fundamentaram as formas de organização da cidade, tendo em vista estimular as práticas corporais de movimento.

No sentido próximo ao utilizado por Richard Sennet (1997), nossa intenção foi resgatar, embora ainda com algumas limitações, um *“retrato das experiências corporais”*, constituído através da *“história da cidade”*, da construção do seu espaço urbano. Tomamos como ponto de partida a idéia defendida por Sennet de que *“o corpo humano encobre um caleidoscópio de épocas, uma divisão de sexos e raças, ocupando um espaço característico nas cidades do passado e nas atuais”* (1997, p.15). Foi por meio da observação dessas experiências corporais que ele recontou a história de diferentes cidades, da antiguidade até os dias atuais, *“através das formas como homens e mulheres se moviam, o que viam, ouviam (...), para discutir a relação entre os corpos humanos, suas práticas e a organização do espaço urbano”* (idem, p.15).

Sob um ponto de vista global, a história das cidades vem demarcando, nestes últimos séculos, a legitimação de práticas corporais de movimento (tais como o esporte e a ginástica) associadas, sobretudo, às práticas de lazer e da saúde, através principalmente da criação de parque públicos que têm esta finalidade. Essas práticas são na atualidade ordenadas de acordo com critérios técnicos de conformação de um espaço urbano, que possibilitem a implementação de um projeto coletivo baseado no *“estilo de vida ativo”*, desenvolvido em diferentes cidades do mundo, tal como pudemos ver divulgados em 2002 no Programa Agita Mundo da OMS (Anexos 1 e 2).

Contudo, em outras abordagens, a história das cidades pode ser compreendida através de um modelo de vida ecológico, no qual, nos termos de Park (1978), as forças que atuam *“dentro dos limites da comunidade urbana (...), tendem a ocasionar um grupamento típico e ordenado de sua população e instituições”* (idem, p.27), que podem desejar fortalecer laços tradicionais ou desenvolver novas formas de interação social. Esta nos parece ser uma questão

fundamental na história de alguns grupos no campo das atividades físicas esportivas de forma localizada nos espaços livres da cidade.

Partindo de um princípio defendido por Park (1978), a cidade, mais do que “*um amontoado de homens individuais e de convenções sociais*”; ou de “*instituições e dispositivos administrativos*”, deve ser compreendida como “*um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados*”, não se constituindo, portanto, exclusivamente por “*um mecanismo físico ou de uma construção artificial*”, e sim, pelo envolvimento dos “*processos vitais das pessoas que a compõem*” (idem, p.26).

Mumford (1961) indicou alguns modos de olhar a história da cidade através da sua cultura. De maneira elementar, ele recomenda que devemos ver a cidade como “*ponto de máxima concentração do vigor e da cultura de uma comunidade*”, no qual vão se concentrar “*muitos focos separados de vida*”, integrados em um conjunto de relações sociais, formados e simbolizados através “*do templo, do mercado, da economia, do ensino...*”, e por que não dizer também dos parques, das praças e das áreas livres da cidade. É na cidade, segundo o autor, que “*os bens da civilização encontram-se multiplicados e diversificados*”. É também nesta que “*a experiência humana toma forma de sinais exequíveis, de símbolos, de padrões de conduta, de sistemas de ordem*” (idem, p.13), não deixando, porém, de desconhecer a relação complementar que a cidade sempre manteve [e mantém] com o campo⁵. Segundo ele, campo e cidade estão continuamente interligados e interdependentes (idem, p.231). Neste ponto, seguindo as idéias de Park (1978), percebemos alguns elementos em que a cultura corporal da cidade dialoga com cultura corporal do campo, especialmente quando a cultura da cidade está refletindo modelos tradicionais do movimento humano.

Para Mumford, “*a cidade registra a atitude de uma cultura e de uma época diante dos fatos fundamentais da existência*”. Seus espaços, segundo ele, “*contam a história não apenas*

⁵ Para Mumford a cidade representa de certo modo “*a vida estável que começa na agricultura*”, a qual passa “*a utilizar de auxílios de abrigos e edificações permanentes para proteção e armazenagem*”. Ele defende a teoria de que “*todas as fases de vida no campo, contribuem para a existência das cidades*” (1961, p.13).

de diferentes acomodações físicas, mas de concepções essencialmente diferentes do destino do homem". No interior dela, *"forças e influências remotas entremisturam-se com o que é local: os seus conflitos não são menos significativos que as suas harmonias"* (1961, p.14-15).

Seguindo esse ponto de vista, a cultura da cidade pode ser registrada a partir da observação dos seus múltiplos espaços associados às diferentes possibilidades de manifestação humana em seu interior. A partir destes princípios tentamos refletir sobre as experiências corporais, vinculadas às práticas de atividades físicas esportivas na cidade, frente aos modos de compreensão, definição e organização do seu ambiente urbano.

Tratamos dessas questões em dois momentos deste capítulo. No primeiro, comentamos o surgimento dos parques públicos destinados ao esporte e lazer, segundo as concepções dominantes em alguns contextos históricos, em diferentes lugares. Em seguida, fazemos uma análise em torno das trajetórias de uso destes parques e dos demais espaços públicos em Salvador para a realização de atividades físicas esportivas.

Acerca dos espaços urbanos especificamente analisados no estudo, buscamos reconhecer: a) como e quando os projetos de intervenção urbanística, destinados às atividades físicas esportivas, surgiram em Salvador? b) quais as concepções de corpo/espaço estão atreladas aos mesmos? c) de que maneira as pessoas interagem com estes espaços?

2.1 Espaços públicos de esporte e lazer da cidade: concepções e tendências

Os parques urbanos, definidos por Macedo e Sakata, como *"um espaço público estruturado por vegetação e dedicado ao lazer de massa"* (2002, p.13) são uma invenção do século XIX, e vêm se constituindo ao longo do tempo *"um testemunho importante de valores sociais e culturais das populações urbanas"* (idem, p.8).

Segundo Serpa (1988), antes do século XIX, *"não parecia necessário oferecer alternativas de lazer aos habitantes das cidades"*, uma vez que estes se *"reuniam nas feiras e*

mercados, nas praças e logradouros públicos”. Quando os primeiros parques surgiram, comenta o autor, a sua concepção *“ainda determinada pelos reis e príncipes, levava em consideração, de um modo até então inédito, os interesses da coletividade: a população cidadina deveria encontrar aqui ar puro, lazer, descanso e confraternização”* (1988, p.31-33).

Para Niemeyer (2000), a construção de parques públicos nas grandes cidades, historicamente, estava vinculada a proposta de *“aliviar as tensões urbanas por meio de um lazer organizado”* e surgiu, concretamente, com a criação do Birkinhead Park, na Inglaterra, em 1843 (2000, p.10). Originalmente atrelados à condição do tempo livre, os espaços públicos de lazer, foram ganhando destaque no processo histórico da urbanização à medida que aparecem como uma *“alternativa social e lúdica ao circunspecto ambiental fabril das cidades”* (*sic*), tendo como fundamento as concepções higienistas que prevaleciam na época (idem, p.11).

É na virada do século dezenove para o vinte, segundo Niemeyer (2000), com o surgimento da ciência urbanística, que a criação desses espaços passa a ser pensada dentro de uma *“visão mais humana e menos utilitária”*, voltada para o lazer de massa. Essa visão surge não só da crítica frente às condições urbanas, resultantes da industrialização, mas também, das *“novas concepções sociais e políticas oriundas de meios progressistas”*, as quais, entre os urbanistas, reúnem propostas capazes de resgatar as *“tradições culturais”*, relacionadas ao naturalismo e *“seus valores políticos e sociais então ofuscados pelo industrialismo”* (2000, p.12).

Na visão de Mumford (1961), o *“parque natural”*, atrelado à concepção de cidade saudável, tratava-se de uma *“remodelação do parque barroco”*. No século XIX este tinha como missão *“proporcionar as massas da cidade (...) o equivalente de uma visita ao campo”*. Havia entre os projetistas da época *“o reconhecimento do remanescente oposto dentro da cidade”*. Fundamentada nos *“princípios vitais do romantismo (...), no deleite pela natureza”*(...), *no interesse pelas crianças e na prática dos desportos rurais*”, foi

desenvolvida, segundo o autor, “*uma nova concepção biotécnica de um ambiente urbano equilibrado – inicialmente chamado de cidade-jardim*” (idem, p. 228).

Até o século XIV, afirma Mumford, os dois tipos de ambiente, da cidade e do campo, quase não se diferenciavam. Embora “*a primitiva cidade medieval*” fosse cercada por uma muralha, era ainda parte do campo aberto. Sua população estava acostumada “*à vida ao ar livre: tinha campos de tiro, campo de pela, jogava bola e futebol, e fazia corridas...*” (idem, p.53). Com as mudanças urbanas ocorridas nos séculos seguintes, surge a preocupação de se manter alguns traços tradicionais da cidade, entre eles, os espaços de características rurais, como uma forma de preservação do ambiente natural e redução dos prejuízos e danos causados pelas novas atividades humanas na cidade.

Mas, em meados do século XX, Mumford reconhecia que a “*tarefa de planejamento regional*” era mais positiva - do que os movimentos de preservação -, “*à medida que procura [va] elevar a terra na sua totalidade (...), não só pela mera preservação do primitivo, mas pelo prolongamento da ordem de jardins*” Ou seja, pela introdução de uma “*cultura deliberada da paisagem em todas as partes do campo aberto*” (1961, p.345).

No caso do Brasil, os parques urbanos, tal como conhecemos hoje, nasceram “*da necessidade de dotar as cidades de espaços adequados para atender a uma nova demanda social: o lazer, o tempo do ócio, e para contrapor-se ao ambiente urbano*” (MACEDO e SAKATA, 2002, p.08).

Os primeiros parques do Brasil: o Passeio Público, o Campo de Santana e o Jardim Botânico, foram construídos em fins do século XVIII, no Rio de Janeiro. O Passeio Público, criado em 1783, “*é oficialmente o mais antigo*” destes parques. “*Sua origem precede a própria constituição do país como nação*” (idem, p.16-18). Este Parque apresentava “*um traçado extremamente geométrico, inspirado nas tradições de desenho do jardim clássico francês*”. A sofisticação do seu desenho, culminava com “*um belo terraço debruçado sobre o mar*”. Mas, naquele momento, estes parques não conseguiam atrair representantes da elite

como usuários. Somente no século seguinte ocorreu a ocupação destes espaços pela elite (idem, p.18).

Macedo e Sakata (2002) afirmam que o planejamento dos parques urbanos, desenvolvido nas grandes cidades brasileiras, a partir do século XIX, deveria atender, basicamente, dois sentidos: assegurar ar puro e saudável; e se constituir “*na forma de uma antítese de objetos visuais àqueles das ruas e casas que pudessem agir como terapia através de impressões na mente e de sugestões para a imaginação*” (idem, p.08).

De modo diferente dos parques urbanos europeus do século XIX, os parques brasileiros não surgem da urgência social de “*atender as necessidades de massas urbanas da metrópole*”. Eles foram criados como “*uma figura complementar do cenário das elites emergentes (...) que procuravam construir uma figuração urbana compatível com a de seus interlocutores internacionais*” (idem, p.16).

“*O parque é, no Brasil do século XIX e da Belle Époque, um grande cenário, um elemento urbano codificado de uma modernidade importada, totalmente alheio às necessidades sociais de massa urbana contemporânea de então, que usufruía de outros espaços, como terreiros e várzeas, como se observa nas crônicas da época*” (idem, p.24).

Entre as massas, os passeios, banhos, jogos e piqueniques eram muito populares em várzeas, banhados, riachos etc.; estes espaços, “*vazios urbanos(...), foram por mais de cem anos, os verdadeiros antecessores das áreas de lazer urbano formais*”. Quando estes espaços passam a se tornar cada vez mais diminuídos e escassos, a partir da segunda metade do século XX, sem o oferecimento de “*áreas para lazer de massas menos privilegiadas, tal tipo de equipamento urbano tornou-se uma necessidade social*” (idem, p.24). Os parques construídos até a primeira metade do século, concentravam-se em “*estâncias de veraneio, ficando restrito praticamente as áreas centrais e a bairros de elite*” (2002, p.34).

É a partir do final dos anos sessenta do século XX que acontece uma multiplicação de parques públicos no Brasil, direcionados não mais para as elites. Na década de oitenta, *“a figura do parque moderno se consolida através de um programa misto, contemplativo e recreativo”* (idem, p.37-43).

O estudo realizado por Monteiro (1982) sobre os “Parques de Lazer e de Esporte para Todos”, é indicativo de como o surgimento desses espaços estava vinculado à visão do lazer e esporte dentro da tendência da higiene social, enquanto espaço de caráter compensatório das atividades urbanas. Podemos observar que a origem desses espaços no país, já numa concepção e apropriação do lazer como prática mais ativa do que reflexiva, como originalmente haviam sido pensados, foram idealizados de forma conectada ao programa de Esporte para Todos, no final da década de setenta, a partir dos vários modelos existentes nos países da Europa, entre estes, principalmente, o alemão e o suíço (idem, p. 35-40). Diante destas concepções de lazer e esporte, os parques públicos deveriam ser planejados na intenção de possibilitar a realização de múltiplas atividades lúdicas e esportivas e deveriam *“estar voltados para a pessoa humana, ressaltando os fatores de saúde, sociabilização, vida em grupo, comunidade e ocupação do tempo livre em atividades de lazer”* (idem, p.43). Nessas propostas fica evidente a preocupação com o ambiente “insalubre” (estressante, poluído, sedentário...) dos centros urbano-industriais em expansão, nos quais o parque público desenvolve a função compensatória a esses problemas.

Ressaltando ainda a função compensatória dos parques públicos de esporte e lazer, ela poderia estar vinculada, de modo mais recente, às políticas saudáveis, através dos “projetos *“cidades saudáveis”*”, discutidos por Carvalho (1996, p.117). No caso das cidades saudáveis, alerta Carvalho, a idéia central se afirma como *“uma espécie de estética sanitária, interessada não tanto nas externalidades visíveis do corpo físico, mas nas suas virtualidades biológicas de ser saudável”*. As políticas saudáveis, na concepção deste autor divergiram da tendência *“neo-higienista, obcecada por um ideal de salubridade humana (...), entendida na dimensão*

individual” (idem, p.119), pois esta política estaria centrada em alguns eixos que incluem a equidade em saúde, o fortalecimento da ação comunitária, o desenvolvimento ambiental para a saúde entre outros (idem, p.117).

O movimento “*ciudades saudáveis*”, na visão de Xavier (2000) está vinculado a uma concepção de saúde, tendo o “*foco deslocado do indivíduo para a sociedade*”, do tratamento para a prevenção e promoção da saúde, estaria ligado à construção da urbe, à tessitura estrutural e social da cidade, onde “*o Estado passa a assumir mais um papel de mediador do que impositor*” ou definidor (idem, p.4-5). Esta função mediadora do Estado, no que se refere às áreas livres de esportes e lazer, pode ser verificada a partir da implementação de políticas voltadas, basicamente, para disponibilização de alguns equipamentos e de infraestrutura dos espaços destinados à prática de atividades físicas esportivas e de lazer.

Retomando a discussão sobre os papéis sociais dos parques públicos em diferentes perspectivas, Macedo e Sakata (2002, p.13) afirmam que na atualidade se constata que os parques urbanos atendem “*a uma grande diversidade de solicitações de lazer, tanto esportivas como culturais, não possuindo, muitas vezes, a antiga destinação voltada basicamente para o lazer contemplativo*”, que são características básicas dos primeiros parques públicos. Mas, alguns deles, reconhecem estes autores, tendem a uma fusão das vertentes recreativas (lúdicas), higiênicas e de contemplação (ligada ao romantismo). O parque ecológico, popularizado na década de oitenta no Brasil, é um tipo que consegue reunir diferentes vertentes. Ele objetiva, prioritariamente, a conservação de algum recurso ambiental, que pode ser um banhado ou um bosque, mas paralelamente, possui áreas voltadas “*para o lazer ativo (...), ao lado de áreas voltadas para o lazer passivo, como caminhadas por trilhas bucólicas e esparsas*” (idem, p.13).

No final do século XX, a praia urbana também se consolida “*como um grande parque (...)*”, onde a entidade calçadão-parque torna-se uma característica bem própria do país” (MACEDO e SAKATA, 2002, p.50-51). É neste contexto que muito centros urbanos,

incluindo Salvador, passam a implantar calçadas, os quais se tornam pontos de encontro e se constituem, pelo seu porte e uso, “*os parques mais importantes*” da cidade. As áreas do Jardim de Alá e do Farol da Barra são um exemplo disto. Embora não sejam compreendidas pelos órgãos públicos como parques urbanos, a constituição (paisagística e estrutural) destes espaços, especialmente do Jardim de Alá, e os seus modos de uso se assemelham àqueles de um parque.

Em termos locais, pode-se afirmar que no município de Salvador as políticas desenvolvidas no campo das áreas públicas, destinadas para a prática de atividades físicas esportivas e de lazer estão de acordo com alguns princípios gerais que sustentam a concepção desses espaços, atrelando seus projetos e programas ao modelo de parques públicos desenvolvido em outros grandes centros urbanos do Brasil. Observamos que essas políticas sofreram influência de diferentes vertentes teóricas, tais como: a construção das cidades segundo seus princípios artísticos, através do suporte histórico – modelo no qual, a cidade estaria calcada “*em sua natureza intrínseca, na existência de uma essência estético-antropológica*” (COSTA, 2000, p.53); e a construção das cidades segundo a idéia das cidades-jardins, originalmente criada por Howard em 1898, a qual demarcava uma “*certa rejeição*” a vida urbana, apresentando a proposta de cidade-jardim como uma alternativa de se viver nas cidades sem perder a referência do campo. Tal proposta se baseia na união campo e cidade combinando “*as vantagens de uma vida cidadã dinâmica e ativa [da cidade] com a beleza e o deleite do campo*” (2000, p.54). Tais tendências ressituaam os valores dos parques públicos em dimensões diferenciadas daquelas, quase exclusivamente elaboradas pelos setores de higiene social, apontando, em certa medida, um diálogo entre as diferentes tendências existentes no movimento urbanístico.

Entendemos que as políticas voltadas para a construção ou recuperação de áreas verdes fazem parte de um movimento urbanístico que pode ser associado às idéias discutidas por Sampaio (1999) no que ele chamou de “*cidade real*” e a “*cidade ideal*”. Seguindo sua teoria, é

importante reconhecer como se deu a construção da forma-urbana da cidade, refletindo os eixos que dão sentido aos seus planos urbanísticos. O eixo da *cidade-real* reflete a forma-urbana no seu espaço concreto, materializado historicamente, que ele considera como o “*ponto de chegada*”; enquanto que o eixo da *cidade-ideal* corresponde à busca da “*transformação da realidade, numa dimensão projectual*”, como “*ponto de partida*” (1999:15). A cidade-ideal, complementa o autor, nada mais é que “*um ponto de referência em relação ao qual se medem os problemas da cidade-real*” (idem, p.18).

“(…) a cidade-ideal, como manifestação utópica, tem raízes num traço que caracteriza a humanidade: a decepção com o presente defeituoso, do qual emergem impulsos de repensar o existente, o real vivido, ancorados no desejo de que algo ainda inexistente possa vir a se realizar” (Sampaio, 1996, p.55).

De acordo com as etapas do urbanismo moderno, investigadas por Sampaio (1999), é na subetapa da metropolização de Salvador, ocorrida principalmente entre os anos setenta e oitenta, que “*surge a necessidade de reunificar o território fragmentado*”, conseqüente da subetapa do pós-50 (da industrialização tardia), a partir de um ideário que “*buscava reequilibrar o sistema urbano-metropolitano, polinuclear, aberto e multifacético, propiciado pela industrialização periférica de Salvador*” (idem, p.305). Esta subetapa, sugere, pode ser caracterizada pela “*retomada de pontos inspirados em Mumford (1951), e seguidores do ‘urbanismo’ da continuidade em contraposição às rupturas do urbanismo modernista, frente à estrutura urbana herdada, pré-existente*” (idem, p.306).

Sampaio (1999) considera que o paradigma moderno no campo urbanístico em Salvador pode ser compreendido nas seguintes subetapas: a primeira delas, ligada ao movimento sanitaria/higienista e aos planos de melhoria, ocorreu até inícios do século XX, com projetos tópicos, localizados e setoriais; a segunda, quando de fato se introduz o paradigma moderno, composto por várias vertentes, ocorreu com a criação do Escritório do Plano Urbanístico de Salvador (EPUCS), em 1943, após a semana de urbanismo, ocorrida em

1935; a subetapa seguinte, do pós-50, é aquela que vinculada ao processo de industrialização tardia, caracterizada por um “*enfoque funcionalista*”; e a última, da metropolização, através de um ‘enfoque sistêmico’, “*representava o modus operandi de uma lógica de planejamento capaz de ligar as partes de uma forma-urbana fragmentada, projetando uma nova ‘totalidade’ urbano-regional*” (idem, p.306).

Dentro de um “*enfoque sistêmico*”, o ideário urbanístico que caracteriza a subetapa de metropolização busca “*conciliar e tenta atuar de modo a evitar rupturas na forma-urbana, para tanto a lógica interna do plano busca sempre melhorar o ‘desempenho’ da estrutura físico-territorial da cidade na sua dimensão metropolitana*” (idem, p.306).

Nesta perspectiva, complementa adiante Sampaio, a “*conciliação entre o novo e o velho se dá por uma espécie de complementariedade, e menos por oposição*”. O velho das Áreas de Proteção Rigorosa, no PLANDURB - Plano de Desenvolvimento Urbano - conclui o autor, “*é incorporado ao presente, e reforça na ideologia do plano a dimensão de revalorização do antigo, do passado, como fragmentos de uma ‘memória urbana’ a ser preservada*” (idem, p.315).

A institucionalização dos parques públicos no município de Salvador, marcada pela criação do primeiro parque, o Parque da Cidade, inaugurado em 1975, e o Parque de Pituaçu, em 1977 (LEIRO, 2001)⁶, de acordo com os planos elaborados pela CONDER, partiu de um entendimento de que a estrutura social de Salvador se caracteriza por “*uma relação dicotômica entre a cultura moderna e a cultura tradicional semi-campesina*”, na qual “*o avanço da primeira corresponde ao recuo da segunda com resíduos marginais*”. É função destes parques, “*incentivar e recriar os resquícios de uma cultura em desaparecimento,*

⁶ Nestes últimos vinte anos, além do Parque da Cidade, oito nove parques passaram a integrar o sistema público (estadual e municipal), em Salvador, sendo eles: Parque Histórico Metropolitano de Pirajá (situado numa área que envolve o subúrbio ferroviário e as regiões de Pirajá e Valéria), Parque Atlântico (no bairro da Boca do Rio), Parque Jardim dos Namorados (no bairro da Pituba), Parque do Dique do Tororó (no centro da cidade), Parque da Lagoa e Dunas do Abaeté (no bairro de Itapuã), Parque do Costa Azul (no bairro Costa Azul), Parque Metropolitano de Pituaçu (no bairro de Pituaçu) e o Parque Zoobotânico Getúlio Vargas (no bairro de Ondina), segundo Leiro (2001).

incentivando também, o desenvolvimento da cultura moderna, evitando-se choques, dominação ou a valorização de uma cultura em detrimento da outra” (BAHIA, 1988, p.3).

A garantia do equilíbrio entre a cultura tradicional e a cultura moderna nestes espaços se reflete na tentativa de propostas urbanísticas que, por um lado visem manter seus traçados topográficos e suas riquezas naturais e histórico-culturais; por outro lado, ofereçam diferentes serviços e estruturas de lazer coincidente com os modos de vida contemporâneos, destacando neste ponto a atividade turística. As políticas públicas voltadas para os parques buscariam fortalecer as características naturais de forma a garantir a sua “*originalidade*”, reforçando a importância desses espaços no conjunto da cidade. Aqui seria valorizada sua “*beleza cênica singular*”, com a capacidade de “*extasiar frequentadores*”, através da sua contemplação. Talvez, em detrimento desse tipo de preocupação, pode-se encontrar uma explicação em torno de algumas inadequações presentes para a prática de atividades físicas esportivas dentro dos padrões técnicos esperados pelos praticantes que se encontram nestes espaços.

A valorização pelos órgãos públicos das *características naturais* dos espaços mais preservados se torna mais clara no momento em que uma parte destes é reconhecida como unidades de conservação urbana, podendo ser entendidos como *ecologicamente neutros* devido a forma e intensidade de usos atuais. Isto pelo fato de operarem frente “*a uma demanda claramente estacional, entre os meses do ano e mesmo em seus usos semanais*” que são irregulares (BAHIA, 1996a, p.12). O fato de alguns desses espaços não serem utilizados pela população de forma contínua, permitiria a manutenção do seu equilíbrio natural. Este quadro, no entanto, se torna diferenciado em relação aos espaços públicos mais centrais, como o Parque do Dique do Tororó, ou dos parques localizados na orla marítima, como o Jardim dos Namorados e Costa Azul, próximos à praia de Jardim de Alá, cuja frequência e utilização pela população para a prática de atividades físicas esportivas vem se somando nos últimos anos a outras formas tradicionais de utilização destes espaços.

A Praia de Jardim de Alá, aqui considerada como parque de pequeno porte, de acordo com a classificação de Macedo (2002), e o Parque do Dique do Tororó, são algumas das principais expressões da diversidade de formas de utilização das áreas livres na cidade. Eles são produtos dos mais recentes processos de intervenção urbanística em áreas públicas de lazer e esporte desenvolvidas pelo Estado. Ambos passaram por algumas reformas na década de noventa, e integram os projetos que visam consolidar algumas áreas de lazer urbano na cidade, sendo que os dois locais representam, certamente, os mais freqüentados pela população para a prática de atividades físicas esportivas em Salvador. Em termos de visitas ao local, segundo dados da CONDER, só o Dique do Tororó recebia em média em 1998 trezentos mil visitantes por mês, sendo 20 mil em média a cada final de semana (SOUZA, 1998).

Entre os vários objetivos almejados pelas propostas de intervenção que estes parques passaram, destacamos: 1) os de proporcionar à população um espaço para a realização de atividades de educação física e de lazer; 2) preservar os valores culturais e paisagísticos dos espaços que, de modo geral, encontravam-se degradados; 3) promover o pleno aproveitamento destes valores com vistas à ampliação do seu potencial turístico e recreativo (BAHIA, 1984; BAHIA, 1996b).

Alguns dos traços mais marcantes destas intervenções nos parques constituem-se, portanto, na: a) valorização da dimensão cultural, estabelecendo um equilíbrio entre os modos de vida tradicionais e os modos de vida modernos, a partir da implantação de equipamentos de diferentes possibilidades de uso; b) exploração do potencial estético (paisagístico) dos espaços; e c) recuperação e manutenção das suas características naturais (biológicas), com ênfase num desejado equilíbrio ecológico.

A valorização da dimensão cultural deve ser destacada, pelo fato dela refletir de certo modo a idéia de que *“a cidade é o produto do crescimento e não da criação instantânea”*, como argumentou Wirth (1978, p.91). E dessa forma, as influências que a cidade exerce sobre

os modos de vida não são “*capazes de eliminar completamente os modos de associação humana que predominavam anteriormente*”. Ou seja, “*em maior ou menor escala, a nossa vida social tem a marca de uma sociedade anterior, de folk, possuindo os modos característicos da fazenda, da herdade e da vila*” (idem, p.91-92), sendo que esta influência histórica é ainda reforçada pelo fato “*da população da cidade em si ser recrutada, em larga escala, do campo, onde persiste um modo de vida reminescente dessa forma anterior de existência*” (idem, p.92).

A tendência explícita nos processos de intervenção dos parques públicos em Salvador busca estabelecer um equilíbrio entre os traços do campo e da cidade, tornando-se mais expressiva em relação à “*função compensatória*”, tão evidenciada nos modelos propostos de parques de lazer (ativo) e de esporte, originados em países europeus e adotados por muitos estados brasileiros. Pelo menos em torno destes projetos em particular, o lazer ativo, embora esteja presente nestas propostas, não elimina a constante preocupação em manter as práticas de lazer passivo, como práticas de contemplação, por exemplo, nesses espaços. O que também pode ser somado à ausência de maior preocupação quanto à adequação instrumental dos mesmos no que se refere às instalações, equipamentos e programas esportivos existentes nesses locais, além ainda do não envolvimento de profissionais da área de educação física e esportes na elaboração destes projetos.

Além disso, a estruturação desses espaços precisa ser compreendida a partir do modernismo na arquitetura paisagística brasileira, onde acontece “*a construção de uma nova forma de encarar o espaço*”, possibilitando a “*formação de uma identidade própria da arquitetura nacional, objetivando a criação de novos espaços que se identifiquem com a paisagem local, do qual se extraem elementos para a sua construção a partir dos novos hábitos sociais que se delineiam no período de sua gestação*” (MACEDO,1999, p.57).

Evidentemente que as reformas realizadas nos parques públicos em Salvador não são indiferentes ao modelo compensatório, enquanto projetos de adequação da cidade, em torno

de suas características urbanas em ampla expansão, as quais reivindicam espaços mais amplos, limpos e arejados, ou seja, ambientalmente saudáveis, na ótica da higiene social ou da saúde pública. Este traço corresponde a uma vertente, entre várias outras, que influenciam a criação e uso destes espaços para a prática das atividades físicas esportivas.

Outrossim, não podemos deixar de observar que essas reformas não estão voltadas inteiramente às propostas de parques esportivos modernos [como os Parques de Lazer e Esporte para Todos], por dois motivos: primeiro porque a sua estrutura e função não se caracterizam enquanto espaço de lazer predominantemente ativo; e, segundo, porque eles carregam traços que ainda conseguem fortalecer diferentes modos de vida no meio urbano.

A consideração dos diferentes discursos dos praticantes de atividades físicas esportivas, usuários destes espaços, e um olhar atento em torno da sua estruturação são sintomáticos para perceber como essas tendências são percebidas e analisadas através das experiências vividas nesses espaços. Questões que serão o objeto da discussão que a seguir.

2.2 Ocupação e popularização dos espaços

“Correr na rua: prática de maluco”.

*“O ideal de uma atividade física é numa área rural ou na floresta, todo mundo fosse para lá”
(Informante do sexo masculino, 47 anos, Dique do Tororó).*

O uso dos espaços públicos da cidade para a realização de atividades físicas esportivas, em um período próximo de trinta anos, está associada com a formação de grandes grupos de práticas sistemáticas de corridas e ginásticas, estruturalmente bem organizados. Simultaneamente a estes grupos surge a prática individual ou de pequenos grupos (formados por duas ou três pessoas, em geral, amigos ou parentes), de modo espontâneo e mais

diversificado, a qual poderia envolver, além da corrida e da ginástica, atividades como a caminhada e a meditação. Neste percurso o processo de legitimação dos espaços públicos da cidade para a realização dessas atividades evoluiu de modo acelerado e bastante diverso. Na década de noventa já podíamos constatar a reunião de milhares de pessoas em grandes campanhas de ginástica ao ar livre, como o “*Verão Light*”, distribuídas em atividades orientadas de corrida, caminhada, dança, ginástica, alongamento, tai chi chuan, entre tantas outras.

No início da década de setenta, e mais intensamente durante a década de oitenta, começam a se formar em Salvador, diferentes grupos de corrida e ginástica em espaços públicos da cidade, como a Turma da Alvorada (impulsionada pelo Projeto Praias de Verão, em 1976. A TARDE, 06/09/2000: 4) e a Turma da Madrugada (fundada em 1979), os mais antigos entre estes, tendo como sede principal para as suas práticas, o Parque da Cidade, no bairro da Pituba. Além destes grupos, foram também fundados o Grupo do Orvalho, Grupo Tilápia, Grupo Pé-de-Vento entre outros, distribuídos em outros bairros da cidade, como a Barra e o Tororó.

Na época em que a maioria dos grupos surgiu, a prática da corrida na rua ainda não estava tão popularizada. Os parques públicos, embora fossem considerados os mais adequados para essas atividades, por conta dos seus atributos ambientais, não dispunham de infraestrutura capaz de garanti-las, especialmente, tratando-se da prática individualizada, por conta do abandono e falta de segurança que apresentavam. Era mais prudente a organização de grupos que pudessem não só garantir a segurança de todos através de cada um, mas também, que pudesse tornar-se um mecanismo com maior poder de reivindicação e atendimento das suas pretensões. Nestes espaços, como dissemos anteriormente, ainda se mantém uma prática mais grupal do que individual por conta destes problemas de falta de segurança.

Nas ruas, os praticantes de corrida, quando realizam seus treinamentos ou participam de competição (em espaços não convencionalmente voltados para esse tipo de prática, como

as vias de acesso de carro, por exemplo) ainda são vistos pela população em geral, como “malucos”. Alguns informantes nos relataram o quanto eles são agredidos pelas pessoas quando fazem suas atividades nesse espaço.

Você correndo na rua todo mundo vai dizer que você é maluco. Você tá passando junto dos carros, então a gente até absorve de maneira satisfatória isso. Quer dizer, eles não têm a coragem, já que nós temos, prá eles nós somos malucos. De repente, se virá o papel inverso vai ver que é o contrário, o que tem coragem não é o maluco, maluco pode ser aquele que não tem coragem de fazer” (Informante do sexo masculino, 35 anos, Jardim de Alá).

O “pioneirismo” dos grupos de corrida na rua é percebido com muito orgulho entre os praticantes mais antigos, uma vez que causavam estranhamento ao usarem o espaço público para suas práticas.

“A gente passava tomando vaia do pessoal que esperava. “-Maluco!!!”. A gente provocava espanto, nos chamavam velhos malucos, tudo isso (...). Eu acho até que a gente tem mais juízo do que eles que não tão fazendo. Hoje se generalizou, tudo mundo compreendeu a necessidade de se locomover, de fazer ginástica. Minha turma é uma das pioneiras nisso, e teve esse mérito, popularizou a ginástica” (Informante do sexo masculino, 78 anos).

No presente, a prática das atividades físicas esportivas em espaços públicos já está bastante popularizada, mas a sua legitimação ainda está vinculada à apropriação dos espaços urbanos, socialmente delimitados. Tanto assim que, embora praças e ruas possam se constituir como um desses espaços, nem todos eles seriam considerados apropriados para tal. Constatamos que esta apropriação vem decorrendo inicialmente do uso sistemático da população para a prática das atividades físicas esportivas, seguida de um processo de adequação dos espaços para esta finalidade, realizadas pelos órgãos públicos. Este processo parece-nos estar vinculado a um modo de sociabilidade que as pessoas passam a desenvolver a partir das práticas de atividades físicas esportivas, destacando-se aquelas desenvolvidas na

forma coletiva (em grandes grupos), que de alguma maneira articula fatores como intimidade e afinidade das pessoas entre si e com os espaços.

Este fato demonstra que a consolidação desses grupos, não se dá exclusivamente pelo interesse pelas práticas das atividades físicas esportivas em si. Para seus membros, estes representam um grande laço de sociabilidade, em que amizade, solidariedade, companheirismo e disciplina, dizem respeito a todos. Para fortalecer esses laços, é muito comum entre esses grupos a realização de eventos que incluem a comemoração de aniversários, o pagamento de promessas, o aniversário de fundação do próprio grupo, a confraternização de fim de ano, enfim, todo e qualquer fato se constitui numa ocasião propícia para encontros e festas. O que vem apontando para a característica desses grupos enquanto novas formas de sociabilidade na sociedade contemporânea. O relato de uma mulher, integrante de um desses grupos na atualidade demonstra essa característica:

“Nós temos um grupo muito unido. Quer dizer, um tá sempre pensando no outro (...). Eu acho que o lado social também, a participação... vem família. É muito gratificante” (Informante do sexo feminino, 55 anos, Jardim de Alá).

A publicização dos eventos realizados pelos diferentes grupos torna as práticas de atividades físicas esportivas que eles desenvolvem, e os próprios grupos, mais visíveis e expostos para o conjunto da sociedade, contribuindo para a sua legitimação.

A prática das atividades físicas esportivas dos grupos mais antigos era coordenada na maioria das vezes por militares ou membros da reserva das forças armadas, conforme nos relatou o membro de um dos grupos. A Turma da Madrugada, por exemplo, reunia somente homens - com idade variando entre os 40 a 80 e poucos anos, quase todos casados, de segunda a sexta-feira, sempre às 5:00 horas da manhã, geralmente no Parque da Cidade para fazer as sessões de ginástica, seguidas por corridas livres e com tomada de tempo. A prática da caminhada entre eles era considerada inadequada, pois não indicava empenho na melhoria do

preparo físico, sendo a preparação física, portanto, o principal critério na avaliação dessas práticas. Através deste critério, a Turma da Madrugada se dividia em três blocos: “*os podres*” (que não tinham boa preparação física), “*os mais ou menos*” (com condição física regular) e o “*cobras*” (aqueles com excelente preparo físico). Esta subdivisão do grupo tem a função de amenizar as diferenças da condição física dos integrantes, principalmente em situação de competição nas ruas.

O trabalho realizado em grupos é mais intenso quando comparado com as atividades individuais. A frequência, em geral, envolve cinco ou seis dias da semana (indicando a disponibilidade de apenas um ou dois dias para descanso), seguindo um cronograma de atividades (treinamentos), previamente traçado por um coordenador.

Os líderes que coordenam os grupos, em geral, são aqueles vistos pelos demais membros como os mais preparados fisicamente. A eles cabem a definição e orientação dos exercícios físicos que o grupo deve fazer, sendo o elemento motivador para todos, a busca sempre de melhores resultados, tendo em vista o progresso do rendimento físico.

Os procedimentos adotados nestes grupos demonstram, em parte, a influência da proposta do médico norte americano K. Cooper (originada na década de setenta), que aconselha a prática da corrida de modo sistemático, com a aferição de algumas medidas clínicas tendo em vista a melhoria da capacidade cárdio-respiratória. Mas, a orientação de Cooper (1982) não está exclusivamente voltada para os fatores de treinamento físico, propriamente dito. Seu programa incluía uma proposta de “*bem-estar total*” que além dos exercícios aeróbicos (principal elemento do seu método) e localizados, previa a indicação de hábitos e estilos de vida envolvendo a nutrição e alguns aspectos de ordem emocional/espiritual.

O método de Cooper é contundente quanto à perseguição de um estilo de vida, baseado no “*bem-estar total*” a partir de três princípios, que ele considera como “*necessidades básicas*”: o exercício aeróbico; a alimentação positiva, baseada em “*hábitos alimentares*

destinados a durar a vida inteira”; e o equilíbrio emocional. Bebidas, drogas em geral, falta de repouso são alguns dos itens que devem ser excluídos desse programa.

Os princípios de Cooper não se destacam integralmente na prática original desses grupos. Suas corridas e reuniões são sempre acompanhadas por muita farra, bebida e comida. A conexão entre as práticas de atividades físicas e os aspectos psíquicos e espirituais vai se destacar mais nas práticas individualizadas, iniciadas mais recentemente, para os quais voltaremos a atenção deste estudo em outros momentos.

Além do objetivo de manter sistematicamente a prática de exercícios físicos orientados em espaços abertos, como parques e orla marítima, esses grupos têm também em comum a prática reivindicatória da preservação ambiental destes espaços. Eles se constituíram como instituições informais e, como tal, reivindicam dos poderes locais e da sociedade em geral, a preservação e melhoria das “áreas verdes”, áreas livres apropriadas para o esporte e lazer, organizando e apoiando eventos com essa finalidade, o que pode ser observado através das inúmeras matérias publicadas em jornais locais (Anexos). Além do aspecto de depredação dos espaços, outro ponto de reclamação era a questão da falta de segurança que aí se verificava (A TARDE, 1992:19)

A Turma da Madrugada, por exemplo, tendo como sede o Parque da Cidade, vem se envolvendo com frequência em ações de alerta contra a depredação do local, sendo inclusive vítima na destruição completa da sua sede dentro do parque (A TARDE, 1986, p.15); em outra ocasião teve a experiência de um assalto coletivo, segundo o relato de um de seus membros, quando o grupo (com cerca de sessenta homens) realizava corridas.

Durante toda a década de noventa, vários grupos, como o Tilápia e o Pé-de-Vento promoveram denúncias e reivindicaram melhoria das “áreas verdes” da cidade como o Dique do Tororó e a Lagoa do Abaeté (Anexos 10, 12 e 13). Nestas manifestações os grupos solicitam intervenções nos espaços, de forma que os mesmos possam garantir a prática de

diferentes atividades esportivas e de lazer (A TARDE, 02/05/1995, p.2; A TARDE, 11/12/1995, p.4).

Pouco desses grupos mantém suas atividades na atualidade. Muitos começaram, entre os anos oitenta e noventa, mas rapidamente acabaram. Por outro lado, em meados da década de noventa começam a expandir os espaços públicos da cidade voltados para a prática das atividades esportivas e de lazer⁷, com a criação e revitalização de alguns parques (como o Parque Dique do Tororó, o Parque Costa Azul e o Parque Jardim dos Namorados) e o melhoramento de alguns trechos da orla marítima como o Jardim de Alá. É a partir deste período que começa a crescer de forma acelerada a adesão das práticas de atividades físicas esportivas de modo individualizado em diferentes locais da cidade, sendo hoje, portanto, muito mais prevalente a prática solitária ou em pequenos grupos, não formalmente organizados.

Essa “falta de organização”, presente na maioria das práticas da atualidade, aponta para uma das principais características das atividades físicas esportivas na rua que é a ausência de vínculos entre os praticantes, sendo mais valorizados, portanto, os interesses e disponibilidades pessoais de cada um, o que pode ser evidenciado na declaração de um homem e uma mulher que disseram que “*nada aqui é organizado(...). A gente vem a hora que pode, a hora que quer*”.

As respostas encontradas em torno das diferentes trajetórias do tempo de uso desses espaços públicos para a prática de atividades físicas esportivas, bem como os motivos que influenciaram a escolha entre um local em detrimento de outro, assim como, a referência às

⁷ Até inícios da década de 1980, de acordo com a Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador – CONDER*, existia apenas um parque público de lazer de grandes dimensões, o Parque da Cidade, no bairro do Itaipara (BAHIA, 1996a, p.11). Lá, em torno de uma vasta área verde, poderíamos encontrar algumas opções de lazer que incluíam alguns setores de ginástica e esportes, além de brinquedos diversos. Mas este quadro, segundo documentos da CONDER, desde inícios dos anos noventa vem mudando decisivamente, expandindo, por exemplo, nos últimos cinco anos a oferta de espaços e equipamentos de lazer na cidade, mas que ainda estão longe de atender a demanda local existente (BAHIA, 1996a).

diferentes experiências anteriores, constituíram nossa tentativa de identificar e explorar os modos de adesão às práticas na categoria individualizada.

Sobre o tempo de uso do espaço para a prática de atividades físicas, individualmente as respostas foram bem variadas, sendo que o praticante mais antigo, um homem de 83 anos de idade, residente na Barra, já realizava “*caminhadas*”, sistematicamente na “*areia da praia*” e “*corria*” no calçadão entre o Porto e o Farol da Barra, “*há mais de trinta e cinco anos*”. No início, a sua prática se dividia entre a caminhada na areia da Praia do Porto e a corrida no calçadão “*até os 65 anos de idade*”. Depois disso ele passou a fazer “*só caminhadas*” no calçadão, no trecho que vai do Porto da Barra até Ondina, chegando às vezes “*até ao Rio Vermelho*”, perfazendo um percurso de aproximadamente “*seis quilômetros por dia*”.

Nessa trajetória, ele fala o quanto o espaço [da Barra] “*mudou*” durante esses anos, dizendo que “*hoje tá muito melhor (...), tá mais limpo*”. Pois, segundo ele, “*naquele tempo tinha muito esgoto*” e que só veio mesmo melhorar depois. E que se hoje a praia “*ainda é suja*” é porque “*tem muita gente aí ignorante, jogam plástico na água*”, e também porque às vezes “*a sujeira*” vem do bairro “*Água de Meninos*”.

Um outro informante, com vinte e cinco anos de prática de atividades físicas esportivas no Dique do Tororó, lembrando a época em que passou a frequentar o local, afirmou que quando começou “*o Dique ainda era aquele negocinho apertado*”, referindo-se à área hoje ampliada, onde as pessoas costumam caminhar e correr. Fazendo um contraponto com a situação atual do Dique, reconheceu que anos atrás “*não se cuidava muito*” do local. E que ali, “*jogava-se muito bozó*”, havia “*muita sujeira*” e “*muitos mendigos*”. Mas que após as reformas, “*o Dique ficou espetacular*”, tornando-se um “*espaço adequado*” para a prática de atividades físicas esportivas em geral, estimulando o deslocamento de pessoas residentes em diferentes bairros da cidade para realizar suas práticas no local.

As reformas, também para os novatos, são reconhecidas como uma condição essencial para a realização das práticas. Antes delas acontecerem, os espaços não eram vistos com a propriedade devida para as atividades esportivas e de lazer:

“Venho aqui depois que o Dique virou Dique. Porque não tinha condição. Não tinha pista, não tinha nada. Era muito ruim, não tinha acesso”. (Informante do sexo masculino, 46 anos, Dique do Tororó).

Para uma informante que praticava atividades físicas esportivas no Jardim de Alá, há vinte e cinco anos, as transformações ambientais pelas quais aquele trecho da orla vem passando nesses anos tem significado também “*melhoria*” em vários sentidos:

“Mudou muitas coisas... que isso não tinha calçamento direito. Era tudo mal organizado. Agora está tudo maravilhoso (...). Isso aqui era muito sujo, os pessoal vinha fazer piquenique, aí largava tudo sujo. Hoje não, está tudo limpinho.” (Informante do sexo feminino, 62 anos, Jardim de Alá).

A comparação entre o passado e o presente das condições ambientais dos espaços usados para a prática de atividades físicas tornou-se uma constante nos relatos dos informantes ao se referir ao início das suas experiências. E como nós pudemos observar, as mudanças percebidas como “*melhoria*” dessas condições estão associadas à idéia de “*limpeza*”, que por sua vez é representada pelas reformas sanitárias realizadas nos espaços, bem como pela “*mudança de comportamento*” da população que reduziu o ato de: “*jogar lixo*”, “*fazer piquenique e largar a sujeira na praia*”, “*jogar bozó...*” Ou seja, o uso dos espaços tendeu a uma maior uniformidade no sentido das práticas esportivas, de lazer e contemplativas.

Uma outra categoria que surge na avaliação dos espaços é a sua “*adequação*” para a prática de atividades físicas esportivas. Neste contexto, o Dique foi muito citado como o espaço que oferece hoje as condições “*mais adequadas*” para a prática dessas atividades,

considerando que *“lá você tem uma pista apropriada”* para fazer *“cooper”*, enquanto os outros locais não têm:

“A Barra é muito estreito, você acaba tendo que andar no meio da rua quando tem muita gente”. (Informante do sexo feminino, 23 anos, Dique o Tororó).

“... na Barra não é como aqui que tem uma pista uniforme e que você tem oportunidade de fazer outros exercícios depois. Na Barra tem muita ladeira e tem muita gente andando. A pista é muito irregular e tem que ficar desviando das coisas, não dá para ter uma atividade contínua assim”. (Informante do sexo feminino, 21 anos, Dique do Tororó)

Na orla, no trecho da Praia do Jardim de Alá, há o reconhecimento de que a pista é *“inadequada”* na medida em que *“há sempre conflito”* entre pedestres e ciclistas, já que a pista de ciclismo foi construída dividindo o calçamento em duas faixas estreitas, no local onde as pessoas geralmente caminham ou correm (A TARDE, 22/02/1987, p.15).

Tecnicamente falando, nenhuma dessas pistas é apropriada para a prática de atividades físicas como a caminhada, ou mais especificamente a corrida, por conta do impacto causado pelo piso que, em geral, é composto de material muito rígido, tal como concreto ou pedras. Além disto, não possibilitam maior diversificação das práticas com o uso de equipamentos tais como: patins, skates, bicicletas, patinetes etc., restringindo o uso dos espaços ou gerando *“conflitos”* constantes entre os frequentadores (Anexo16).

A seleção dos espaços, como mostraremos mais adiante, está associada a uma visão integrada de um conjunto de fatores que extrapolam a sua condição técnica, embora a disponibilização de equipamentos e serviços seja muito valorizada entre os praticantes.

As áreas disponibilizadas ao redor do Dique para fazer *“ginástica”* e *“alongamento”* são apontadas pelos informantes como um recurso a mais desse espaço, em comparação com os demais, porém são avaliados ainda como *“ineficientes”*, devido à *“ausência de profissionais especializados na área”* da educação física e da área de saúde, especialmente da

medicina, além da inexistência de programas contínuos de “orientação” e “acompanhamento” das práticas.

Os “setores de ginástica” espalhados na orla marítima de Salvador e nos parques públicos da cidade constituem-se em espaços “reservados”, providos de alguns equipamentos de ginástica (pranchas, barras paralelas, argolas etc.), com freqüência utilizados pela população masculina. Leiro (2001) identificou “*uma ocupação diferenciada não só em alguns espaços do parque, como principalmente em alguns equipamentos de ginástica*”. Referindo-se a estes “*é fácil perceber a reprodução de valores androcêntricos, sendo rara a presença feminina em alguns equipamentos*”, contribuindo também para isso a localização desses setores nos parques que, na sua maioria, são instalados bem próximos ao banheiro masculino e/ou em áreas menos movimentadas do parque”. (LEIRO, 2001, p. 110).

Durante toda a pesquisa de campo, não observamos a presença de mulheres nesses espaços, embora ficássemos sabendo que de forma esporádica algumas utilizavam, especialmente para fazer alongamentos. Quando questionamos, homens e mulheres, sobre o uso desses espaços, encontramos as seguintes respostas: a) entre as mulheres: que “*não prestaram muita atenção neles*” ou “*não os viram*”; e que os exercícios que eram realizados nestes (através “daqueles equipamentos”) eram especificamente “*para homens*”, pois se voltavam mais para “*a parte de cima*” do corpo, enquanto que as mulheres “*se preocupavam mais com a barriga*” e “*com as pernas*”; e outras que só tinham interesse em fazer as atividades na pista; b) entre os homens prevaleceu a idéia de que as mulheres “*não tinham força suficiente*” para usar aqueles equipamentos porque “*exigiam muito dos braços*”; e que elas não ficavam ali por conta de “*ter muito homem*” no espaço e poderiam ser “*paqueradas*” por eles, embora alguns tivessem reconhecido que se elas passassem a usar o espaço isso pudesse “*acabar*”. Alguns chamaram atenção para o fato de que as mulheres precisavam “*trabalhar*” [fortalecer, condicionar] o corpo integralmente, e que para isso deveriam utilizar também aqueles equipamentos.

É importante notar que na construção desses espaços especializados não houve preocupação em atender aos diferentes interesses de homens e mulheres quanto à prática de atividades físicas esportivas com o uso de equipamentos de ginástica. Assim é que a disposição desses setores em relação ao conjunto dos parques e da orla não favorece o uso por parte da população feminina. E, por último, mas não menos importante, que a discussão acerca da percepção de corpo (masculino e feminino), associada aos modelos de ginástica adotados nos projetos de intervenção urbanística das áreas destinadas à prática de atividades físicas esportivas, precisa ser levada em consideração no momento da construção desse tipo de espaço. Estes devem integrar e renovar modelos de equipamentos que favoreçam uma visão unificada de corpo para ambos os casos, respeitando, inclusive as diferenças de idade da população usuária, já que foi percebido, também, em ampla escala, a presença de um público jovem em torno desses equipamentos.

Ainda no que se refere à “adequação” e “estruturação” dos espaços públicos onde se realizam as atividades físicas esportivas, o Dique do Tororó foi também reconhecido como um dos locais mais adequados devido à “sombra” das árvores existentes no local, tornando-o “mais fresco” em diferentes horários do dia. Esta condição é contraposta ao “calor” da orla em toda sua extensão, principalmente nos horários mais quentes do dia, devido a “inexistência de árvores”. Entretanto, na questão da “poluição” ambiental pelos carros que circulam no entorno desses espaços, o Dique, especialmente nos horários de pico, foi identificado como o local mais afetado, sendo o “principal problema” vivenciado pelos usuários daquele espaço. Neste aspecto, a orla é identificada como local mais “saudável” do que o Dique.

Por conta das inúmeras experiências de atividades físicas em variados espaços (orla, ruas, praças, calçadas...), alguns informantes avaliam, criteriosamente, outros aspectos que indicam uma maior ou menor “adequação” desses espaços para a realização dessas atividades. Em alguns casos são observados: a “qualidade” do piso; a “segurança” do local; a “higiene” e o “odor” das ruas; o “alargamento” das calçadas entre outras coisas:

“Aquele passeio da orla com aquelas pedrinhas, quebrando todo dia, aquilo faz a pessoa cair (...), andar mal também, dói a sola dos pés. A gente mesmo com um tênis adequado dói, porque pisa alto, pisa baixo (...); E também, melhorar... de manhã cedo a orla fede muito a urina ainda. A prefeitura se esforça, mas o povo precisa se educar mais; Ali, na Vitória, precisa alargar os passeios, porque a gente não consegue andar; O Campo Grande [a praça] é muito barulhento, muito quente (...) a gente tem que andar pela volta, pelo passeio mesmo, aí tem muita gente, muito pedinte (...). E a Barra precisa de muita segurança, está tendo muito assalto, muito pivete, todo mundo se queixa.”(Informante do sexo feminino, 62 anos, Dique do Tororó).

De alguma forma, os depoimentos apontam para um salto qualitativo das mudanças resultantes das reformas ocorridas no Dique e no trecho da orla que abrange a praia do Jardim de Alá, reconhecendo o fato de “*todo mundo*” hoje se deslocar de suas casas para esses lugares para fazer atividades físicas esportivas. Contudo, as práticas surgiram bem antes das intervenções urbanísticas nesses espaços. Na Barra, particularmente, não há qualquer influência direta das mesmas, já que sua orla não passou por nenhuma reforma neste sentido, como foi mostrado anteriormente neste estudo. Por esse motivo, acreditamos que os projetos de intervenção urbanística dos espaços não podem ser, isoladamente, creditados pela maior adesão à prática de atividades físicas esportivas na rua pela população de Salvador. Parece-nos mais correto reconhecer que os mesmos integram um conjunto de fatores que têm contribuído para o desenvolvimento deste fenômeno na atualidade.

Na verdade, um rápido passeio nas principais vias de acesso e praças de Salvador, assim como em toda a sua orla marítima, nos permitiu constatar uma presença crescente de pessoas realizando diferentes atividades físicas esportivas, independentemente da “adequação” desses espaços para essas atividades. Uma das respostas possíveis encontradas sobre este fato pode ser identificada no momento em que os nossos informantes apontaram os motivos que os levaram a escolher um local em detrimento de outros. Surgiu então a associação entre as práticas na “rua” e as idéias de “comodidade” e “intimidade” para os usuários desses espaços.

A percepção do espaço atrelada à idéia de “comodidade” é aquela que representa uma certa “*facilidade de acesso*” a ele, e também, às inúmeras “*vantagens*” nele reunidas. Primeiro, a “facilidade do acesso” em relação à residência dos praticantes, isso é o que levaria, por exemplo, moradores dos bairros de Costa Azul, Stiep e Boca do Rio usarem com maior freqüência a orla do Jardim de Alá; enquanto moradores de Brotas, Barris, Garcia e do próprio Dique freqüentarem mais o Dique do Tororó.

Embora alguns possam querer “*mudar de ambiente*”, ocasionalmente se deslocando para espaços mais distantes, a fim de “*diversificar*” a prática, foi marcante entre os depoimentos a referência ao “*privilégio*” de se morar próximo desses espaços. De “*ter uma área*” desse tipo: “*agradável*”, “*bonita*”, “*tranqüila*”...; próximo da residência, o que permite você já vir “*andando*” ou “*correndo*” de casa, sem precisar usar carro ou ônibus. Permite também, sincronizar as práticas com as demais tarefas do dia-a-dia, porque “*cada um*” é quem determina o horário que pode fazer, não interferindo nas outras obrigações, chegando algumas vezes permitir você realizar esse tipo de atividade “*mais de uma vez*” em um dia.

Além disso, foi observado nos depoimentos que uma grande “*vantagem*” em se freqüentar os espaços próximos à residência é o desenvolvimento da sociabilidade. Isto é feito particularmente sob a forma de fortalecimento de laços de amizade e companheirismo entre os praticantes mais antigos, vizinhos de bairro, que nos momentos de repouso ou pausa das atividades se reúnem para conversar entre si ou fazer novas amizades. Como acontece, por exemplo, com o grupo de informantes residentes na Barra, freqüentadores do local há muitos anos que: “após as caminhadas” matinais, sentam-se em um “banquinho” do Farol para “*conversar*” e se “*divertir*”. Trata-se de um grupo formado por uma população predominantemente masculina, com a presença de apenas uma mulher, com idades variando entre 63 a 83 anos de idade. Um deles comentou, em tom de blague: “*aqui nós fazemos o cooper de língua*”. Durante o “*cooper de língua*” eles discutem problemas variados, tais

como: as políticas sociais implementadas para os aposentados e a questão da “insegurança” atual, mas sempre num tom de ironia, quase sempre temperado com muitas “piadas”.

“Neste banquinho se faz tudo, minha filha: paquerar, falar da vida dos outros, fazer consulta médica, fazer bozó, contar piada...” (Informante do sexo masculino, 79 anos, Barra).

Outra mulher, também na Barra, referindo-se às vantagens em fazer as atividades físicas ali, próximo da sua residência, salienta “*a quantidade de pessoas*” que já conheceu e que sempre conversa através dessas idas ao local. Mas com ela, assim como as pessoas anteriormente citadas, os encontros, a construção de novas amizades, as conversas, enfim, a sociabilidade acontece quase sempre nos momentos que antecedem ou finalizam as atividades físicas.

Considerando todas as questões já mencionadas, podemos dizer que a “*proximidade*” dos espaços públicos investigados com a residência dos seus usuários é o principal motivo na seleção de um local para o desenvolvimento das várias atividades, mesmo que outros possam apresentar condições mais apropriadas. Este fato reforça a suposição de que independente da “adequação”, num sentido mais técnico, dos espaços públicos, os praticantes de atividades físicas esportivas têm justificado suas escolhas em parâmetros de outra natureza. Estes parâmetros, tudo indica, estão muito mais atrelados ao conjunto das suas demandas do dia-a-dia, como o equilíbrio entre o exercício profissional, as demandas domésticas, o tempo livre, bem como a ampliação das possibilidades de uma maior sociabilidade a partir destas práticas.

Existe, no entanto, um elemento comum fundamental na justificativa dos usos desses espaços para prática de atividades físicas esportivas, nos três casos aqui investigados, que perpassa todos os outros que é a questão da “natureza” dos espaços públicos. Esta “natureza”, como categoria recorrente nos discursos foi analisada a partir de duas dimensões: a dimensão físico-paisagística e a dimensão política. A partir destas dimensões, os informantes direcionaram seu discurso em torno da contraposição entre as práticas de atividades físicas

realizadas na rua (no espaço público), com aquelas realizadas nas academias de ginástica (nos espaços privados).

Para compreender as categorias do público e do privado emergidas das ações e dos discursos dos praticantes de atividades físicas esportivas recorreremos a DaMatta (1991), para afirmar que essas categorias “*não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas mensuráveis, mas acima de tudo entidades morais*” (1991, p.17). A delimitação desses espaços, considerando a ótica de DaMatta, deve ser percebida “*por intermédio de contrastes, complementariedade e oposições*” (idem, p.18).

É por intermédio de contrastes e complementariedades com o espaço da academia (o fechado, o duro, o restrito, o privado, o institucional) que a prática de atividades físicas na rua é vivida e interpretada como “livre”, “aberta”, “flexível”, “espontânea” e “democrática”. A liberdade, a amplitude e a espontaneidade associadas às práticas da rua são reveladas ora na caracterização físico-espacial da academia, ora na interferência do seu professor de ginástica.

“Já fiz academia. Hoje eu não faço mais porque é um negócio muito abafado, muito preso e aqui a gente se sente como se fosse um passarinho.” (Informante do sexo masculino, 48 anos, Dique do Tororó).

“Eu perdi a paciência de freqüentar academia porque eu nunca tive um bom condicionamento físico (...), mas durante a aula por mais que eu estivesse me esforçando, me esguelando para fazer os exercícios... o professor (e não era um professor só não!) estava achando que você estava fazendo sempre menos do que você poderia. E fica assim em cima de você: ‘Vai, você está fraca!’”. (Informante do sexo feminino, 23 anos, Dique do Tororó).

Partindo do princípio de que o discurso dominante da rua “*é aberto ao progresso individualista*” (DAMATTA, 1991), e este aponta para uma *liberdade e autonomia individuais*, interpretamos que esse discurso diverge daquele “*autoritário*” e “*padronizado*” da academia, como exemplificado nas narrativas acima. Se nós observarmos bem, ele vai divergir também do discurso dos primeiros grupos de corrida formalmente organizados,

mesmo ocupando o espaço da rua. Por sua natureza político-pedagógica, estes grupos vão ter um discurso mais próximo das práticas das academias do que das práticas individualizadas da rua. O que caracteriza a natureza político-pedagógica desses grupos quanto ao domínio de um discurso privado sobre o público é o fato de alguns possuírem, ou já terem possuído, sede própria (nos espaços públicos); serem coordenados por professores (como os membros costumam chamar os militares, líderes dos grupos); constituírem-se em grandes famílias de corredores (dada a proximidade que os seus membros estabelecem entre si nos encontros de aniversário, confraternizações, casamentos, pagamento de promessas...); e onde todos devem perseguir um certo padrão de condicionamento físico, através da prática da corrida (a caminhada para eles tinha conotação muito negativa). Só com o envelhecimento do grupo, quando os seus membros passaram dos sessenta anos, a caminhada passou a ser adotada.

O trecho da narrativa de um membro de um destes grupos demonstra claramente as afirmações acima:

“A gente não pagava nada, mas tudo era organizado. Recebia boletim, o que é que eu fiz certo, o que é que eu fiz errado (...). A gente corria uniforme, quatro a quatro, como ordem unida, agora no fim tinha lance livre (corrida livre), cada um que corresse o que pudesse e aí classificava (...). Caminhar era até proibido. Correr, correr, correr... (...). Depois que acostuma e aprende a respirar, você corre o dia inteiro, não cansa. Você cansa, cansa, cansa, cansa, aí... sublima [respira], aí você pocpocpoc, vai até o inferno. Outra coisa, a gente era obrigado a dar sangue uma vez por ano(..). Todos davam sangue para o hospital” (Informante do sexo masculino, 78 anos).

Como já dissemos, poucos desses grupos se mantêm na atualidade. As práticas na rua, pelo que nós observamos, tendem hoje para um modelo mais individualizado, mesmo quando elas são realizadas em pequenos grupos (em duas ou três pessoas). As razões que favorecem a adoção do modelo mais individualizado no espaço da rua é a nossa questão central de discussão.

As experiências em atividades mais formalizadas e institucionalizadas, como aquelas em academia de ginástica, são o contraponto para justificar grande parte das adesões à prática nos espaços públicos. Vale salientar que embora as academias não tenham sido um campo de estudo neste trabalho, a referência a esses espaços é constante quando os praticantes analisam as experiências vividas na rua com aquelas vividas, às vezes paralelamente, nas academias e outros locais onde as práticas de atividades físicas acontecem.

As diversificadas trajetórias de vida nas práticas das atividades físicas esportivas, em diferentes espaços, formam uma rede de significados que demarca vantagens e desvantagens no uso dos espaços públicos para essas práticas em relação às academias de ginástica, e vice-versa. A análise desses aspectos contribuiu para o entendimento da evolução do uso dos espaços públicos da cidade para as práticas corporais de movimento.

Uma das explicações possíveis sobre a evolução do uso dos espaços públicos pode ser encontrada na análise das formas de interação dos corpos, como construção sócio-cultural, com o espaço da rua (aberto) e o espaço da academia (fechado). Esta análise permitiu refletir algumas idéias predominantes na discussão em torno das categorias de “*espaço aberto*” e “*espaço fechado*” atreladas as possibilidades sensitivas, reflexivas e políticas do corpo em relação a esses espaços⁸.

Assim, no espaço aberto que é a rua, hipoteticamente, não haveria restrições para qualquer pessoa nele interagir; as regras são mais flexíveis e, em geral, são determinadas pelos próprios indivíduos que dele podem usufruir. Ou seja, é um espaço em que os “*critérios são menos rígidos*”, o que “*implica menos rigor*” do que o espaço fechado da academia, por exemplo. Na rua você “*respeita mais os seus limites*” e “*seus interesses*”, pois “*é você mesmo que os conhece*”. Enquanto muitas vezes na academia, “*o professor não os respeita*”:

⁸ Para estudar as práticas corporais de movimento, como a ginástica, como um processo de reflexividade e como forma de potencialidade sensitiva, é interessante ver os estudos de Tim Éderson sobre a “Caminhada no Campo” (2000). E, para ver a discussão em torno da reflexividade na configuração da subjetividade moderna, sugerimos o trabalho de José M. Domingues (1999).

“... prá lhe ser sincero, eu nunca gostei muito de academia (...), principalmente por ter um horário fixo. Nunca gostei muito de peso, de musculação...; Eu prefiro a orla”. (informante do sexo masculino, 34 anos, Jardim de Alá).

Mas a referência ao “*espaço aberto*” também pode ter o significado da dimensão física-ambiental, ou seja, como aquele que não teria limites físicos ou geográficos, podendo inclusive se “*tornar diferente*” a cada dia, a cada experiência. Não só pela maior possibilidade de você estar com frequência mudando de lugar: de praia em praia, do calçadão da orla para a areia da praia, desta para o parque...; como também, pela percepção que se tem destes espaços, que seriam “*mais naturais*” e que por isso, teriam condições de mudanças mais constantes em termos de “*paisagens*” e de “*pessoas*”, tornando a prática “*mais agradável*” e “*menos maçante*”, uma vez que “*você distrai mais a cabeça*”.

“É super agradável. Adoro aqui a brisa maravilhosa... Eu acho que não troco aqui por lugar nenhum” (Informante do sexo feminino, 26 anos, Barra).

“... é um local que nós temos muita área verde. É um local seguro e que temos contato com o mar (...). O mar é força vital na vida da gente, por isso que eu prefiro esse local aqui que é gostoso e bom para se malhar.” (Informante o sexo masculino, 40 anos, Jardim de Alá).

Enquanto na academia, por se tratar de um “*espaço fechado*”, as práticas se tornam “*mais repetitivas*”, “*mais monótonas*”, o que pode fazer você “*se cansar mais*” e “*não render*” como no espaço aberto, mesmo considerando que esse espaço tem “*os equipamentos mais adequados*” para as práticas.

Esta alusão aos “*espaços abertos*”, associado aos seus atributos naturais, de forma muito frequente, prevalece na percepção do espaço como o “*paraíso natural*” das sensações, onde o corpo vivencia as manifestações da natureza, tais como: “*a brisa do mar*”, “*o ar puro dos parques*”, “*o verde das plantas*”...; isto é, sentir no corpo a “*natureza viva*” existente no espaço. Nesta dimensão, a sensação de “*natureza viva*” refletiria mais vida para o corpo e se

traduziria num corpo urbano “*revigorado*” por um ambiente que carrega ainda traços do campo. Diferente daquele corpo no espaço fechado que pouco respira, pouco se percebe, pois “*falta ar*”, “*falta liberdade*”. Aquele espaço que lembra a *essência da cidade moderna*, privando o corpo sensorialmente “*pelos seus projetos arquitetônicos*”, e marcada pela “*passividade, monotonia e o cerceamento tátil que aflige o ambiente urbano*” (SENNET, 2001, p.15). Estes significados são tão marcantes e interessantes que aprofundaremos mais a discussão em torno deles ainda neste capítulo, um pouco adiante.

As academias de ginástica, muito mais representadas pelo seu “espaço fechado” em oposição ao “espaço aberto” da rua, refletiriam com maior evidência as formas de vida da sociedade moderna, próprias das grandes cidades, não só pela sua estrutura física, mas também pelo que diz respeito à determinação das suas normas e valores institucionalmente estabelecidos. Estes valores e normas vão atingir de forma direta a autonomia das pessoas que “buscam”, através das práticas corporais de movimento, justamente “ultrapassar” a vida rigorosa que o cotidiano da cidade já lhes impõe.

“Tentei ginástica [em academia], mas detestei. Porque tudo que implica obrigação, tudo que implica rigor de horário, tô fora” (Informante do sexo feminino, 26 anos, Barra).

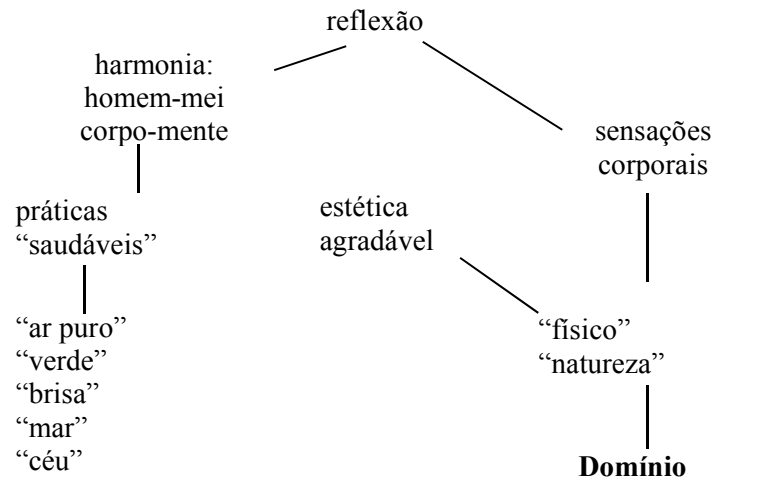
“... eu nunca fazia, sempre ficava enrolando. Não sei, a academia... os aparelhos são cansativos, repetitivos. Você fica fazendo as meeesmas coisas” (Informante do sexo feminino, 21 anos, Dique do Tororó).

Numa percepção de mercado e na perspectiva da “boa forma”, podemos dizer que as academias de ginástica hoje em dia são alguns dos espaços que mais refletem “*os ideais de corpo do pensamento moderno*”⁹. As academias de elites com seus equipamentos de última geração e suas tecnologias avançadas fazem parte do “suporte” destes “ideais”. Isto se torna tão verdadeiro na medida que observamos a associação da prática de atividades físicas esportivas na academia como aquela identificada pelos nossos informantes como a que traz

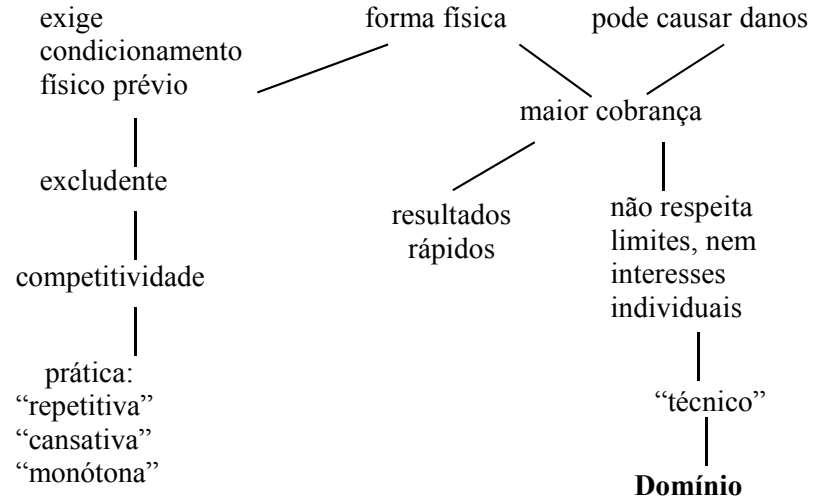
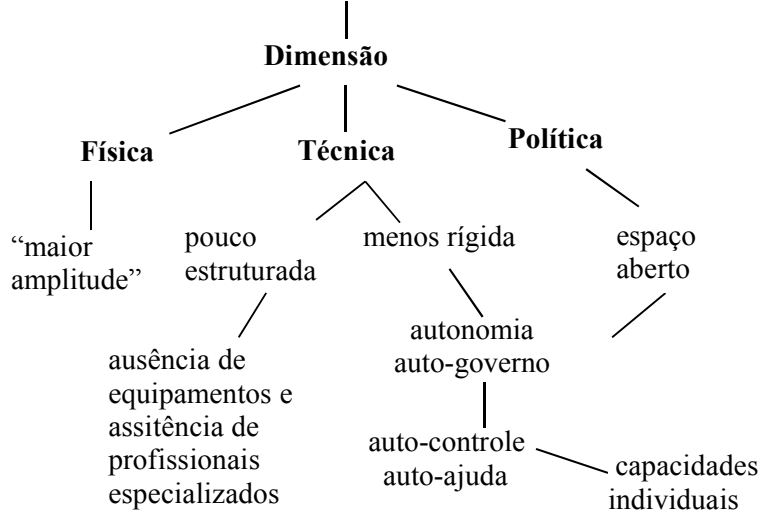
⁹ Há vários estudos que tratam da questão dos “*ideais de corpo na sociedade moderna*”, entre eles: Sant’Anna, (2001); Silva (2001) e Courtine (1995).

“*resultados mais rápidos*”, sobre a “*forma física*”, através de um “*trabalho [de corpo] mais específico*”. Mas que na prática, pelo menos pela primeira impressão que tivemos a partir dos depoimentos coletados, não deixam de ser criticados pelos usuários, especialmente no que diz respeito a relação profissional – cliente (ou professor e aluno) no que se refere aos modelos pedagógicos predominantes nestes espaços. Evidente que essas questões precisam ser investigadas com maior profundidade em estudos futuros.

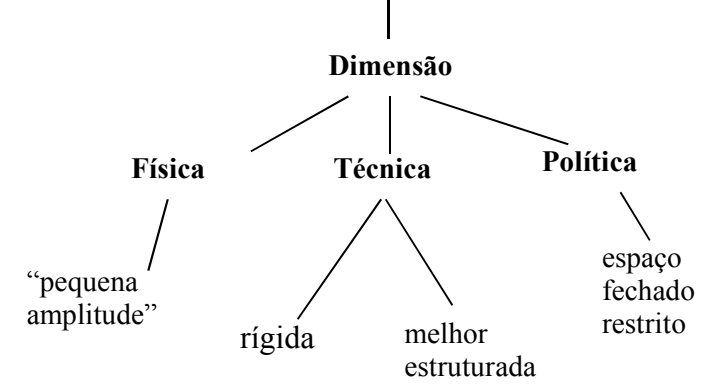
O esquema que apresentamos a seguir facilita a visualização dos contrastes encontrados na interpretação das percepções e usos dos espaços “abertos” [áreas livres, tais como a rua, praça, parques etc.] e dos “fechados”, como as academias de ginástica. Demonstramos como os atributos dos primeiros, na maior parte das vezes, predominam sobre o segundo, através da contextualização de significados que demarcam vantagens e desvantagens no uso das áreas livres para as práticas de atividades físicas esportivas em relação às academias de ginástica. Neste esquema, categorizamos as percepções e usos dos espaços a partir das suas dimensões físico-ambientais, técnicas e políticas, destacando o domínio que prevalece em cada um deles.



**ÁREAS LIVRES
ABERTAS/PÚBLICAS**



**ACADEMIAS
ÁREAS FECHADAS/PRIVADAS**



O domínio “físico”, através de atributos “naturais”, prevalece nas percepções das áreas abertas, atreladas fundamentalmente ao seu potencial paisagístico, e pode ser responsabilizado como um dos principais aspectos mobilizadores para a prática de atividades físicas esportivas em áreas livres, mesmo que estas não tenham passado por nenhuma intervenção urbanística visando a sua adequação para tal. Os usos constantes dessas áreas para essas atividades podem ser associados a um movimento reivindicatório de conservação e melhoria ambiental dos espaços.

Por conta das vantagens reconhecidas nestas características físico-ambientais dos espaços abertos e dos modelos políticos (do auto-governo) seguidos pelos praticantes de atividades físicas nesses espaços públicos, a dimensão técnica não é percebida como questão estrutural fundamental, mesmo que alguns aspectos tenham sido citados pelos nossos informantes, tais como a questão da adequação dos setores e equipamentos disponibilizados nos três espaços estudados.

A valorização dos atributos naturais dos espaços públicos, presente nos discursos de praticantes de atividades físicas esportivas, vai se associar a um modo de viver no centro urbano numa perspectiva de resgatar alguns traços da vida no campo (nem que seja por alguns instantes), e de se opor ao ritmo veloz das cidades, através de práticas “contemplativas” e “reflexivas” que esse ambiente é capaz de oferecer.

2.3 Corpo-Espaço: possibilidades sensitivas e reflexivas

“Eu gosto de caminhar na orla... Eu sou apaixonada pelo mar (...). Ah! Que delícia! Tudo isso faz bem ao corpo e a cabeça da gente também. Nesse momentozinho que eu estou aqui, eu estou curtindo o maior barato” (Informante do sexo feminino, 56 anos, Jardim de Alá).

A percepção do espaço associada a um sentimento de valorização da “natureza” no convívio urbano, explica como as pessoas interagem com os espaços, onde as práticas de atividades físicas esportivas acontecem. Esse sentimento, numa interpretação próxima apresentada por Diegues (1998, p.24)¹⁰ ao comentar sobre o “*mito da natureza intocada*”, [surgido quando “*a vida das cidades, antes valorizadas como sinal de civilização, em oposição à rusticidade da vida do campo, passou a ser criticada, pois o ambiente fabril tornava o ar irrespirável*”], recoloca a situação da vida urbana mais próxima da “*realidade do campo*”, ou de tudo que fizesse lembrá-lo, como uma questão a ser idealizada, sem necessariamente ter que abandonar a cidade, como acontece nos modelos urbanísticos das cidades-jardins discutidas por Costa (2000).

A valorização dos espaços urbanos a partir da sua dimensão natural, simbolizada pela “pureza”, “beleza” e “tranqüilidade” que seriam inerentes ao ambiente natural, reflete sensações corporais “agradáveis” e “prazerosas”, que conseqüentemente seriam traduzidas como mais “saudáveis” do que aquelas experiências vividas em “espaços fechados”, como os da academia de ginástica. Este valor simbolizaria também uma oposição ao ritmo veloz das cidades, através das práticas “contemplativas” e “reflexivas”, praticamente impossíveis de serem vivenciadas em outros ambientes.

“Eu acho que em área aberta, como essa aqui do Jardim de Alá, que é uma área que você tem contato com a natureza, com o mar, com os coqueiros, com o verde da natureza... isso nos propicia a gente respirar melhor, oxigenar melhor o corpo e o cérebro, para que nós possamos desenvolver melhor as nossas atividades. Então eu acho que em contato com a natureza é melhor”. (Informante do sexo masculino, 40 anos, Jardim de Alá).

Ederson (2000), ao analisar a caminhada no campo associada à idéia da *reflexividade* [surgida na era romântica] e da incorporação de práticas como forma de escape (anti-estresse),

¹⁰ Diegues (1998) estuda a influência dos ideais românticos do século XIX “na criação de áreas naturais protegidas”, consideradas como ‘ilhas’ de “grande beleza e valor estético que conduziam o ser humano à meditação das maravilhas da natureza” (1998, p.24).

reforça em parte as idéias discutidas aqui. Ele reconhece que, embora “*a institucionalização da caminhada como prática social reflita valores aeróbicos [fisiológicos] dos exercícios físicos*”, reconhecidamente importantes no combate ao sedentarismo, ela “*é formada por várias normas e valores performativos que produzem diferentes práticas e disposições*” (2000, p.81, tradução nossa).

Esta discussão nos é valiosa por conta da interpretação das práticas de atividades físicas esportivas como processo reflexivo que permite perceber outras dimensões da interação do corpo com o espaço, dentro de uma dimensão ecológica, a qual reúne conceitos concretos e abstratos da preservação da vida.

Para Ederson (2000), o desenvolvimento da “*caminhada como um passatempo popular*” surgiu entre os séculos XVIII e XIX, com a regularização do trabalho semanal acoplado à questão do tempo livre, e gerou um tipo de noção ideológica e estética. Segundo ele, a caminhada naquele momento constituiu um contraste as novas formas de viagens (mais rápidas), facilitando uma consciência das sensibilidades e percepções distintas. Para o autor,

“The art of walking that emerged in the Romantic era promoted a set of interlinked reflexive conventions, aesthetic imperative and practical endeavors which produced a distinctive relationship between the walking body and nature, cultivating new forms of subjectivity and ideas about nature” (idem, p. 83).

Na perspectiva *Romântica*, a caminhada dentro de uma “categoria metafórica”, poderia “*resolver os problemas estéticos aumentados pela rápida industrialização e os efeitos da revolução dos meios de transporte e do enclausuramento dos indivíduos*” (idem, p.83, tradução nossa). Em outras palavras, o sentido da caminhada pelos campos seria o de estar renegociando os conflitos decorrentes das rápidas transformações sociais pelas quais a população estava passando, especialmente no ambiente urbano, tendo a possibilidade, segundo Wallace (apud EDERSON, 2000, p.84), de “*recordar valores do passado*”, restabelecendo um sentido de continuidade da vida.

No nosso caso, quando estas práticas da caminhada acontecem dentro da própria cidade, nos espaços que carregam ainda alguns traços do “ambiente do campo”, sendo alguns inclusive reconhecidos pelos aparelhos governamentais como unidades de conservação urbana, dada a sua biodiversidade e paisagismo, elas contrastam duas formas diferentes de viver na cidade:

- a) a forma do “equilíbrio”, das “sensações corporais” (como a “leveza” e a “tranquilidade”), da “reflexão” e “preservação” da vida (de cada indivíduo e do mundo), forma esta possibilitada pela interação das práticas corporais com os espaços “abertos”, “naturais” da cidade.
- b) a forma da “rigidez” e do “rigor”, da “insensibilidade” e da “competitividade” própria da convivência urbana moderna, vivenciada nos diversos espaços da cidade, nos quais as academias de ginástica estariam compreendidas.

A primeira forma, associada à ideologia de um “estilo de vida saudável”, notadamente presente nas políticas públicas de promoção da saúde através da prática de atividades físicas e esportes¹¹, significa uma alternativa à vida na cidade, de modo que você possa “escapar”, em parte, dos problemas que ela carrega, sem ter, necessariamente, que sair dela. Seria, por alguns instantes, como num mecanismo de “suspensão” e de uma certa “magia”, onde você se distanciaria dos problemas do cotidiano.

“Aqui é o céu. Quando eu estou apavorada em casa aí eu venho para cá. Quando eu saio daqui, eu saio outra (...) Ah...!! Eu fico olhando o mar, olhando a beleza, pedindo a Deus para me dar saúde..., a mim e a todos.” (Mulher, 62 anos, Jardim de Alá).

“É algo assim... que as pessoas vivem essa vida daqui da cidade, estressada, é um momento que você tem com você mesma, de ficar

¹¹ As políticas de promoção da saúde, atreladas aos programas de atividades físicas e esportes, estão sempre refletindo esta compreensão do ambiente urbano, como aquele que sofridos pelas “transformações dos meios de produção” e por processos de urbanização acelerados, “estão resultando num estilo de vida prejudicial à saúde, dificultando a convivência social e comprometendo o meio ambiente” (MANIFESTO DE SÃO PAULO PARA A PROMOÇÃO DA ATIVIDADE FÍSICA, 1998, p.76).

pensando em você...; Esse contato que eu acredito que nós temos que ter com a natureza, essa intimidade, que o dia-a-dia não permite”.
(Informante do sexo feminino, 36 anos, Jardim de Alá).

Todos os aspectos levantados e analisados neste capítulo indicam a necessidade de ficarmos atentos aos diálogos que as pessoas estabelecem entre si e com os espaços onde as práticas de atividades físicas ocorrem, para poder compreender seus diferentes significados e relações. Nos casos investigados, foi possível identificar que a origem e a evolução das práticas de atividades físicas esportivas nos espaços públicos em Salvador, não podem ser explicadas, exclusivamente, pelos processos de intervenção urbanística realizadas nestes espaços. As respostas encontradas sobre a questão nos revelaram que o desenvolvimento dessas práticas está inter-relacionado, mais profundamente, com a percepção que se tem sobre o processo de troca das pessoas com o ambiente onde as práticas ocorrem, numa dimensão mais integralizadora, o que implica considerar categorias como comodidade, intimidade e sociabilidade, como também, categorias políticas ligadas à prática do auto-governo. Essas categorias indicam que mesmo que várias pessoas reconheçam que se fizessem outras práticas em um lugar diferente, em alguns casos considerado como um local tecnicamente mais adequado em termos de resultados físico-orgânicos desejados, elas não “abririam” mão destas experiências (mesmo aqueles que teriam oportunidade de fazer em diferentes espaços, inclusive privados, simultaneamente) por conta de alguns valores, tais como: liberdade, autonomia e flexibilidade; e alguns sentimentos como prazer, alegria e satisfação.

No capítulo seguinte retomaremos essas categorias no momento em que estivermos analisando com mais detalhes as diferentes trajetórias dos praticantes de atividades físicas esportivas. Consideraremos a relação que as pessoas estabelecem entre essas práticas em espaços públicos com o processo saúde-doença. Interpretaremos os aspectos motivacionais e os objetivos comuns e divergentes que guiam a inserção de homens e mulheres, jovens e idosos no universo dessas práticas. Baseados nestas questões, analisaremos a diferenciação de

uso dos espaços, demarcando como determinadas práticas são mais predominantes entre as mulheres do que os homens, e vice-versa, tendo ainda como parâmetro a presença dominante de um sobre o outro em determinados setores onde as práticas ocorrem.

Capítulo 3

Corpo, atividade física e saúde: processos coletivos e trajetórias individuais

Neste capítulo analisamos a relação entre corpo, atividade física e saúde, através da descrição de processos coletivos e de trajetórias individuais concretas. Buscamos, a partir da observação dos comportamentos das pessoas praticantes de atividades físicas, da interpretação das narrativas e dos demais textos coletados sobre o tema, reconhecer de que forma se deu o começo das práticas de atividades físicas esportivas nos espaços públicos, analisando os motivos que as influenciaram, seus objetivos e a importância delas na vida dos indivíduos. Através desta análise, objetivamos compreender as concepções sobre o corpo e suas relações com a atividade física esportiva e a saúde, observando como estas concepções se relacionam e se diferenciam entre os praticantes, tendo como foco principal questões relacionadas ao gênero e fases de vida.

No primeiro momento foram analisados os aspectos motivacionais e objetivos nas diferentes trajetórias dos praticantes de atividades físicas esportivas, identificando valores, crenças, preferências e saberes (re) construídos e interpretados pelos mesmos sobre as práticas, para reconstituir a sua *rede de significados*. Com base na identificação e interpretação destes aspectos, refletimos como os modelos científico e popular concebem os signos corporais e significados de corpo, atividade física, esporte e saúde, tanto no âmbito individual como coletivo.

Nessa análise foram considerados os conflitos e as contradições presentes nos discursos sobre os sentidos da prática de atividades físicas esportivas, a partir do que os informantes selecionaram e classificaram como questões relevantes na relação atividade física esportiva e saúde e a representação social em torno desta relação.

Em um momento posterior, aprofundamos a discussão das questões levantadas acima, tendo como parâmetro de análise as diferenças nas trajetórias individuais e suas variações relacionadas ao gênero e às fases de vida entre os informantes.

Para tratar da associação entre os significados das práticas de atividades físicas esportivas com as fases de vida, tomamos como referência básica os textos organizados por Debert e Goldstein (2000). Sua pertinência para tratar do tema está em que estas discutem os cursos de vida em uma concepção que ultrapassa o sentido biológico, linear, cronologicamente progressivo, atrelando-se à idéia de um “*curso social de vida e um curso de vida pessoal para cada ser humano*” (FEATHERSTONE e HEPWORTH, 2000, p.109-131). Além destes trabalhos, dialogamos com os textos de Motta, Minayo e Coimbra no livro “Antropologia, Saúde e Envelhecimento” (2002), devido a sua importante contribuição na discussão sobre “*a percepção da velhice no imaginário social contemporâneo*” e sua relação com a questão pública na redefinição dos espaços assumidos pelos idosos.

Na última parte do presente capítulo, analisamos as relações de gênero no universo das práticas das atividades físicas esportivas. Nesse contexto, o trabalho de Bourdieu (1999) é importante para refletir as representações dominantes entre o masculino e o feminino presentes nos discursos e práticas do grupo estudado. Heilborn (1993) é também uma referência utilizada para tratar o tema, pois situa as questões de gênero na “*dimensão dos atributos culturais*”, como “*campo específico de distinções*”, ressaltando, no entanto, como argumenta Heilborn, que a análise sobre a construção de gênero não se afirma exclusivamente a partir de *conteúdos distintivos* (contrastivos e complementares), mas numa lógica interna de um *domínio* [sistema] *hierárquico*” (1993, p.70).

A idéia de “*sistema hierárquico*” defendido pela autora constitui-se num caminho importante para compreender o dinamismo que envolve as relações de gênero na análise sobre a construção das concepções e práticas corporais de movimento entre os universos masculino e feminino. Através da observação desse sistema, procuramos nos remeter à identificação dos

atributos culturais de gênero presentes nas trajetórias individuais das práticas de atividades físicas esportivas.

Por fim, com base no material etnográfico coletado, propusemos neste capítulo realizar uma interpretação dos elementos comuns e distintivos que demarcam a inserção e as formas de participação das pessoas nos espaços contemporâneos das práticas de atividades físicas esportivas realizadas na rua, considerando, sobretudo, suas razões, motivações, valores e sentimentos.

3.1 Alguns motivos que justificam o começo.

“Sou louca por esporte”.
“Eu já nasci com essa consciência, eu sempre fui
assim naturalista, sempre gostei muito da natureza
(...), a minha motivação sempre foi de
pequeninha” (Informante do sexo feminino, 36
anos, Jardim de Alá).

O início das práticas de atividades físicas esportivas na rua, segundo as narrativas dos informantes, se justifica em amplos aspectos motivacionais ligados a redes de significados de referência psicológica, fisiológica (condições corpóreas), ambiental, estética (corporal), moral e disciplinar. Estes aspectos se encontram interconectados em pelo menos dois grandes sentidos complementares: um interior, ou seja, referente a própria pessoa, demarcado pela sua “consciência”, “personalidade” e pela percepção das próprias condições corpóreas associadas ao processo saúde-doença; e um exterior, correspondendo aos aspectos motivacionais oriundos da orientação/indicação e estímulo dos outros, que podem variar entre familiares, amigos, profissionais especializados, programas governamentais (especialmente aqueles de reurbanização dos espaços de lazer da cidade), mídia, entre outros.

No sentido interior, concentram-se os fatores que recontam o início das práticas tendo como elemento motor a “*espontaneidade*”, a “*vontade*”, a “*identificação*” das pessoas com as práticas de atividades físicas esportivas, percebidas através do seu corpo e das suas experiências de vida. Estes se associam com os termos do tipo “*gostar*”, se “*identificar*”, “*sentir prazer*” etc., e também de observar e reconhecer as necessidades e problemas do corpo decorrentes das suas condições de vida, traduzidos pelos termos perceber, precisar, necessitar. No outro sentido, encontram-se os motivos decorrentes de fatores externos às pessoas, resultado da indicação ou aconselhamento médico-profissional; do incentivo de parentes ou amigos; do estímulo ambiental decorrente dos projetos públicos de reurbanização das praças, parques e orla; das matérias publicitárias sobre atividades físicas esportivas; sendo possível também encontrar resposta em torno de um motivo associado à crença religiosa, tal como foi dito por alguns dos entrevistados:

“Sou Adventista do Sétimo Dia e... senti-me tocado por Deus para me organizar em termos físicos (...). É uma questão espiritual.”
(Informante do sexo masculino, 57 anos, Dique do Tororó);

A justificativa centrada na espontaneidade, na “*vontade*” ou na “*natureza*” da pessoa, é colocada em vários discursos, tanto entre os homens como entre as mulheres, como a principal razão para se começar a praticar atividades físicas esportivas. De modo freqüente a identificação com as práticas se associa com o fato de as pessoas, em suas trajetórias de vida, terem vivenciado práticas esportivas diversificadas desde a infância. Nessas trajetórias, as atividades físicas esportivas ganham um sentido que traduz a pessoa, o seu “*eu*”, o que é expresso por alguns com afirmações tais como: “*eu sou louca por esporte*”; “*eu sempre gostei de esporte*”; “*eu sempre fui atleta*”; “*acho que desde pequeno eu gosto de fazer essa atividade, eu sou assim... apaixonada por esporte*”.

Essa “identificação” com as atividades físicas esportivas, e a “vontade” de praticá-las pode se contrapor às motivações exteriores, sendo considerada superior em relação a estas, como foi manifestado no discurso destas duas informantes:

“Eu faço pela indicação [médica], mas eu gosto de fazer. Se eu não gostasse, eu não vinha. O médico lhe indica, mas você faz se quiser” (Informante do sexo feminino, 63 anos, Dique do Tororó).

“Porque aqui [na rua] a gente faz por livre e espontânea vontade, fica andando, não tem ninguém regulando” (Informante do sexo feminino, 18 anos, Dique do Tororó).

Em outros momentos a pré-disposição para praticar atividades físicas esportivas é descrita com um certo orgulho por parte daqueles que contam o início da sua trajetória como anterior ao processo de massificação dessas atividades pelos meios de comunicação, o que pode ser exemplificado no relato abaixo:

“Eu mantenho essa atividade física, de cooper, de ginástica em praça há mais ou menos vinte e oito anos. Esta questão do cooper, da ginástica em praça e tal, eu comecei muito antes de ter essa influência toda da mídia. Eu não sei se por sabedoria ou por ignorância eu comecei muito antes.” (Informante do sexo masculino, 50 anos, Dique do Tororó).

Em uma análise contextual, as motivações pessoais para participar deste universo das atividades físicas esportivas, a partir de uma referência psicológica, podem ser compreendidas através da sua associação com a construção social da pessoa na sociedade contemporânea. Estas motivações demarcam a percepção e os sentimentos que a pessoa tem de si mesma, os quais determinam um auto-cuidado. Este dado pode ser melhor evidenciado nesta declaração:

“Em primeiro lugar, a pessoa tem que gostar de si. Tem que se amar. É uma questão até psicológica. (...) a partir do momento que você se olha e se gosta, você tem que preservar o seu corpo, a sua saúde” (Informante do sexo masculino, 50 anos, Dique do Tororó).

O auto-cuidado, através dessas práticas, está ligado a uma multiplicidade de sentidos que ultrapassam a superação das condições e limites das capacidades corporais; o controle e redução de alguns problemas de saúde; ou ainda a disciplinarização de atitudes e comportamentos, considerados socialmente incorretos. O que percebemos no interior desses discursos é que a prática das atividades físicas esportivas está envolvida numa certa moral que centraliza no indivíduo a liberdade, o poder de decisão [autonomia] e a responsabilidade sobre a sua vida.

A associação entre os significados das práticas com os modelos de auto-cuidado, auto-governo e auto-ajuda, representam, em nossa interpretação, um dos mais importantes feixes que articulam a rede cultural das práticas de atividades físicas esportivas na atualidade. Por isso merecem um tratamento mais denso, constituindo-se em tema específico de análise no último capítulo deste trabalho. Interessa-nos agora avançar na descrição e análise dos outros aspectos motivacionais que justificam o começo das diferentes trajetórias dos praticantes de atividades físicas na rua.

Ainda na perspectiva das motivações pessoais, as condições corpóreas, percebidas através das qualidades fisiológicas, anatômicas e cineantropométricas, fazem parte de um discurso comum entre os praticantes de atividades físicas esportivas que, ao avaliarem suas experiências cotidianas, reconhecem a necessidade de “*começar a fazer algo para si*”. Neste caso, é a percepção que as pessoas têm acerca da sua condição de saúde e do desempenho corporal que responde pela sua participação nesse tipo de prática. Incluem-se nestas justificativas aqueles que se consideravam antes “sedentários”, que sentiram a necessidade de fazer atividade física porque “*não agüentavam fazer nenhum esporte*” ou “*não tinham disposição para fazer as coisas do dia-a-dia*”. A exceção aparece nas trajetórias de alguns idosos e adolescentes que mencionam o diagnóstico médico em torno de alguns problemas de saúde como motivação.

A imagem retratada do corpo antes das práticas é lembrada em alguns relatos como a de um corpo desprovido de energia, resistência, força, desgastado e impossibilitado de realizar suas tarefas diárias.

“quando eu não fazia nada, eu me sentia todo quebrado”. (Informante do sexo masculino, 35 anos, Dique do Tororó).

“eu estava fora de forma, não agüentava... quando eu praticava algum esporte eu nunca agüentava terminar, cansava rápido.” (Informante do sexo masculino, 16 anos, Dique do Tororó).

“eu tinha assim restrição de... eu não conseguia me abaixar direito, me levantar direito, pegar as coisas, ter força para segurar as coisas...” (Informante do sexo feminino, 62 anos, Dique do Tororó).

São as percepções das condições corpóreas (da “restrição” de movimentos, da falta de “fôlego”, do “cansaço”, do corpo “quebrado”); atreladas à vida cotidiana das pessoas – em geral refletidas pelo modo de vida urbano - que vão influenciar em grande parte o começo das práticas de atividades físicas esportivas. Neste contexto, de modo marcante também, aparece a preocupação com o peso, ou melhor, com a gordura corporal, e com o envelhecimento do corpo, presente nos relatos de homens e mulheres de diferentes idades.

“Eu comecei assim porque eu achava que precisava de uma atividade física (...). E a musculação, é porque eu comecei a engordar muito, e sempre senti a necessidade de fazer uma atividade física” (Informante do sexo feminino, 50 anos, Dique do Tororó).

“Quando você começa a passar da idade, você precisa fazer alguma coisa” (informante do sexo feminino, 60 anos, Dique do Tororó).

A questão da preocupação com o peso corporal, e também da sua aparência em relação à idade, põe em maior articulação a avaliação pessoal, a apreciação e julgamento dos outros sobre as condições corpóreas de cada pessoa.

O envelhecimento é uma das categorias essenciais na explicação das diferentes trajetórias de vida dos praticantes de atividade física. Neste mesmo capítulo, discutiremos

mais essa questão no momento em que tratarmos da relação entre o corpo, as atividades físicas esportivas e as fases de vida.

Sobre a questão do peso corporal há uma variedade de formas de percepção do problema de “estar gordo”, “obeso”, sendo que em alguns casos este problema é visto como algo que deve ser evitado, mesmo antes de se manifestar entre muitas pessoas. A manutenção do peso corporal foi, portanto, um dos principais motivos considerados pelos praticantes.

Isso reflete um discurso hegemônico da nossa sociedade sobre a obesidade e sobre o obeso. No primeiro caso, predomina a visão da obesidade associada à condição de risco sobre a qual o discurso médico-institucional com frequência emite alertas, devido a condição morfofisiológica que o problema implicaria. No segundo caso, o discurso envolve questões sócio-culturais presentes em torno da condição de ser obeso numa sociedade de padrões magros.

Segundo Fischler (1995), algumas pesquisas realizadas em países desenvolvidos, indicam que grande parte da população desses países “*sonha em ser magra, mas vive gorda*”, o que aparentemente tem provocado sofrimento com essa contradição (1995: 70). Segundo ele, no imaginário social sobre a gordura e obesidade existe uma ambivalência demarcando dois estereótipos – um *benigno* (do homem roliço, extrovertido, brincalhão...); e outro *maligno* (do homem doente, egoísta, irresponsável...). Em verdade, o que está sendo afirmado é que “*na vida cotidiana, o gordo deve transigir com o grupo no qual se insere, sob pena de ser rejeitado*”. Ele é considerado um transgressor e, por isso, deve “*restituir seu débito à sociedade*” de alguma forma (...). *É o preço que deve pagar para não ser completamente rejeitado*” (idem, p.74-76). A narrativa de um dos informantes se refere a esse estereótipo, ao considerar que a obesidade é uma condição de desvantagem para a pessoa, exemplificando com o seu próprio caso.

“Eu era gordo, e sendo gordo, você sabe que quando a pessoa é gorda, sempre fica atrás das outras. Então eu comecei a praticar”.
(Informante do sexo masculino, 17 anos, Dique do Tororó).

Neste sentido, o desejo de começar a fazer alguma atividade física esportiva como um meio de “*manter a forma*”, especialmente através do controle e redução do peso corporal, está associado a uma série de interesses e expectativas que os indivíduos têm sobre si mesmo, integrados com a sua cultura, o que evidencia uma percepção do problema numa visão que extrapola a explicação biológica. Esta preocupação vai se associar fortemente à idéia de aceitação que o indivíduo tem sobre si e dos outros em relação a ele.

Neste caso, o corpo chamaria mais atenção dos indivíduos nos seus valores estéticos tanto pelo que seria agradável quanto desagradável de ser e de se ver. Sendo a obesidade hoje classificada como doença pelas instituições médicas, e visivelmente manifestada nos corpos das pessoas, esta vai ter um significado de duplo valor negativo no universo das práticas das atividades físicas esportivas. Por um lado porque implicaria danos e limitações ao organismo humano, em sua dimensão física; por outro porque, acima de tudo, teria a característica de ser um problema de fácil percepção pelo outro.

“tudo tem uma conciliação [com o corpo], você tem que manter a forma, você não quer ficar gordo, você não quer ficar obeso, não quer ficar fora de forma” (Informante do sexo masculino, 34 anos, Jardim de Alá).

As categorias gordo e obeso implicam fortes conotações negativas sobre o corpo (“fora de forma”) e sobre a pessoa (descuidada, preguiçosa, doente,...), constituindo-se, portanto, um importante motivo para se “fazer algo” para impedir esses problemas. O que é importante salientar aqui, conforme Fischler (1995) nos alertou, é que os critérios, as medidas e os limiares sobre essas categorias (incluindo nesse caso a categoria magro) variam fortemente de cultura para cultura, sendo preciso, por exemplo, “*no passado, ser mais gordo do que hoje para ser julgado obeso e bem mais magro para ser considerado magro*” (idem, p.79). Contemporaneamente prevalece uma certa confusão em torno dessas categorias,

embora a gordura e a obesidade sejam foco constante de preocupação entre os praticantes de atividades físicas esportivas, os limites e as medidas em torno delas nem sempre são claros. As pessoas podem até declarar que “eram gordas” e que por isso começaram a fazer atividades físicas esportivas, mas elas se reconhecem, no máximo, como pessoa que está com o peso acima do que deseja.

Todas estas referências pessoais motivam em grande parte a iniciativa em praticar atividade física esportiva. Está claro que essas referências estão atreladas às condições concretas de vida dos próprios indivíduos e, sobretudo, permeadas por valores sócio-culturais. Os sinais transmitidos pelo corpo - que tem dificuldade de abaixar e levantar, pegar as coisas e ter força para segurá-las, que sente cansaço nos afazeres de rotina, torna-se “pesado”, “enferrujado”, “quebrado”, “fora de forma” - são interpretados como elementos que movem os indivíduos em torno de alguma iniciativa em prol de uma (re) conquista da sua “boa forma”.

“É por necessidade. É prá ganhar condicionamento físico mesmo. Porque a gente começa a trabalhar, leva uma vida muito sedentária mesmo, e começa se sentir sem condicionamento, sem fôlego, parado e aí começa a engordar (...) aí começa a necessidade de fazer alguma coisa, de mexer o seu corpo” (Informante do sexo feminino, 23 anos, Dique do Tororó).

Os aspectos motivacionais para a prática não se encerram nas referências pessoais conectadas às condições bio-psicológicas, nem mesmo nos conselhos médicos ou profissionais. Eles também vão estar ligados a outros elementos sócio-culturais e ambientais que vão ter uma influência direta no engajamento das pessoas no universo das atividades físicas esportivas na rua. Alguns desses elementos representam os vínculos entre familiares e amigos, a influência de outras experiências vividas em torno das atividades físicas esportivas, a criação e melhoramento dos espaços públicos destinados a esse tipo de atividade e, ainda, os excessos de “tempo livre” ou a falta de “opções de lazer” para alguns idosos e adolescentes.

O reconhecimento de “ter que fazer *alguma atividade física*” é incorporado por muitos pela observação e estímulo de parentes e amigos que já “*gostavam*” de fazer essas atividades. A motivação surge de “*ver*”, de “*observar*” as pessoas mais próximas (esposo ou esposa, tios, irmãos, primos, amigas...) fazendo essas atividades e aí “*sentir estímulo*” para começar a fazer também. Essas atividades passam a constituir novas redes de sociabilidade entre as pessoas.

Os papéis que as pessoas mais próximas desempenham entre os praticantes de atividades físicas esportivas têm significados relevantes. A companhia, os conselhos, os estímulos e ensinamentos que elas dividem com os seus parceiros são fundamentais na introdução dos mais novos às práticas. Como segundo fator motivador aparecem os contatos anteriores com professores de educação física em academias de ginástica.

É importante ressaltar que, se por um lado as pessoas mais próximas são influentes na adesão às práticas de atividades físicas esportivas, por outro lado, no desenvolvimento da prática em si, ficou evidente que existe preferência pela prática solitária para boa parte dos entrevistados. Os grupos se dividem entre aqueles que preferem fazer as atividades acompanhadas porque elas se tornariam mais divertidas, considerando importante uma companhia durante as atividades, como forma de incentivo, de “força” de um para o outro, sendo mais freqüente essa escolha entre os jovens ou adultos que participam, simultaneamente, de alguma modalidade esportiva de competição; e aqueles, de maior freqüência, que não abrem mão de um momento solitário e de reflexão possibilitado pelas atividades físicas.

Entre aquelas que preferem fazer as atividades sozinhas, mesmo que tenham se deslocado para o local das práticas na companhia de outra pessoa, há uma justificativa no fato delas entenderem que aquele momento é “*só delas*”. É um momento acima de tudo de reflexão, de pensar na vida. Nesse caso, a companhia de alguém atrapalharia esse processo devido a conversas, dispersões. Há também aquelas pessoas que reconhecem que nem sempre

os objetivos entre os pares são coincidentes o que afetaria o desenvolvimento da prática de uma e de outra.

“Eu prefiro andar só, porque andando só a gente tem tempo suficiente pra pensar, pra discutir consigo mesmo, pra avaliar a vida e acompanhado não. Tem sempre uma conversa que tira a gente do pensamento“ (Informante do sexo masculino, 73 anos, Barra).

Um dado relevante foi o fato de os informantes raramente se referirem às experiências escolares, mesmo entre aqueles que estão fazendo educação física na escola, como um fator influente em suas trajetórias de práticas de atividades físicas esportivas em espaços públicos. Isso nos pareceu muito estranho, uma vez que todos os entrevistados, certamente, devem ter passado pelas aulas de educação física como estudantes no ensino básico; contudo, não associam essas experiências com as práticas realizadas na rua. O contraponto a isto, quase na totalidade das narrativas, são as experiências em academias que serviram como estímulo às práticas atuais.

Também foi reduzida a referência aos recursos bibliográficos (livros, revistas, jornais) como meio de informação e de incentivo às práticas. Algumas mulheres, em geral mais jovens, e pouquíssimos homens referiram-se a utilização desses recursos enquanto objeto de motivação e orientação para as práticas. Este fato foi justificado ora porque *“não se tem tempo”* para ler, ora porque não se *“tem interesse”* nesse tipo de recurso, ficando claro, através de vários relatos, que a transmissão de conhecimentos e experiências em torno das práticas se dá de forma muito direta entre os pares.

“Eu já aprendi muitos exercícios observando muito as outras pessoas” (Informante do sexo feminino, 19 anos, Dique do Tororó).

“Essas orientações eu tive a partir do meu primo. Alguns primos, alguns colegas. Eles praticavam artes marciais, eles me encaminharam a isso” (Informante do sexo masculino, 17 anos, Dique do Tororó).

Aqueles, em geral, que freqüentam ou tiveram a oportunidade de freqüentar alguma academia, praticaram algum esporte, ou seja, que tiveram acesso à informação através de profissional especializado, estariam mais aptos para acompanhar as práticas dos iniciantes.

“Eu já ensinei o que eu sabia, passei prá uns meninos e aí por diante (...). A pessoa que nunca fez a gente vai puxar uma corrida leve. A gente vem, dá uma volta correndo, faz umas físicas. Não puxa muito para não ficar depois todo quebrado” (Informante do sexo masculino, 35 anos, Dique do Tororó).

As referências pessoais são importantes para compreender o dinamismo de adesão à prática de atividades físicas esportivas em espaços públicos. A proximidade das pessoas com os seus pares permite que haja troca de conhecimento/experiência ente elas, sem necessariamente uma liderar a outra. A hierarquia entre essas pessoas não acontece de forma rígida (como acontece na relação professor-aluno, por exemplo), podendo ser redirecionada conforme novas experiências sejam vivenciadas por elas. Essas experiências, por sua vez, terão significados conforme os interesses, as preferências, os anseios de cada pessoa. Esta questão é importante para compreender porque a autonomia é uma categoria fundamental nas práticas de atividades físicas na rua. A interpretação das expectativas e metas em torno das práticas nos ajuda a entender mais sobre isso.

3.2 Expectativas e metas em torno das práticas.

“Limpar o corpo e a alma”.

Compondo dados sobre as expectativas, finalidades e importância das práticas de atividades físicas na rua, identificamos respostas comuns entre os praticantes que se enquadram em três grandes categorias: “manter a forma”; “manter a saúde”; e “manter a juventude”.

Embora estas categorias estejam intrinsecamente relacionadas, um olhar mais acurado sobre as suas múltiplas formas de expressão, levantadas nos discursos dos nossos informantes, permite perceber como estas se aproximam e se distanciam em determinadas situações.

Primeiro esse olhar exige uma interpretação do que realmente significa o termo “manter” nestes discursos. De acordo com o dicionário “manter” significa sustentar, conservar, preservar etc., mas no caso desses discursos o termo se associa à idéia de mudança, transformação, modificação entre outras. Assim é que “manter a forma” (corporal), significa efetivamente alterar esta forma: diminuir alguns quilos, modelar certas regiões, enfim, mudar a sua aparência. Já “manter a saúde” pode significar a diminuição ou a eliminação de alguns problemas diagnosticados. Somente “manter a juventude” seria o único processo em que o termo estaria próximo do seu significado próprio, pois, neste caso, este termo significaria deter o envelhecimento, negando-o através do “corpo em forma” e “ágil” etc. Mas isso representa um paradoxo já que a intenção de “manter a forma” neste caso requer transformar o curso normal da vida, como se isso fosse possível. Em outras palavras, a “manutenção” da forma corporal representa a vontade de parecer jovem ao invés de ser jovem.

A primeira interpretação que podemos fazer em torno desta constatação é que no cerne destas questões o que prevalece na percepção das pessoas sobre suas condições corporais e de saúde é que elas não se consideram completamente “*fora de forma*”, nem tão doentes. Ou seja, que elas têm certo grau de satisfação com as suas condições, sendo importante para elas o controle sobre as mesmas. Segundo, os resultados almejados com as atividades físicas esportivas realizadas na rua têm característica muito forte de não se constituírem em objeto de mudanças muito preeminentes. As metas estabelecidas pelos praticantes não são tão distantes

da situação encontrada, as mudanças esperadas não são “*tão radicais*” e as práticas de atividades físicas aparecem como um elemento dentro de um conjunto de outras práticas que seriam responsáveis pelo controle dessas condições e trajetórias.

Com base nestas considerações, as categorias “forma” e “saúde” podem se distanciar ou se contrapor quando a intenção de “*manter a forma*” estiver muito mais associada a perspectiva de alcançar resultados corporais muito distantes da condição real dos indivíduos, através da “*mudança radical*” do seu biótipo, constituindo-se para muitos como mais um risco para a manutenção da saúde. Sendo defendida por muitos, portanto, mais entre as mulheres, a postura mais comedida quanto à busca da “*boa forma*” (corporal) através das atividades físicas esportivas.

No caso da intenção de “*manter a forma*” para “*preservar a saúde*” houve associação com subcategorias do tipo ter mais “*disposição*”, “*vitalidade*” e “*leveza*” para fazer as coisas do dia-a-dia, sem “*se cansar*” ou “*se irritar com facilidade*”. Associou-se, também, com o controle dos excessos corporais na forma de evitar o acúmulo de substâncias nocivas para o corpo e para a pessoa como um todo (colesterol, gordura, toxinas, hormônios, açúcares etc.).

A disposição alcançada com essas práticas pode ser percebida num corpo que, para várias pessoas, gradativamente deixa de sentir as “*coisas ruins*” (tais como “dores”, “fadiga”, “preguiça” etc.), passando a sentir que tem força, resistência e energia para realizar as atividades do dia-a-dia. Como consequência a pessoa pode se sentir “*mais útil*”, “*mais produtiva*”, “*mais preparada*”, alcançando um desempenho melhor em várias atividades entre elas as profissionais, sexuais e lúdicas, por exemplo.

“Eu sou mais feliz com a caminhada. Eu me sinto mais pronta, mais preparada, mais feliz para enfrentar o dia. Eu durmo pensando: ‘Pôxa! Amanhã eu vou caminhar’” (Informante do sexo feminino, 48 anos, Barra).

Na intenção de “*ficar em forma*” para alterar a aparência, os objetivos das práticas de atividades físicas esportivas se vinculam, principalmente, ao desejo de eliminar os “excessos” do corpo, como a gordura, por exemplo, e de modelar o corpo. A expectativa é de que essas práticas tornem possível fazer com que as pessoas se sintam mais “bonitas”, e “atraentes” para si e para os outros. Foi freqüente o relato de que essas expectativas estão sendo concretizadas, sendo exemplificadas com demonstrações de um certo orgulho com os resultados alcançados com as atividades físicas esportivas.

“A malhação deixa a pessoa mais atraente (...), sente que seu corpo está bonito, está atraente, você está percebendo que está todo mundo olhando para você através do seu corpo” (Informante do sexo masculino, 27 anos, Jardim de Alá).

Muitas pessoas reconheceram, porém, que a “boa forma”, no sentido de manter a juventude, vencendo as barreiras impostas pelo tempo, só pode ser alcançada através da reunião de uma série de atitudes, hábitos e comportamentos “adequados”, entre eles, a prática regular de atividades físicas, baseada em um modo de vida “saudável”.

“Se eu te disser que eu tenho cinqüenta e seis anos você não acredita, porque ninguém acredita (...). Eu acho que tudo isso é o resultado do que eu faço” (Informante do sexo feminino, 56 anos, Jardim de Alá).

“Eu tenho quarenta e sete anos. Não parece, não é? Graças à Deus estou perto dos cinqüenta. Eu acho que isso é porque eu não bebo, não fumo... Eu faço o que eu gosto” (Informante do sexo masculino, 47 anos, Dique do Tororó).

A busca da “boa forma”, com a finalidade de modelar o corpo, foi vista com certa cautela por alguns informantes, na medida que essa busca possa estar associada a grandes transformações no corpo, tão comumente associada ao discurso da mídia, e que podem acarretar prejuízos à saúde das pessoas. Foram mais valorizadas, portanto, especialmente entre as mulheres, as formas mais moderadas de se praticar as atividades físicas esportivas, de

modo que estas estivessem mais associadas às condições de saúde, refletidas num certo equilíbrio entre o corpo e a mente.

Neste sentido, as práticas devem ter ainda como finalidade “controlar” e “disciplinar” atitudes agressivas, conseqüentes da “natureza” das pessoas que se consideram “nervosas”, à medida que elas podem proporcionar certa sensação de “leveza”, “relaxamento” e “tranqüilidade” através da “harmonia”, do “equilíbrio” encontrado no cuidado do corpo e das sensações “agradáveis” que as práticas favorecem a partir das trocas com o ambiente. A “ocupação” da mente com as práticas reproduz um pensamento hegemônico na sociedade de que as atividades esportivas ajudam a “controlar” comportamentos violentos e distanciar as pessoas do uso de drogas. O controle do estresse também se encaixaria nesse contexto.

“Eu treino para manter o corpo em forma. Porque quem treina a mente não fica vazia. E mente vazia a pessoa faz besteira.”(informante do sexo masculino, 35 anos, Dique do Tororó).

Na percepção dos informantes, o ambiente onde as práticas ocorrem contribuiria para agregar os desejos de “cuidar do corpo” aos de “pensar, refletir e meditar sobre a vida”, promovendo o “bem estar mente-corpo” no sentido individual.

“... quando eu fico correndo na praia, eu tenho uma paciência muito maior do que quando eu não corro. Então esse equilíbrio emocional, eu acho que o exercício traz bem. Vejo mais facilidade para fazer as coisas, mais disposição, dormindo melhor... e com mais paciência” (Informante do sexo masculino, 30 anos, Jardim de Alá).

“...relaxar, ter uma vida mais equilibrada, a cabeça no lugar. Melhorar o emocional (...). Minha mente é outra, minha disposição é outra, minha visão da vida é outra” (Informante do sexo masculino, 57 anos, Dique do Tororó).

“Manter a forma” nessa concepção do corpo e da sua relação com as atividades físicas esportivas nas áreas livres, reúne atenção tanto para com as suas estruturas físico-psíquicas quanto com seus processos de troca com o meio ambiente. Isto indica que a busca por essas

práticas não se limita na intenção de modelar o corpo, tornando-o mais *“fisicamente definido”*, isto é, dentro daquela proposta do fisiculturismo (da cultura da “boa forma”, do body-building), mas deixá-lo em condições de exercer seus diferentes papéis sociais que inclui a busca pelo seu próprio auto-cuidado. Por isso, muitas vezes, a dosagem (frequência, volume, intensidade, ritmo...) com que se pratica as atividades físicas esportivas pode ser verificada como um dos elementos mais citados entre os informantes, no momento em que os mesmos elegem os aspectos que seriam mais relevantes na hora de se desenvolver essas atividades.

Neste sentido, a atividade física esportiva nos espaços públicos foi considerada uma prática que atende bem as expectativas do maior número de pessoas entrevistadas devido ao fato de ela ser considerada mais *“leve”*, *“fácil”* e *“completa”* em comparação com outras práticas; porque permite você fazer o tanto que o seu corpo *“agüenta”*, *“não precisando ter ninguém ali ao seu lado”* ensinando (ou *“mandando”*) você praticar; e porque possibilita um *“bem estar”* do tipo corpo-mente, numa visão que pressupõe maior integração entre o homem e o ambiente, já que se realiza ao ar livre, em contato com a *“natureza”*, diferente de outras práticas que (como nas academias de ginástica, por exemplo, citadas por muitos) estariam voltadas, *“exclusivamente”*, para a *“performance física”*.

A escolha por esse tipo de prática está associada ao aspecto de saúde com quatro concepções, relacionadas à própria condição do corpo, da propriedade, do ganho pessoal, de um ideal de corpo e mente, as quais são representadas nas categorias abaixo:

| | |
|---------------------------------|---|
| Da não rigidez | Cada um define quando, como (quanto e de que forma) e onde fazer. |
| Da prática ideal | Qualquer pessoa <i>“pode fazer”</i> : é <i>“fácil”</i> , é <i>“leve”</i> e o <i>“médico indica”</i> . |
| Da prática prazerosa, sensitiva | É em contato com a natureza: o corpo percebe o ambiente (o verde, a brisa, o ar puro...). |

| | |
|---------------|--|
| Da completude | Integra corpo-mente, permite você pensar, meditar, relaxar ao mesmo tempo em que está se movimentando. |
|---------------|--|

Essas concepções, no entanto, podem entrar em conflito no momento em que os praticantes analisam os tipos e as formas das práticas de atividades físicas que as pessoas desenvolvem na rua, seguindo suas expectativas e interesses em torno delas.

A caminhada, por exemplo, pode ser considerada uma atividade “*ineficiente*”, no caso de uma pessoa que pretende melhorar sua condição física no intuito de realizar alguma modalidade esportiva. Neste sentido, esta atividade também poderá ser vista como “*insatisfatória*” para aqueles que desejam, através de uma maior função sudorípara, “*descarregar*” a energia acumulada no corpo. O suor, neste caso, mais freqüente nas atividades de esforço intenso (como a ginástica e a corrida, por exemplo), é percebido como processo de eliminação de energia, de estresse, sendo compreendido também um critério no diagnóstico dos resultados alcançados com a prática. Considerando isso, a corrida e a ginástica seriam as atividades que fariam transpirar com maior intensidade, além de necessitar de um menor tempo para a sua realização.

Em contrapartida, a corrida é vista pelos adeptos da caminhada como uma prática que “*mexe [exige] muito com o coração*”, e que por isso, a caminhada seria “*mais benéfica para a saúde*”. Embora muitos reconheçam que o resultado obtido com a caminhada seja “*um pouco mais lento*” em comparação com aqueles alcançados com a corrida ou a ginástica, a primeira seria melhor para o “*ritmo do coração*” e “*mais relaxante*”. A corrida “*estaria mais voltada para os atletas*”, para “*as pessoas que já tem alguma aptidão*”, já que ela é vista como “*mais cansativa*” e que pode mais facilmente “*acarretar algum tipo de lesão*” naquelas pessoas que não estão preparadas ou que apresentam algum tipo de limitação à sua prática.

“Não posso correr porque tenho problema de osteoporose e não guento correr porque tenho medo de cair e quebrar minhas pernas (...). Mas preferia correr, se pudesse” (Informante do sexo feminino, 62 anos, Jardim de Alá).

Os sinais percebidos através do corpo é que vão determinar o tipo de prática que as pessoas escolhem fazer. No caso da corrida prevalece a sensação de “leveza” que o corpo sente ao transpirar, ao “colocar o suor prá fora”.

“Eu gosto de suar (...), correndo a gente suar mais, a gente bota prá fora mais... aquela coisa, o estresse. É uma forma de você limpar o corpo e a alma” (Informante do sexo feminino, 55 anos, Jardim de Alá).

Neste caso o suor produzido simbolizaria a limpeza do corpo e da alma, e a atividade física, representada aqui pela corrida, poderia ser interpretada como um “ritual de magia”, utilizando os termos de Douglas (1986), no qual estaria demarcado o “simbologismo (sic) do corpo”, onde “a sujeira corporal” pode ser considerada poderosa, e ser utilizada para o bem. A saída desta sujeira através das margens corporais (os poros, no caso), demarca o “limite do corpo” em relação ao meio ambiente.

Suar em grandes quantidades no universo das práticas de atividades físicas esportivas representa, simbolicamente, um poder mágico de eliminação das impurezas do corpo e da alma, um certo “descarrego”, de forma que as pessoas começam a se sentir mais “leves”, “puras” e, sobretudo, mais “limpas”. Simboliza, em muitos discursos, uma excelente forma de eliminar todo o tipo de excesso de energia que possa estar acumulada no ser humano. Em outras palavras, é como se o corpo estivesse eliminando o que há de ruim dentro da pessoa.

“Se eu não correr, se eu ficar um dia sem fazer ginástica, eu sinto acumular o estresse. Eu não tenho assim uma descarga de energia. Eu acho que depois que eu corro, eu fico mais tranquilo, mais leve” (Informante do sexo masculino, 40 anos, Jardim de Alá).

Já para outras pessoas, adeptas das práticas mais moderadas, o “relaxamento” do corpo em harmonia com a mente só pode ser alcançado quando você consegue realizar as práticas de maneira que lhe permita refletir, e isto só seria possível através da caminhada. Os sinais que o corpo apresenta no momento da corrida para estas pessoas impediriam o desejado relaxamento, sendo relacionado à sensação de que “*o coração vai sair pela boca*”, pela “*falta ar*”, pela “*falta de oxigênio*”.

As diferenças de expectativas diante das atividades físicas esportivas ganham novas formas e significados quando são observadas as questões de gênero e as fases de vida presentes nas práticas. Passaremos então a discutir essas questões abaixo.

3.3 Sentidos de corpo e envelhecimento.

“Sou velha, mas eu detesto a velhice!”

Prolongar a juventude e garantir um envelhecimento mais ativo, acima de tudo mais saudável e autônomo, reduzindo as limitações corpóreas percebidas no envelhecimento ou nos processos saúde-doença, constituem alguns dos objetivos das atividades físicas esportivas na rua entre os praticantes de diferentes idades. Esses objetivos integram o discurso hegemônico na sociedade em torno da relação positiva entre a prática da atividade física e a manutenção da juventude e da saúde¹², baseada em trabalhos científicos e sustentadas pelas instituições sociais.

A Organização Mundial de Saúde, por exemplo, recomenda a prática da atividade física para pessoas idosas, levando em consideração as evidências científicas positivas sobre a prática regular dessas atividades, adotando “*a difusão do exercício físico para idosos como*

¹² Victor Melo em “Esporte é saúde”: desde quando? (2001), conta um pouco a origem dessa afirmativa.

uma estratégia simples, barata e eficaz, tanto para diminuir os custos relacionados com a saúde quanto para a melhoria da qualidade de vida” desta parcela da população (GOBBI, 1997, p.41-42).

A preocupação com o “*envelhecimento*” aparece como um fator significativo no esclarecimento dos motivos que justificam a realização das práticas, sendo que muitas vezes esta questão está associada ao fato das pessoas começarem a perceber, por meio de seus corpos, que está “*passando*” da idade, e que por isso, “*devem se cuidar mais*”.

Neste caso, as práticas de atividades físicas esportivas podem ser vistas tanto como um elemento que “*retarda*” o envelhecimento do corpo, destacado pelo crescente processo de degeneração sofrido pelo tempo, onde as práticas teriam função preventiva, ou como categoria terapêutica, re-estabelecendo suas potencialidades, minimizadas por algum problema de saúde.

“[meu objetivo] é manter o corpo. É artrose, início de artrose no joelho que eu já estou. Quando começa a passar da idade você precisa fazer alguma coisa” (Informante do sexo feminino, 60 anos, Dique do Tororó).

“Eu acho que eu estou alongando mais a minha vida. Prá não morrer mais cedo” (Informante do sexo feminino, 62 anos, Jardim de Alá).

Esse tipo de percepção do envelhecimento, embora faça parte da negação social do processo de envelhecer, contrapõe-se àquela visão segmentar das idades, que periodiza gerações, demonstrando que, “*no cotidiano (...), as ‘idades’ ainda são percebidas principalmente como parte do passar do tempo, mimetizando como duração e ritmo os ciclos da natureza*” (MOTTA, 2002, p.38-39).

Isso quer dizer que não é “a idade em si” que vai determinar o envelhecimento, mas sim, a forma como as pessoas lidam ou superam “as marcas” deixadas com o tempo.

“... eu sempre gostei de física (...). Desde moderno que eu gostei de andar de bicicleta, correr... Eu fui muito gordo (...), comecei a fazer regime e comecei a andar e tô aqui até hoje nesse ritmo, até o dia que

Deus quiser (...) Até o dia que eu tiver força". (Informante do sexo masculino, 48 anos, Dique do tororó).

"Fazendo mais atividade a gente melhora mais. Eu não faço mais muita coisa porque... eu mesmo, tem dia que eu não posso andar por causa das minhas pernas". (Informante do sexo feminino, 62 anos, Jardim de Alá).

A velhice, associada à idéia de um processo gradativo de perda de capacidade física, de força, de autonomia, é um motivo de preocupação entre os praticantes, mesmo para aqueles mais jovens que estariam distantes dessa condição de vida, reforçando a visão negativa que se tem sobre o envelhecimento.

"Eu faço exercício porque é bom para a saúde e também porque eu já penso na minha velhice, porque aí eu já vou me acostumando". (Informante do sexo feminino, 19 anos, Dique do Tororó).

O envelhecimento tem sido, historicamente, um tema estudado no campo das práticas das atividades físicas esportivas. Na maioria deles, é possível perceber a consolidação de um modelo baseado nos processos biológicos do envelhecimento, mesmo naqueles estudos que se propõem a analisar a questão na perspectiva da cultura, como aconteceu no trabalho de Furtado (1998), no qual definiu o envelhecimento como o *"resultado de um processo contínuo de mudanças irreversíveis [do corpo e da mente], destacando o declínio do organismo, a diminuição da auto-estima, diminuição de vitalidades..."* (FURTADO, 1998, p.572).

No contexto social, o aparato técnico-científico e institucional em torno do envelhecimento é muito grande. A inovação de tecnologias e de serviços existentes para enfrentar este "problema" cresce a cada dia. O apelo das instituições públicas em torno de uma vida mais ativa, retardando os efeitos do envelhecimento, são constantes e levam à reprodução de um discurso de que as pessoas na "terceira idade" devem ser mais ativas, devem fazer esporte, ginástica, musculação etc. Mas, no interior dessas questões, está presente

a preocupação com o envelhecimento como problema demográfico-social ou como questão da saúde pública.

Por outro lado, o envelhecimento da população, como questão pública, tem provocado uma *“reorganização do trabalho, do poder, da economia e da cultura, atribuindo novo significado ao seu espaço tradicionalmente percebido como o da decadência física e da inatividade”* (MINAYO e COIMBRA JR., 2002, p.19). A percepção sobre a velhice presente no *“imaginário social”*, sempre se constituiu em *“uma carga econômica”* e uma *“ameaça às mudanças”* (2002, p.16).

Essa redefinição dos espaços assumidos pelos idosos pode ser observada a partir da idéia contemporânea da *“terceira idade”*, ou mais recentemente da *“melhor idade”*, enquanto uma *“nova construção social acrescentada às etapas de vida, referida entre a vida adulta e a velhice propriamente dita”* (ibidem, p.20). Com essas idéias, algumas tentativas são feitas no intuito de se rever os conceitos sobre a velhice, buscando a valorização do idoso.

Minayo e Coimbra (2002) consideram que a forma de pensar o envelhecimento, nas sociedades ocidentais, toma a questão *“estatizada”* e *“medicalizada”*, transformando-o *“ora em problema político ora em problema de saúde”* (ibidem, p.13). Esta postura contribui para o fortalecimento de imagens negativas sobre a velhice que se reflete no discurso dos próprios idosos.

“Eu detesto a gente ficar velho, porque tem gente que não gosta de velho, pensando que velho é lixo”. (Informante do sexo feminino, 62 anos, Jardim de Alá).

Autores como Motta (2002), Uchôa (2002) e Bassil (2000) têm questionado esse posicionamento da velhice como problema social, afirmando que as perdas associadas ao envelhecimento *“são expressas muito mais pelos outros do que pelos próprios velhos”* (MOTTA, 2002, p.42). E que estes, freqüentemente, passam pela *“dificuldade da construção da identidade de velho”*, pois, muitas vezes, *“as limitações e perdas inscritas no corpo com a*

idade” podem estar em desequilíbrio com a *“identidade mais profunda da pessoa, a qual continuaria essencialmente a mesma da juventude”* (idem, p. 42).

É no campo relacional, portanto, argumenta Ferreira (1995), que se devem estabelecer *“os limites entre a juventude e velhice (...). Pensar-se a si próprio é, na velhice, segundo a autora: “um duplo exercício, pois à medida que o sujeito se define, o faz em contraste com o outro”* (1995, p.429). Complementa Motta (2002): *“em contraste também com aquele ‘outro’ que é seu eu jovem”* (2002, p.42).

“Uma pessoa com sessenta e dois anos, que eu tenho, eu não me acho velha não. Velha é minha mãe que tem noventa e seis... Ainda tá aí, nem óculos usa”. (Informante do sexo feminino, 62 anos, Jardim de Alá).

Além da reflexão em torno da sua identidade e das suas condições de vida, o espaço das práticas de atividades físicas esportivas, dividido entre muitos idosos, pode também, em algum momento, se transformar em palco às críticas das concepções sociais negativas sobre a velhice. Os encontros cotidianos informais possibilitam a reflexão sobre a condição de vida desse grupo populacional, muitas vezes seguida de sátira à posição que é atribuída aos velhos em nosso país.

“... aposentado já não tem o que fazer. Vem aqui pra passear... Nós somos ‘vagabundos’, conforme o digníssimo presidente da república declarou”. (Informante do sexo masculino, 74 anos, Barra).

Uchôa et al (2002) defendem a adoção de uma abordagem holística para estudar o envelhecimento, uma vez que deste ponto de vista, o tema pode ser abordado como *“um fenômeno universal que gera problemas comuns, mas que podem ser vividos e resolvidos diferentemente nas diversas culturas”* (2002, p.27).

Observando essa proposta, buscamos compreender, através dos relatos dos praticantes de atividades físicas esportivas, a relação entre o processo de envelhecimento e as

experiências vividas, que são frequentemente associadas aos processos da saúde-doença, com os mecanismos resolutivos ou adaptativos encontrados por elas acerca destes problemas. O envelhecimento, neste caso, como nós podemos observar nos dois relatos que se seguem, estaria muito mais associado às experiências vividas por cada um, do que com a sua idade (cronológica):

“Eu fui um camarada que sempre fez esporte: eu remei, eu joguei futebol, peguei capoeira, peguei luta livre (...). Até os setenta, setenta e cinco anos, eu corria. Depois vim andar [na calçada da praia], porque tive uma torção e o médico aconselhou andar aqui...”. (Informante do sexo masculino, 83 anos, Barra).

“Já corri, já fiz maratona (...). Depois fui atropelado aqui no Dique... Eu tive que fazer uma cirurgia na cabeça... Depois, comecei a andar. Depois fiz uma cirurgia, fiz três pontes de safena” (Informante do sexo masculino, 64 anos, Dique do Tororó).

No universo das práticas de atividades físicas esportivas estudado, o “*peso da idade*”, como já dissemos, está mais diretamente relacionado com as experiências corporais vividas do que com a idade cronológica propriamente dita. Em alguns casos, essas experiências poderiam indicar uma forma de envelhecimento prematuro, se adotássemos o modelo cronológico sobre a análise do envelhecimento hegemonicamente constituído.

Como as práticas corporais em torno das atividades físicas esportivas têm uma relação muito estreita com a condição física de cada um, as pessoas tendem a colocar restrições na realização de práticas mais intensas ou perigosas, conforme a percepção que elas têm sobre essa condição.

“... eu gostava muito de jogar futebol, mas a idade vai chegando e a gente vai ficando um pouco temeroso em se machucar”. (Informante do sexo masculino, 50 anos, Dique do Tororó).

A idade, em alguns casos, aparece como um aspecto considerado impeditivo à participação em determinadas práticas de atividades físicas esportivas, podendo vir a se constituir em uma barreira intransponível na visão de alguns.

“Nos exercícios, dizem que o melhor é a natação (...). Mas tem um problema: saber nadar. Aprender a nadar depois de velho... Então, como nós aprendemos a andar desde pequeno, vamos continuar andando. Deixa a natação para os jovens”. (Informante do sexo masculino, 76 anos, Barra).

Isto se reflete claramente na seleção dos diferentes tipos de prática, que também vai sofrer influência da percepção que as pessoas têm acerca da sua idade, colocando em evidência a mudança de interesses e projetos de vida a que a idade estaria relacionada.

“Na idade que eu estou, não tenho meta assim... prá conquistar medalha (...). A minha meta é continuar fazendo meus exercícios, gradativamente, para que eu me sinta bem, não fique barrigudo [risos]. Esse é o grande problema: é me manter elegante. Por que não?!”. (Informante do sexo masculino, 50 anos, Dique do Tororó).

Os projetos de vida mais ambiciosos ou audaciosos em torno das práticas de atividades físicas esportivas são, geralmente, substituídos por estratégias de enfrentamento dos problemas já vivenciados em diferentes fases da vida; ou por mecanismos de resistência ou de prevenção àqueles problemas que imaginam que ainda poderão surgir com o passar do tempo.

“Eu pretendo melhorar minha saúde, me sentir bem, pra ter uma velhice mais disposta. Para ser uma pessoa mais útil, com mais disposição”. (Informante do sexo feminino, 63 anos, Dique do Tororó).

As expectativas dos idosos diante das atividades físicas esportivas giram em torno de algumas categorias centrais como serventia (“ser uma pessoa mais útil”), solidão (muitos vivem sozinhos), ansiedade (associada ao tempo livre), disposição e preservação (da vida e da saúde).

“Eu acho que estou alongando mais a minha vida, para não morrer mais cedo” (Informante do sexo feminino, 62 anos, Jardim de Alá).

“Hoje eu continuo andando pra manter essa forma até o dia que Deus quiser (...). Enquanto eu estiver vivo e Deus me ajudar, eu continuo fazendo minha física. Até o dia que eu tiver força” (Informante do sexo masculino, 64 anos, Dique do Tororó).

Os resultados alcançados com as atividades físicas esportivas são avaliados pelos idosos como sendo muito satisfatórios, sendo que para alguns a possibilidade de novas experiências, novos convívios, através dos espaços dessas atividades não pode ser descartada.

“Fazendo mais atividade a gente melhora mais. Eu não faço mais coisa porque tem dia que eu não posso andar por causa das minhas pernas, dói muito. Às vezes eu faço em casa, faço ainda na bicicleta (...). Eu também estou fazendo na academia ...” (Informante do sexo feminino, 62 anos, Jardim de Alá).

A possibilidade de realizar atividades diversificadas e mais intensas é assumida por esses idosos, como uma forma de resistência à imposição de uma antiga concepção social que negava essa possibilidade ao idoso.

“Diz agora que as pessoas da terceira idade têm que fazer muita musculação, fazer muita coisa (...). Eu vi tanta gente com setenta e oito anos fazendo tudo” (Informante do sexo feminino, 62 anos, Jardim de Alá).

É evidente que essa postura reflete uma visão que começa a se formar em torno do idoso, ao reposicionar seus espaços na sociedade, originalmente demarcados para todos, sem distinção, pelas limitações e restrições do corpo, exemplificada na afirmativa de um dos informantes que limita suas atividades à prática da caminhada por considerar esta ideal e suficiente para os idosos.

“A caminhada é a melhor atividade prá pessoa nessa faixa de idade. Pra mim é a melhor atividade, principalmente se você caminhar compassadamente” (Informante do sexo masculino, 76 anos, Barra).

Nós vivemos numa cultura em que a juventude é a referência de vida. Nela, a análise sobre o processo de envelhecimento tende sempre a ser realizada em comparação com essa categoria social. Isso tem influenciado a construção de uma visão negativa sobre a velhice, já que a juventude *“representa um valor simbólico que endossa a vida como uma performance delimitada pela natureza do corpo”* (FEATHRSTONE apud BASSIL, 2000: 223)

A análise sobre os dados que constituem o corpus de análise do estudo indica a necessidade da realização de *“um movimento que positive o envelhecimento”* (MINAYO e COIMBRA JR., 2002), também no campo das práticas corporais de movimento. Esse movimento, segundo os autores, deve positivar a identidade do idoso, reconhecendo *“o que há de importante e específico nesta etapa da vida para desfrutá-lo”*. Através desta concepção, o enfoque sobre as atividades corporais de movimento deve entender o envelhecimento como *“um tempo produtivo específico da vida, emocional, intelectual e social”*, reconhecendo que este *“não é um processo hegemônico”*, pois cada pessoa *“vivencia essa fase da vida de uma forma, considerando sua história particular e todos os aspectos estruturais (classe, gênero e etnia) a eles relacionados”* (2002, p.14).

Para concluir, seguindo o conselho de Bassil (2000), precisamos analisar *“as interconexões entre envelhecimento, curso de vida e experiência personificada”*, de forma que possa nos auxiliar a *“descobrir o que há de novo no medo de envelhecer e também no desejo de prolongar a vida”*, presentes na sociedade contemporânea (2000, p.225).

No próximo tópico o tema voltará a ser discutido a partir das distinções das trajetórias individuais segundo as categorias de gênero.

3.4 Sentidos de corpo e gênero

“Homem é pra saúde, mulher é pra estética”

A distinção por gênero das concepções e práticas de atividades físicas esportivas pode ser descrita através de vários elementos objetivos e subjetivos identificados na análise das trajetórias de alguns praticantes, envolvendo questões que abrangem as diferentes formas de utilização e avaliação dos espaços; as escolhas e preferências na seleção das atividades – considerando aqui princípios da identidade feminina e da identidade masculina; as percepções das práticas e os comportamentos distintivos, entre outros.

Essas diferenças estão imersas nos diferentes discursos e práticas dos indivíduos, mesmo que estes compartilhem de algumas representações semelhantes. Assim, mesmo que a saúde e a “boa forma” (a estética), categorias muito valorizadas nos discursos dos praticantes de atividades físicas esportivas nos espaços públicos, atravessem os signos e significados das práticas para ambos os sexos, as trajetórias percorridas por cada um deles podem se direcionar em sentidos diferentes, algumas vezes, até opostos.

No âmbito científico, em especial na área da educação física e esportes, podemos observar que tanto a saúde quanto a estética têm se constituído tema muito discutido nos trabalhos sobre corpo, atividade física e esporte na sociedade moderna e contemporânea. Nesta área destacam-se estudos como os de Silva (2001), Sant’Anna (1995) e Carvalho (1995). Nestas referências há predomínio de abordagem histórico-sociológica na discussão das relações entre corpo [práticas corporais], saúde e estética.

Algumas tendências de análise sobre o tema, no campo da medicina, têm se voltado para a questão da relação corpo, atividade física e saúde-doença, adotando o argumento que termina por privilegiar a dimensão da saúde sobre a estética, atribuindo a esta um valor negativo.

No caso dos estudos médicos, o discurso tem se direcionado para a identificação dos riscos à saúde associados aos exageros da cultura da “*boa forma*” e do esporte de “*alto*

rendimento”. Com base nestes argumentos, instituições sociais como a Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte (1996), buscam estabelecer alguns parâmetros em torno de estilos de vida “*mais saudáveis*”, fundamentados nas práticas das “*atividades físicas moderadas*”. Baseados na dimensão biológica humana, tratam pouco da questão de gênero e, quando o fazem, baseiam-se sempre numa perspectiva essencialista, reforçando as diferenças entre os sexos a partir de traços biológicos.

Os estudos de tendência histórico-sociológica e cultural, nos termos da sociologia e antropologia do corpo e do esporte, discutidos especialmente na área de educação física no Brasil, têm criticado enfaticamente os ideais da saúde e da estética na sociedade contemporânea. Eles problematizam a cultura corporal a partir do contexto capitalista, atrelando seus sentidos à lógica da sociedade do consumo. Embora alguns tratem das questões de gênero com maior frequência e numa dimensão mais complexa do que os estudos médicos, sua abordagem sobre o tema se dá num enfoque mais centrado na cultura corporal feminina, prevalecendo nestes, uma visão negativa da estética corporal associada às práticas corporais de movimento.

Chagas (1994), por exemplo, analisando as formas de “*padronização do corpo feminino na sociedade do consumo*”, explicita que um dos efeitos dos “*modelos hegemonicamente estabelecidos e assumidos sobre o imaginário feminino*” é a discriminação e o controle social (sic), no sentido de “*fora para dentro da mulher*” de modo a predominar o culto ao corpo, ou seja, um culto às “*formas anatômicas perfeitas*” (1994, p.253). Segundo ela, no caso do corpo feminino, o sentido do desejo se dá através da dimensão exterior à mulher, isto é, relaciona-se ao “*desejo do outro*”, o qual impõe a beleza como uma obrigação.

Sant’Anna (1995), recontando a história da associação entre a beleza e a feminilidade, diz que esta questão “*é uma preocupação antiga e contemporânea*”. Ela afirma que a preocupação com o embelezamento feminino tem ligações com “*os interesses econômicos, os padrões morais e os argumentos científicos*” de cada época (1995, p.122). Para esta autora, o

embelezamento feminino na atualidade, em contraposição às idéias apresentadas por Chagas (1994), tem se voltado para “o prazer” da mulher em “*ser ela mesma*”, sem necessitar da “*aprovação alheia*”. Sant’Anna afirma que o embelezamento da mulher de hoje “*representa mais do que acabar com a feiúra (...), ele se integra a uma promessa da “mulher se encontrar com ela mesma”*” (SANT’ANNA, 1995, p.122)

Um trabalho recente de alguns antropólogos, ao estudar a cultura do corpo carioca, reforça em parte esta tendência dos estudos sobre gênero nas relações entre o corpo, a estética e a saúde. A investigação, ainda que tenha levantado questões relevantes para a discussão da construção da corporeidade na sociedade contemporânea, prende-se a um discurso mais homogêneo e genérico em torno da dimensão estética, enfatizando a *corpolatria* nas camadas médias do Rio de Janeiro, tendo como foco principal os corpos femininos¹³.

Outros eventos ainda podem ser utilizados como exemplo desta tendência nos estudos sobre o corpo e estética (corporal) na atualidade. Um destes, muito recente (1ª JORNADA GAÚCHA SOBRE CORPO e RELAÇÕES DE GÊNERO, 2002), embora de caráter local, reuniu alguns pesquisadores para discutir seus trabalhos na área de corpo, saúde e gênero na atualidade. O que se constatou foi que das vinte comunicações apresentadas durante o evento, 60% delas tinham como objeto a relação corpo/estética/feminilidade; duas delas se voltavam para a relação corpo/estética e masculinidade; e as demais se subdividiram entre as temáticas: corpo, saúde, sexualidade, violência e linguagem.

Com base nestes trabalhos sobre corpo, verifica-se que a dimensão estética atrelada à cultura corporal feminina tem obtido grande visibilidade, muito maior do que a cultura corporal masculina. Conseqüentemente, em determinados momentos, esta tendência termina por reforçar o discurso médico dominante quando associa o “*culto ao corpo*” ao processo de “*comprometimento*” da saúde no âmbito orgânico. Este discurso oficial de uma determinada

¹³ Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Miriam Goldenberg (org.), 2002.

tendência da medicina tem, em certa medida, tentado desfazer a lógica da estética como sinônimo de saúde, constituindo uma nova lógica na perspectiva da estética x saúde.

A 1ª Jornada Gaúcha sobre o “Corpo e as Relações de Gênero na Contemporaneidade” (2002) situou essa relação da estética corporal com a saúde como uma questão numa “lógica paradoxal”, onde “*culto ao corpo e à saúde tem também desencadeado (...) quadros sintomáticos tais como a anorexia nervosa, a bulimia e a obesidade mórbida*”.

Chamamos atenção ainda para o fato de que dois dos quadros sintomáticos referidos no texto acima (anorexia nervosa e bulimia) estão frequentemente associados ao universo feminino.

Diante desta tendência, percebemos que a vinculação da dimensão estética associada às práticas corporais femininas termina reafirmando um *sistema hierárquico* – usando os termos de Heilborn (1993), segundo o qual os gêneros se diferenciam pela maior (no caso feminino) ou menor (no caso masculino) valorização desta dimensão.

O estudo de Goldenberg (2002) constitui um bom indicador da forma como esta hierarquia pode ser representada através da análise da presença, significativa, da palavra corpo, em respostas femininas e masculinas nas camadas médias do Rio de Janeiro. A autora encontrou no primeiro caso (nas respostas femininas): a beleza, o corpo e, em seguida, a inteligência, como as características que mais invejam em uma outra mulher; entre as respostas masculinas, a ordem foi: a inteligência, o poder econômico, a beleza e o corpo, como aspectos que mais invejam em um outro homem. Ou ainda, quando as mulheres apontam a inteligência, o corpo e o olhar como o que mais atrai em um homem; enquanto os homens citam a beleza, a inteligência e o corpo como o que mais atrai em uma mulher.

A partir desta visão, portanto, a estética corporal seria um atributo mais desejável para as mulheres e a inteligência para os homens. Sendo que as duas categorias (estética e inteligência), se tomássemos a teoria de Bourdieu (1999) sobre o sistema de “*oposição*

homóloga”, comumente seriam compreendidas em sua *normalidade e naturalidade* (1999, p.18). Isto é, essas categorias dispensariam qualquer explicação.

Neste sistema, segundo Bourdieu, num universo de *dominação masculina*, “*a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de enunciar em discursos que visem legitimá-la*” (idem, p.18). Ela se inscreve nos princípios da identidade masculina e da identidade feminina “*sob formas de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou de manter a postura, que são como a realização, ou melhor, naturalização de uma ética*” (idem, p.38). A reprodução do relato de um dos informantes traz importantes elementos que podem contribuir para a identificação dessas diferenças, introduzindo questões bem relevantes.

“Ela [a pessoa] tem que se preocupar com a sua saúde e com o seu interior (...), e não, simplesmente, porque vai ficar com o corpo modelado: com o braço bonito, o homem no caso; e, a mulher, com o bumbum desenvolvido, as pernas desenvolvidas (...). Não simplesmente atividades físicas para modelar o corpo, pra questão de vaidade em que eu digo para vocês [mulheres]: as mulheres pecam muito nisso. Os homens não fazem muito atividade física [para modelar o corpo] – um ou outro que faz... Mas a mulher faz muito atividade física, faz o regime... Não é nem atividade física: ‘eu vou fazer regime’. (Informante do sexo masculino, 47 anos, Dique do Tororó).

Ora, se no pensamento social a percepção do corpo é atrelada ao universo feminino, em sua dimensão estética, e ao homem em suas outras dimensões (capacidade física, força, resistência, saúde...)¹⁴, e estas no nosso contexto cultural se sustentam pelo discurso médico hegemônico num sentido de uma maior valorização em relação à primeira, nós estamos vivenciando, mais uma vez, não só a construção de diferenças entre os sexos, mas a constituição de uma relação de hierarquia entre eles.

¹⁴ Segundo Sant’Anna, “*a insistência em associar a feminilidade à beleza, não é nova. A idéia de que a beleza está para o feminino assim como a força está para o masculino, atravessa os séculos e as culturas*” (1995, p.121).

Quando dois dos nossos interlocutores, um do sexo masculino e outro do feminino, afirmaram que há diferenças nos significados das práticas entre os sexos, concordando que para os homens as práticas se voltariam para a saúde, enquanto que as mulheres se preocupam com a estética, suas concepções puseram em efervescência, em nosso ponto de vista, toda uma lógica da construção do gênero presente na cultura corporal de movimento. Foi a partir de então que passamos a buscar reconhecer de que maneira os significados das práticas se tornam diferentes entre os homens e as mulheres, através da observação dos modos pelos quais as pessoas manifestam suas idéias e constroem suas práticas.

A relação diferencial dos significados das práticas corporais de movimento, no entanto, observadas no âmbito das trajetórias individuais entre os praticantes de atividades físicas esportivas na rua, tende, em determinados momentos, a diluição e imbricamento entre os sexos feminino e masculino, quando os atributos já não se constituem como identificadores. A tendência da diluição, por exemplo, pode se tornar mais visível entre os praticantes mais velhos, cuja preocupação mais evidente nas práticas é com a dimensão da saúde, em ambos os casos.

Este fenômeno, conhecido como androginia, caracterizaria as etapas mais avançadas da vida, onde valores e atitudes masculinos e femininos tenderiam a se misturar na velhice (DEBERT, 1999, p.8). Mas contra esta visão, segunda a autora, haveria dois argumentos. O primeiro deles é que *“as mulheres na velhice experimentam uma situação de dupla vulnerabilidade”*: ser mulher e idosa. O segundo argumento, contrariando o primeiro, é de que *“o envelhecimento feminino é mais suave que o masculino”* por conta da não ruptura tão violenta com o trabalho como acontece com os homens [já que as mulheres costumam manter atividades domésticas, após se aposentarem], pelo fato das mulheres se ajustarem melhor *“às mudanças drásticas em seu organismo”*, desenvolvendo mecanismos que lhes permitiriam enfrentar melhor as transformações que ocorrem na velhice em relação aos homens (idem, p.8-9).

Saraiva (1999) define a androginia como uma *“transposição dos limites das normatizações atribuídas a ambos os sexos, a uma grande flexibilidade de comportamento, auto-realização e criatividade”* (1999, p.150). Diante deste entendimento, a autora, afirma que a androginia é conseqüente da forma da vida que tenderia a unir os aspectos masculinos e femininos dos seres humanos (idem, p.149).

A noção de androginia sustentada por Saraiva-Kunz (1994) abarca *“um sentido de equilíbrio entre as dualidades, polaridades, possibilidades de um mesmo indivíduo”*. As sexualidades masculina e feminina, neste sentido, não tenderiam a um extremo (1994, p. 251).

Do ponto de vista da experiência das atividades físicas esportivas de homens e mulheres em idades mais avançadas, há um entendimento de que as mesmas significam um mecanismo para enfrentar as transformações ocorridas com o envelhecimento. As atividades apresentam, para essas pessoas, uma justificativa na intenção de reduzir ou eliminar as limitações corpóreas percebidas no processo saúde-doença.

“Procurei o médico, estava com o colesterol muito alto, estava com triglicérides também, e tive que fazer uma prova de esforço e me senti sem preparo físico” (Informante do sexo masculino, 57 anos, Dique do Tororó).

Além da preocupação do restabelecimento da saúde em função de alguma patologia já *“instalada”* no corpo, os sentidos das práticas tendem a se tornar mais homogêneos entre os homens e as mulheres mais idosos, no sentido de ocupar o tempo disponível ou do interesse de um maior engajamento lúdico e social que a convivência nas práticas possibilita.

“Eu fico em casa, aí eu como toda hora, e televisão (porque eu sou viúva), aí eu fico pra dentro e pra fora. Se você anda, quer dizer, para ansiedade andar é excelente” (Informante do sexo feminino, 60 anos, Dique do Tororó).

“Eu venho a mandado médico, porque eu preciso andar (...). Depois, o lazer, porque a gente se diverte muito aqui” (Informante do sexo feminino, 76 anos, Barra).

No que diz respeito ao uso dos espaços, a variável idade também interfere na adoção de práticas semelhantes tanto entre os homens como entre as mulheres. A preferência em geral se dá na prática da caminhada, seguida de uma “pausa” para “conversas”, “bate-papos” com amigos, parentes ou colegas, ou para contemplação da paisagem.

“Eu venho caminhar, fazer física e ver essa beleza que tem aqui. Tomar esse ar maravilhoso” (Informante do sexo feminino, 62 anos, Jardim de Alá).

“Venho andar aqui todo dia (...). Andar e depois ficar batendo papo aqui com a turma (...). Agora o mais interessante é que eles fazem o cooper de língua, falam da vida de todo mundo e andam muito pouco” (Informante do sexo masculino, 73 anos, Barra).

A corrida é uma prática muito pouco freqüente entre os homens e mulheres em idade mais avançada, sendo a opção pela caminhada geralmente justificada pelo entendimento de que esta seja uma prática mais adequada, mais “prudente”.

“Correr não; pelo seguinte: tartaruga vive trezentos anos porque anda, nada. Cavalo tem uma vida média de dezesseis anos porque corre. Então correr não é bom. Bom é andar. Quando eu ando aqui eles dizem que eu estou com passinho de shopping barra” (Informante do sexo masculino, 73 anos, Barra).

Já entre os adultos mais jovens, as diferentes formas de uso dos espaços e dos sentidos atribuídos às práticas de atividades físicas esportivas, facilmente podem ser identificadas. A prática da corrida, por exemplo, é muito mais freqüente entre os homens do que entre as mulheres. Duas das entrevistadas que costumavam correr, associaram esta prática a alguma prova/competição, seja quando participavam de equipes de treinamento esportivo ou de algum processo seletivo profissional que exige prova de esforço.

A corrida, na percepção dos homens, é uma prática “mais eficiente” do que a ginástica, no que se refere aos resultados almejados com as práticas de atividades físicas esportivas. Sua

“eficiência”, em geral, se associa com um melhor desempenho físico, tanto na questão da melhoria das capacidades físicas quanto na eliminação dos excessos corporais.

“Eu posso caminhar assim uma hora, não resolve o problema. Tem que dar uma corrida mesmo para botar o suor prá fora. Aí sim!” (Informante do sexo masculino, 40 anos, Jardim de Alá).

“Eu prefiro correr. Você começa a suar com mais rapidez, e no meu caso que tô meio gordinho, aí jogo mais as calorias pra fora com mais rapidez.” (Informante do sexo masculino, 46 anos, Dique do Tororó).

Assim é que, para a grande maioria das mulheres entrevistadas, a corrida é vista como uma prática “*muito cansativa*”, pois “*exige maior esforço*” e é “*específica para atletas*” ou para alguém que têm alguma meta pré-definida com a corrida.

“Eu acho correr cansativo e... eu não tenho objetivo nenhum pra alcançar correndo. Então, andar resolve suficientemente meu problema.” (Informante do sexo feminino, 35 anos, Barra).

Já entre os homens, a busca de melhores resultados no desempenho físico não se encerra com a prática da corrida. A corrida é fortalecida por um conjunto diversificado de práticas de exercícios físicos nestes espaços e na prática de múltiplas modalidades esportivas em espaços diferentes.

“Eu geralmente gosto de correr e malhar. Eu faço ginástica, barra, faço paralela, apoio, flexões... Para manter o corpo em forma.” (Informante do sexo masculino, 40 anos, Jardim de Alá).

“Aqui eu dou uma corridinha (...), em casa eu pratico boxe (...), faço uma físicas também” (Informante do sexo masculino, 35 anos, Dique do Tororó).

A rotina masculina no que se refere às práticas de atividades físicas esportivas, de modo geral, inclui a utilização da pista de corrida e dos espaços destinados à ginástica, com ou sem o uso de equipamentos para realização de exercícios localizados. Diferente da rotina feminina, que dá preferência pela prática da caminhada e do uso, pouco freqüente, dos espaços

de ginástica sem equipamentos. É mais comum entre as mulheres do que entre os homens a finalização da atividade com uma prática de atividade contemplativa, reflexiva ou de relaxamento.

As mulheres justificam a preferência da prática da caminhada sobre as demais pelo fato desta ser vista como “*mais completa*”, porque possibilita a pessoa “*trabalhar o corpo e a mente simultaneamente*”, “*trabalha o corpo todo*”; e “*não é prejudicial a ninguém*”.

“Primeiro porque a caminhada movimenta o corpo todo. Eu acho que é uma boa atividade. Depois, pra terapia. Eu acho até que é um exercício que ajuda você a relaxar um pouco, meditar, sabe?”
(Informante do sexo feminino, 48 anos, Barra).

O discurso das mulheres deixa perceber que elas demonstram menos interesse do que os homens na prática dos exercícios localizados, como pode ser visto no fragmento de discurso citado abaixo.

“Eu não sou muito fã de fazer abdominaaaaaaal. Não sei como se chama aqueles dali... braços. Meu negócio é caminhar mesmo.”
(Informante do sexo feminino, 20 anos, jardim de Alá).

A informante, ainda jovem, diz não ser adepta de exercícios para o desenvolvimento de partes específicas do corpo, preferindo a caminhada. Concepção semelhante a de outra de idade mais avançada, que está mais preocupada com o bem estar físico do que com a adoção de um padrão de estética corporal que prime pelas formas musculosas.

“Eu ando, faço um pouquinho assim... uma enrolaçõzinha aqui, um alongamentozinho cá. Só isso”. (Informante do sexo feminino, 40 anos, Dique do Tororó).

Outrossim, no discurso masculino pode-se observar a separação entre a corrida ou caminhada e a “malhação”. “Malhar” para eles é realizar um trabalho mais específico para o corpo, que visa, sobretudo, o desenvolvimento muscular, enquanto a corrida é percebida como uma etapa do processo da preparação física geral. Ao falar das suas práticas, das suas

escolhas, eles, mais do que as mulheres, concentram-se nos pormenores das atividades físicas esportivas que desenvolvem.

“Os exercícios que eu acho mais importante seria o exercício prático nas barras (...). No mínimo fazer três, quatro exercícios diferentes, uma carreira pequena...” (Informante do sexo masculino, 46 anos, Dique do Tororó).

Fazendo o relacionamento entre estes dados com os relatos sobre as experiências em academias de ginástica, pode ser constatado que entre as mulheres manifesta-se uma certa rejeição à prática de atividades físicas que exijam muito esforço, que sejam mais repetitivas. Por outro lado, os homens parecem ter maior satisfação com as práticas realizadas nestes espaços.

Enquanto os homens generalizavam suas queixas sobre as academias em função da rigidez dos horários e das suas características físico-ambientais, as mulheres somavam a isso: a “*grande cobrança*” no rendimento físico existente nas academias, a “*falta de autonomia*” e do “*respeito aos interesses individuais*”.

“Eu perdi a paciência de freqüentar academia, porque eu nunca tive bom condicionamento físico, desde pequena. E me esforço (...), mas durante a aula [na academia] o professor (e não era um só não) estava sempre achando que eu estava fazendo menos do que poderia (...). Eu acho que cada um tem que respeitar o seu limite” (Informante do sexo feminino, 23 anos, Dique do Tororó).

Está presente nestes discursos também a reprovação aos “*modismos*” e à “*competição*”, existente entre os usuários das academias. Outro aspecto abordado é a queixa à “*monotonia*” das práticas com a repetição freqüente dos exercícios físicos.

“Eu já freqüentei academia. Eu acho que na academia existe muito exibicionismo por parte da maioria das pessoas. Então chega a ser, assim, uma competição às vezes: quem vai com a roupa mais bonita, quem tem o corpo mais bonito, quem faz mais exercícios...” (Informante do sexo feminino, 48 anos, Barra).

Mesmo reconhecendo às vezes que na caminhada “o resultado é um pouco mais lento”, e que a ginástica, a musculação agem “com mais intensidade”, e “trabalha determinados lugares” [do corpo], a escolha ainda assim, se dá pela caminhada.

O último aspecto que merece destaque na construção das práticas na relação entre o universo masculino e feminino, é o fato de que quando os homens associam às práticas a um processo de “relaxamento” ou “eliminação de estresse”, eles têm como maior referência às condições específicas de trabalho e do que faz relação com este. Enquanto as mulheres associam as práticas ao relaxamento, dando-lhe um sentido mais abrangente, muitas vezes interpretado como uma forma de fuga de problemas de natureza diversa.

“...você fica aqui meia hora, uma, duas horas, você não pensa em nada (...). A gente fica pedindo a Deus paz pra todo mundo... com toda essa violência que está aí, a gente não pode nem sair na rua.” (Informante o sexo feminino, 62 anos, Jardim de Alá).

“A coisa em mim funciona como uma terapia. Me bota nos trilhos, vamos dizer assim. Se eu não fizer, eu fico com um mau humor triste.” (Informante do sexo feminino, 52 anos, Jardim de Alá).

Os dados considerados neste capítulo nos revelam que independente de sexo e idade, os objetivos nas práticas físico-esportivas estão relacionados a três categorias de “manter a forma”, “prolongar a juventude” e garantir um “envelhecimento mais ativo”. Esta última categoria encontra-se preponderantemente relacionada ao processo saúde-doença, na medida em que essas atividades “mantêm a autonomia” da pessoa através da negação das limitações corpóreas associadas ao envelhecer ou à doença. Esses objetivos integram o discurso hegemônico na sociedade em torno da relação positiva entre a prática da atividade físico-esportiva e a manutenção da “forma” (do corpo), da “juventude” e da “saúde”.

A análise mais detalhada em torno dessas categorias e a observação das práticas revelam que essas se encontram mais diretamente relacionadas com as experiências corporais da pessoa através dos sinais percebidos no corpo; com os elementos diferenciais ligados aos gêneros masculino e feminino; com a mudança de interesses e de projetos de vida relacionados às estratégias de enfrentamento dos problemas já vivenciados em diferentes fases da vida; com um ideal de equilíbrio entre corpo e mente, que se relaciona com uma visão que as pessoas têm das práticas corporais mais integradas à natureza.

Sobre esta última questão, é importante destacar a percepção de que as práticas de atividades físicas esportivas em espaços públicos propiciam as condições adequadas para o desenvolvimento da **sensibilidade** e **reflexão** das pessoas, no contexto das sociedades urbanas contemporâneas. Sobre estes aspectos, são valiosas as percepções das práticas como um sistema terapêutico que extrapola o sentido corporal na dimensão físico-orgânica, e agrega a dimensão psíquica e espiritual, através da prática da reflexão. O desenvolvimento da reflexão e a busca da autonomia (auto-governo), observados nas concepções e comportamentos das pessoas que realizam as atividades físicas esportivas, sinalizam interconexões dessas práticas com a cultura individualista e os sistemas de auto-ajuda. Essas interconexões, como já dissemos anteriormente em outro capítulo, fazem parte de uma rede cultural que justifica, em grande parte, a adesão e a permanência de muitas pessoas no universo das atividades físicas esportivas em espaços públicos. Interpretaremos mais essas interconexões no capítulo a seguir, onde discutiremos de que forma as adesões recentes às práticas de atividades físicas esportivas em espaços públicos, a partir de um modelo individualizado, se relacionam com algumas idéias adotadas pelos sistemas de auto-ajuda.

Capítulo 4

Atividade física e saúde: interconexões com a ideologia individualista e sistemas de auto-ajuda

“Quando eu estou apavorada em casa... aí eu venho pra cá. Quando eu saio daqui, eu saio outra” (Informante do sexo feminino, 62 anos, Jardim de Alá).

As trajetórias individuais analisadas no capítulo anterior evidenciam que as adesões mais recentes às práticas de atividades físicas esportivas nos espaços públicos apontam para a mudança de um modelo mais grupal (coletivo), formalizado, fechado e homogêneo (encontrado, por exemplo, nos primeiros grupos de corrida na rua) para um outro no qual predomina a individualidade, espontaneidade, abertura e a heterogeneidade. No segundo modelo, as adesões à prática de atividades físicas esportivas vão acontecer, predominantemente pautadas em critérios pessoais, associadas às percepções das condições corpóreas, aos interesses e projetos de vida e a um ideal de equilíbrio entre corpo e mente. A adoção desta perspectiva, por parte da maioria das pessoas praticantes de atividades físicas esportivas nas áreas estudadas, revela pontos em comum entre essas práticas e a ideologia individualista e os sistemas de auto-ajuda.

A partir destas considerações, buscamos examinar com mais profundidade de que forma os significados das práticas de atividades físicas esportivas, associados ao processo saúde-doença, se encontram interconectados a uma rede cultural baseada numa ideologia individualista e em sistemas de auto-ajuda. Analisamos neste contexto o aspecto terapêutico das práticas na dimensão psíquico-espiritual, através da interpretação dos comportamentos e das concepções dos praticantes associados a um sistema de auto-cuidado e auto-ajuda.

A tese que defendemos é que o processo crescente de adesão às práticas de atividades físicas esportivas na rua, ocorrido principalmente na última década, encontra-se essencialmente atrelada ao desenvolvimento de uma ideologia individualista, sendo fortemente interligada a sistemas de auto-ajuda.

Partimos do pressuposto de que a interconexão dessas práticas com uma ideologia individualista, não acontece, fundamentalmente, pelo desenvolvimento de um sistema de idéias e valores associados ao capital, mas pela interação de uma rede de significados em que e “*a ausência de valores extramundanos ou comunitários*” (RÜDIGER, 1995) cede, progressivamente, à crença da auto-realização a partir da auto-ajuda.

Alguns estudos como os de Silva (1997 e 2001), Sant’Anna (2001) e Palma (2001), têm discutido de modo mais freqüente a relação entre a cultura corporal e a cultura individualista, associada ao desenvolvimento dos sistemas produtivos ligados ao capital e aos mecanismos de poder, institucionalizados na sociedade moderna. Constatamos que neles, reflete-se sobre a concepção social do corpo e das práticas de atividades físicas esportivas, estruturada a partir das descobertas científicas (modernas) e a sua coerência com o “*individualismo como expressão ideológica do capital*” (Silva, 1997, P.1565).

As análises tradicionalmente exploradas pelos autores acima citados não levam em consideração o tema da individualidade como algo que tem sido “*objeto de reflexão e especulação desde, pelo menos, a Antigüidade Clássica*” (VELHO, 1973); e, também, não avançam na interpretação da relação entre as práticas corporais de movimento com outras dimensões culturais, tais como aquelas ligadas à crença da auto-realização através dos mecanismos de auto-ajuda.

Nesse sentido, nosso propósito foi introduzir uma análise sobre os sentidos terapêuticos que as práticas de atividades físicas esportivas ganham, quando comungam de uma *ideologia*, cuja *origem antecede a modernidade*, em que o indivíduo, nos termos de

Dumont (1985), é considerado como valor. Ou, nas palavras de Duarte (1986), como “*uma espécie de vínculo espiritual que une a humanidade*”.

A análise sobre os significados das práticas de atividades físicas esportivas sob a lógica individualista, atrelada ao sistema de auto-ajuda, demonstra que estes não se relacionam exclusivamente com as normas provenientes das novas descobertas científicas; nem com uma adequação do homem ao modo de produção vigente na sociedade; nem ainda, com uma busca ou adaptação do corpo às inovações tecnológicas. Aliás, sobre esta última questão, no campo das atividades físicas esportivas na rua, as ações corporais se dão num sentido mais tradicional, sem o auxílio de qualquer recurso mais sofisticado e com a utilização de recursos tecnológicos simples.

As ações e percepções envolvidas nas atividades físicas esportivas indicam um imbricamento com um sistema ideológico, no qual as pessoas, baseadas em parâmetros de independência, liberdade e autonomia, exercitam o auto-cuidado e a auto-ajuda. Através deste sistema as pessoas procuram solucionar algumas questões de natureza complexa, nas quais corpo, mente, espírito, saúde, ambiente (natureza), trabalho e tempo livre estão mais integrados. Nestes comportamentos e percepções, os mundos “superior” (que faz relação com Deus, o “*mundo invisível*”) e “inferior” (que caracteriza o mundo social) se interligam através do “*mundo interior*”, ou seja, o “eu” de cada pessoa.¹⁵

A possibilidade que as pessoas têm de interlocução com esses dois mundos, segundo as visões dos praticantes de atividades físicas, está centralizada na harmonia, no equilíbrio do conjunto corpo-mente-natureza, e no conjunto corpo-mente-natureza-divino. Para conseguir se conectar com esse “*mundo superior*”, aquele que está num plano diferente deste, é preciso cuidar do “*eu*”, especialmente nos sentidos corpóreo, mental e afetivo.

Temos consciência do risco que corremos quando nos propomos tratar de uma questão que não dominamos inteiramente, que envolve conhecimentos no campo da psicologia.

¹⁵ Dumont afirma que desde os primeiros cristãos, o homem é compreendido como “um indivíduo-em-relação-com-Deus” (1985, p.39)

Porém, aceitamos esse desafio porque, entendemos que, ignorar ou desconsiderar as interconexões dos significados das práticas de atividades físicas esportivas com os sistemas de auto-ajuda, evidenciadas neste estudo, seria um erro muito maior do que aqueles que pudessem acontecer numa interpretação, talvez superficial, de uma questão tão profunda e complexa como a que estamos lidando.

Assim, estamos convictas de que, somente com a leitura das questões acima mencionadas, será possível um maior entendimento em torno da dimensão essencialmente terapêutica presente nessas práticas, na relação corpo-mente-espírito. Essa percepção terapêutica, como veremos no transcorrer deste capítulo, se associa aos “*conflitos existenciais e valorativos*”, decorrentes de uma *cultura individualista* (situando a questão na tese de FIGUEIREDO, 1995; e RÜDIGER, 1995), problematizada a partir do desenvolvimento de uma crença de auto-realização, conseqüente da *ausência de valores extramundanos ou comunitários*, enquanto aspectos dominantes no desenvolvimento da era modernista.

A interpretação de Figueiredo (1995) sobre as categorias de pessoa, sujeito e indivíduo; as contribuições de Rüdiger (1995) em torno da subjetividade contemporânea através da análise da literatura de auto-ajuda e individualismo; e os modelos compreensivos de sociabilidade das sociedades holistas e individualistas tratadas por Dumont (1995), constituem leituras básicas para a reflexão das questões referentes à subjetivação presente nas práticas corporais esportivas estudadas.

Vale ressaltar que as idéias defendidas por Figueiredo e Rüdiger não coincidem integralmente com as de Dumont. Os primeiros estão ligados a uma concepção de homem associada a uma “*metafísica moderna*” (na perspectiva interpretativa da modernidade de Heidegger), na qual, é no sujeito, na sua condição de “*fundamento epistemológico, ético e ontológico*”, que devem estar fundadas as suas regras de ação, já que os padrões tradicionais e coletivos de sociabilidade se desqualificaram. Neste caso, predomina a idéia de constituição do sujeito como objeto de conhecimento e controle. Enquanto Dumont vai sustentar sua teoria

numa concepção de homem que dialoga com diferentes culturas, sendo que estas só podem ser compreendidas numa perspectiva global se comparadas umas às outras. Em outros termos, Dumont vai reconhecer que “*o mundo ideológico contemporâneo é tecido da interação de culturas*” (1985, p.30), e definir o individualismo, uma ideologia que valoriza o indivíduo e negligencia ou subordina a totalidade social, a partir da idéia de oposição entre holismo e individualismo (idem, p.279).

Dumont estabeleceu dois modelos compreensivos de padrões de sociabilidade: o das chamadas sociedades holistas e o das sociedades individualistas. No primeiro caso observa-se uma dominância das formas coletivas e hierárquicas de existência social onde os indivíduos figuram como seres socialmente determinados, que se definem a partir da posição que ocupam no quadro social estratificado e hierarquizado, tradicionalmente condicionado; no segundo caso, os indivíduos, além de serem empíricos, como nas sociedades holistas, são representados como a-sociais, independentes e autônomos, sobre os quais se organizam os modos de funcionamento e as estruturas da sociedade. Aqui, eles são tomados como valor a ser realizado nas e pelas práticas sociais.

Duarte (1986) interpreta a distinção apresentada por Dumont entre sociedades holistas e sociedades individualistas, distinguindo o “*duplo sentido da categoria ‘indivíduo’ que atravessa nosso discurso*”: do sujeito empírico da palavra, do pensamento, da vontade, amostra indivisível da espécie humana; e do indivíduo como valor moral, cultural, central e básico para a configuração ideológica moderna (1986, p. 45-46).

Segundo Dumont, para tomarmos consciência do “*fundamento familiar e implícito do nosso discurso ordinário*” [centrado no indivíduo] é preciso ver a nossa cultura em sua unidade e especificidade, colocá-la em perspectiva, contrastando-a com outras culturas (idem, p.36-37). Nesta perspectiva, ele defende que a origem da cultura individualista pode ser reconhecida “*nos primeiros cristãos*”, de forma que a religião pode ser caracterizada como o “*fermento essencial*” tanto na generalização da fórmula como na sua evolução (idem, p.36).

Sua hipótese é que entre os primeiros cristãos, “*as relações entre os homens baseiam-se em indivíduos à imagem de Deus e destinados à união com ele (...). O fim último estava numa relação ambivalente com a vida no mundo*” à medida que este é, ao mesmo tempo, “*um obstáculo e uma condição de salvação*” (idem, p. 49). Mesmo que o autor reconheça que a antiga forma do individualismo, o cristão, esteja separada da forma atual por uma “*transformação radical e complexa*”, sua análise é fundamental para poder refletir as bases da gênese do individualismo, as quais vão progressivamente se afastando do modelo de um indivíduo-fora-do-mundo para um indivíduo-no-mundo.

A síntese de Dumont em torno da origem da sociedade individualista é de que a mesma surgiu de uma sociedade do tipo tradicional, holística, no sentido de que a diferença entre elas é que, no caso das sociedades holísticas o “*caminho da libertação*”, somente está aberto a quem abandona, isto é “*renuncia*”, o mundo social (ou seja, torna-se um *indivíduo-fora-do-mundo*), constituindo-se na condição para o desenvolvimento espiritual. Enquanto nas sociedades modernas, ditas individualistas, o indivíduo vive no mundo social, ou seja, é um *indivíduo-no-mundo* (1985, p.38).

Duarte (1986) afirma, entretanto, que a tese apresentada por Dumont não deve ser aplicada a toda à sociedade ocidental moderna, sendo necessário, portanto, relativizá-la. Segundo ele, parte da sociedade, como a classe trabalhadora, “*não compartilha dessa qualidade, desse valor, desse sistema de idéias*” (1986, p.54). Para ele, “*a cultura das classes trabalhadoras urbanas é hierárquica e holística por oposição ao individualismo reinante como versão ideal e letrada nos segmentos médios superiores da sociedade*” (1986, p. 58).

No caso particular das práticas corporais investigadas, indo de encontro às afirmações acima, se constata o predomínio do caráter individualizante adotado mais recentemente por grupos que reproduzem a ideologia de camadas médias urbanas em oposição ao caráter mais hierárquico e holístico atribuído às classes populares estudadas por Duarte (1986). Por essa razão, nos remetemos aos modelos compreensivos trazidos por Dumont para a reflexão das

múltiplas características da ideologia individualista, presentes nos discursos e trajetórias dos grupos investigados, entre elas, principalmente, as que se referem às idéias de “independência” e “autonomia” ligadas às práticas de atividades físicas esportivas na rua.

Na perspectiva de um sistema ideológico moderno, segundo Dumont (1985), “*a concepção do homem como indivíduo implica o reconhecimento de uma ampla liberdade de escolha*” (1985, p.269), onde alguns valores, “*em vez de emanarem da sociedade, serão determinados pelos indivíduos para seu próprio uso*” (idem, p.269). Além disso, complementa o autor, “*as relações entre os homens precisam estar subordinadas para que o sujeito individual seja autônomo e igual*” (idem, p.270).

Independência e autonomia são também categorias centrais na argumentação de Figueiredo (1995) em torno da caracterização de sociedades individualistas. No entendimento deste autor, só quando o indivíduo livre ascende à condição de autônomo e pode realizar sua liberdade positiva é que ocorre a conquista de status de sujeito na acepção moderna do termo. Acepção esta que reconhece o indivíduo autônomo “*na sua capacidade de gerar leis e viver sob o império das leis por si mesmo consagradas (...). Sejam estas leis as leis positivas que regulam a sua vida pública e a de todos os demais indivíduos, sejam as leis auto-impostas à sua existência livre e privada*”(1995, p. 29-30).

A independência, segundo Figueiredo, pode ser compreendida como a ausência de vínculos, obrigações pessoais que abre espaço para projetos individualizados e trajetórias e destinos idiossincráticos; e se expressa, modernamente, como reivindicação de um território livre da interferência das agências de controle social, o território da privacidade. Enquanto que a autonomia para ele se “*figura como ideal no processo moderno de subjetivação*” (idem, p.30).

O sujeito, no sentido tratado por Figueiredo, “*deve constituir-se como fundamento para que o mundo da modernidade se torne um mundo habitável e, principalmente, administrável, controlável, previsível*”, sendo imprescindível para que isso ocorra, a

coincidência entre a “*consciência e a vontade livre*” (idem, p.32). A consciência que cada indivíduo deve ter do que se é - ou seja, sujeito - e o que isso significa quanto à sua independência aos valores ou projetos coletivos.

Mas, para que possa assumir esta tarefa, é preciso exigir de si mesmo uma total *autotransparência e autodeterminação*, ou seja, uma completa autonomia, na qual o sujeito moderno deverá ser sempre “*pensado como indivíduo, aquele que não se divide, coincide sempre consigo mesmo, ou seja, identifica-se*” (idem, p.32). Ou ainda, nas palavras de Rüdiger (1995), na metafísica dominante [da modernidade clássica] não somos somente indivíduos separados e distintos, mas “*possuímos uma personalidade individual, que deve ser plenamente desfrutada através do desenvolvimento de todas as capacidades físicas e espirituais que nos foram dadas pela natureza ou mesmo por Deus*” (1995, p.64).

Assim, Rüdiger, assumindo o que Nietzsche já resumia, nos alerta para o fato que a *metafísica moderna* solicita que sejamos “*mais que sujeitos políticos, sociais, sexuais*”; solicita que sejamos sujeitos de sucesso; que sejamos indivíduos, que nos tornemos aquilo que podemos e devemos ser, ou seja, homens “*novos, únicos, incomparáveis, aqueles que se autolegislam, aqueles que criam a si próprios*”. Que antes de tudo, compreendamos que o homem não é algo dado, mas construído.

No universo das atividades físicas esportivas na rua constata-se tanto a consolidação da idéia do homem como o centro do mundo - aquele que é capaz de conhecer e estabelecer seus próprios limites, ideais e projetos. Um mundo, portanto, passível de ser conhecido, controlado, isto é, administrável, inclusive pelas possibilidades que o homem tem de se auto-controlar e se auto-gerir, principalmente pelas suas condutas psíquico-físicas; mas, também, com a manutenção da idéia de um homem que está em permanente relação (ou em busca desta relação) com um plano diferente do seu mundo social, reconhecendo este como inferior comparado com outros planos numa dimensão divina.

Em síntese o que pudemos perceber é que a cultura individualista que perpassa as ações, percepções e sentidos das atividades físicas esportivas analisadas nesta pesquisa, tendo como foco a adesão da prática solitária em oposição à prática coletiva (em grupo), se conecta com alguns princípios gerais que dão suporte aos sistemas de auto-ajuda, nos quais a prática de “culto a pessoa”, como Figueiredo (1995) nomeou, assume um discurso dominante em relação aos sistemas de controles sociais mais tradicionais.

Se considerarmos que esses princípios estão atrelados a uma “*rede de relação*” cada vez menos fechada no cotidiano dos atores sociais, identificaremos a sua contribuição para marcar ainda mais a “*auto-percepção de individualidade singular*” (VELHO, 1987), à medida em que esses atores ficam expostos à experiências diversificadas tendo de “*dar conta de ethos e visões de mundo contrastantes*” (idem, p.32).

O primeiro princípio norteador deste sistema de auto-ajuda pode ser interpretado como aquele que reconhece que **os problemas das pessoas começam (ou se situam) nelas** mesmas. Sua construção empírica através do discurso pode ser exemplificada pelo fragmento de discurso que transcrevemos abaixo:

“Se você está bem consigo mesma... tá bem com qualquer coisa”
(Informante do sexo feminino, 34 anos, Dique do Tororó).

O segundo princípio observado diz respeito à **autonomia** presente nos planos e ações das pessoas praticantes das atividades físicas esportivas no modelo individualizado. A autonomia implica um poder centrado na pessoa, decorrente de uma atitude descomprometida com modelos sociais/institucionais rígidos, que pode ser discursivamente manipulado pelos indivíduos como forma de justificar sua falta de compromisso com qualquer atividade que veja como interferente nesta sua liberdade presumida.

“Tudo que implica rigor de horário, tudo que implica obrigação, tô fora. Eu quero uma coisa que me deixe sem qualquer compromisso”
(Informante do sexo feminino, 26 anos, Barra).

Para Figueiredo (1995), “os mecanismos de poder, baseados na disciplina dos corpos e na coerção direta”, tendem a ceder o lugar para “mecanismos terapêuticos pós-disciplinares”, a partir de dois fundamentos: a *persuasão emotiva* e *manipulação da subjetividade* (1995: 174-175).

As estratégias anteriores de controle e coerção, segundo Figueiredo, revelam-se “*cada vez menos eficiente, devido a um declínio de autoridade legítima tradicional*”. Através de outros mecanismos como a *persuasão emotiva* e a *manipulação da subjetividade*, citados pelo autor, compreendemos que a “consciência” (a força de vontade) de cada pessoa passa a ser o principal mecanismo de controle. Como exemplo deste mecanismo usamos da afirmação de uma jovem ao dizer: “- *o importante é você querer e botar na cabeça que você precisa mesmo*”. Outras pessoas, nas suas narrativas, exemplificam como esse mecanismo funciona com elas:

“A partir do momento que você se olha e se gosta, você tem que preservar o seu corpo, a sua saúde” (Informante do sexo masculino, 50 anos, Dique do Tororó).

“Eu procuro me policiar e vir. Às vezes todos os dias. Eu reclamo comigo mesmo: ‘- umbora rapaz, você está preguiçoso hoje.’” (Informante do sexo masculino, 50 anos, Barra).

O terceiro princípio baseia-se no sentido de **liberdade**. Esta se associa aos aspectos da satisfação, do prazer e das alegrias, próprios das vontades e leis pessoais. A liberdade está configurada naquilo que “*você gosta de fazer*”, naquilo que “*você ama*”, que faz você “*se sentir melhor*”. Ela tem relação direta com o mundo social vivido.

Nas sociedades tradicionais, holistas, que Dumont (1985) se refere, o sentido de liberdade (ou libertação) somente pode ser alcançado a quem abandona [renuncia] o mundo social. No caso da nossa sociedade (moderna, individualista), a liberdade é percebida nas relações com o mundo social, já que o indivíduo é compreendido como um indivíduo-no-mundo.

O quarto princípio, da diferenciação, ligando todos os elementos responsáveis na construção das subjetividades, implica que **cada pessoa é diferente da outra** (tem problemas, ritmos, planos, metas diferentes), motivo que requer que as práticas corporais devam acontecer de forma individualizada.

“Eu teria que ter um companheiro [para praticar] com a mesma cabeça, a mesma mentalidade (...). É preciso ter alguém como eu penso. E isso é difícil, não é?” (Informante do sexo masculino, 57 anos, Dique do Tororó).

Considerando os aspectos discutidos até aqui, as interconexões entre as práticas de atividades físicas esportivas e a saúde com a ideologia individualista e os sistemas de auto-ajuda, sinteticamente podem ser visualizadas através das categorias expostas no quadro abaixo.

| | |
|---------------|---|
| Reflexão | - Fio que une os mundos material e espiritual, físico e metafísico, inferior e superior, natural e divino. Processo de distanciamento do mundo social (através de oração, meditação, contemplação da natureza...), num sentido de um <i>“indivíduo-em-relação-com-Deus”</i> . |
| Subjetividade | - Construção de uma identidade pessoal, de um mundo interior (“eu”), em que as idéias e valores centrais primam pelo auto-controle, auto-cuidado e auto-ajuda, através da constituição de um mecanismo de auto-conhecimento, ou seja da busca do seu <i>“verdadeiro eu”</i> . |
| Independência | - Ausência de vínculos, obrigações pessoais; espaço aberto a projetos e trajetórias individualizadas, <i>“livre da interferência das agências de controle social”</i> . |
| Autonomia | - Poder centrado no indivíduo na definição de normas e construção de planos de ação (auto-governo), distanciando-se |

das instituições/estruturas sociais mais rígidas (Figueiredo, 1995).

Liberdade - Sentimento pessoal associado à “ausência de valores comunitários ou extramundanos” (Rüdiger, 1995), vinculado às sensações de alegria, prazer e satisfação pessoal de acordo com as nossas próprias leis e vontades.

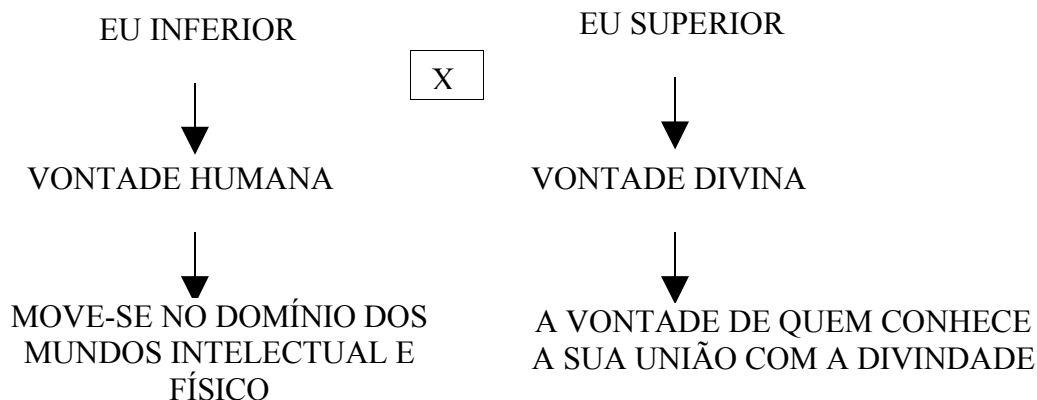
Começaremos então a analisar essas categorias a partir da interpretação das relações entre este mundo físico, social, concreto, vivido, visível e o outro mundo espiritual, divino, superior e invisível, que atravessa as formas de pensar e fazer do cotidiano das atividades físicas esportivas nos espaços públicos.

4.1 Dimensão reflexiva das práticas

“O mundo é bonito e a gente não sabe agradecer o que tem”.

A pessoa que vive a vida sem prestar atenção ao mundo que está ao seu redor, na percepção de quem pratica atividades físicas na rua, está presa à sua condição (humana) cotidiana e precisa parar para observar, através de formas contemplativas e reflexivas, a “beleza” e a “força” que o mundo tem. A pessoa, através da reflexão, deve olhar para além desse mundo “visível” e perceber que “há uma força maior que nos cria”, que “dá tudo isso a gente aí”, e, que antes de tudo, possibilita a existência dos próprios indivíduos.

Esse processo de reflexão pode ser melhor compreendido através da oposição entre o “eu inferior” e o “eu superior”, que adequamos da interpretação de Figueiredo (1995: 223), e apresentamos na página seguinte.



Diante desta visão, há um entendimento de que o indivíduo precisa simbolicamente “sair” deste mundo, através de exercícios de meditação, oração ou reflexão durante as atividades físicas esportivas na rua, para poder ter esse contato com o mundo invisível, com o mundo superior, numa dimensão divina. A concentração em torno dos atributos naturais que configuram as áreas onde as práticas de atividades físicas se desenvolvem, é percebida enquanto uma corrente que une os dois mundos físico e metafísico. Através deste processo, na percepção de muitas pessoas, é possível reconhecer a presença de uma força superior que “*rege todas as coisas do mundo*”, como relata um dos nossos informantes:

“Você olha o mar, olha para cima [para o céu], você está em contato com o espírito de luz. Está em contato com Deus. Então tudo isso que você faz, Deus está presente”. (Informante do sexo masculino, 40 anos, Jardim de Alá).

Para alcançar a consciência do ‘eu superior’, enfatiza Figueiredo (1995, p.230), o melhor exercício que os sistemas de auto-ajuda indicam é o exercício da meditação. O distanciamento por alguns instantes do mundo social, através da meditação e da oração, é simbolizado como o momento em que você “*não pensa em nada*”, se afasta da vida “*estressada*” [da cidade], a fim de alcançar um “*equilíbrio interior*” e ter um contato com a “*força divina que nos cria*” e “*rege o mundo*”, ou seja, Deus.

O caminho para se alcançar esse “mundo invisível”, “superior” é a conquista da “paz interior” que você consegue atingir, no entendimento de muitos praticantes, no momento que

você, mesmo vivendo e participando deste mundo, procurar no seu “eu”, no seu “interior”, a força, a energia que está conectada a Deus.

“Você entra em um certo equilíbrio (...). Você tando bem interiormente, já é uma ligação com alguma superior porque eu acho que você tá em paz consigo mesmo”. (Informante do sexo feminino, 34 anos, Dique do Tororó).

“Eu acho que tudo faz parte desse mundo invisível, dessa força invisível que existe e que você tem que crer que essa força é uma força que tem que tá dentro de você” (Informante do sexo masculino, 40 anos, Jardim de Alá).

Essa força superior que está “dentro de cada pessoa” pode ser percebida também como um sinal transmitido através do corpo, indicando a necessidade de uma maior atenção e autocuidado, como foi percebido por este informante Adventista do Sétimo Dia:

“Senti-me tocado por Deus para melhor me organizar em termos físicos. Procurei o médico, estava fraco em termos de preparo físico (...). Estava com o colesterol alto e o triglicérides também (...). É uma questão espiritual. Então você sente a influência de Deus em termos de orientação e aí você pára, você analisa e vê como é que está sua vida” (Informante do sexo masculino, 57 anos, Dique do Tororó).

O universo das práticas de atividades físicas na rua, associado à sua dimensão reflexiva, é compreendido, também, como espaço privilegiado para avaliação e programação da vida, da resolução de problemas de ordem física, emocional, espiritual. É o espaço, como alguns argumentam, em que se torna viável uma intimidade maior das pessoas consigo próprias e com Deus.

“Aqui a gente consegue conversar com Deus andando. A gente discute com a gente mesmo e eu discuto muito com Ele também. Porque tem certas coisas que eu não aceito que ocorrem e... discuto, acho, e brigo com Ele prá mostrar que eu acho que ele está errado e que certo estou eu, e assim a gente vai levando a vida” (Informante do sexo masculino, 63 anos, Barra).

Mas esse contato entre o mundo interior e o mundo superior, só pode ser realizado por meio da prática de atividades físicas solitárias. Esse é um dos principais motivos que justificam a escolha pela prática sem parceiros, porque quando a *“pessoa anda só”* - justificam, tem tempo suficiente para meditar, pensar, discutir consigo mesmo, pra avaliar a vida.

O resultado alcançado com as práticas a partir desta postura reflexiva está associado a uma visão da prática num sentido terapêutico, na qual se compreende que *“quando você está de bem com você mesmo”*, você consegue controlar a ansiedade, o estresse, a raiva (seus estímulos); consegue desenvolver uma *“confiança em si próprio”*; se tornar mais sensível aos elementos da natureza, *“ficando mais em sintonia com ela”*; consegue fazer com que *“a energia flua mais livremente pelo corpo”*, sendo este fluxo de energia reconhecido por algumas pessoas como um dos mais importantes elementos no desbloqueio dos órgãos e na prevenção e eliminação de doenças, tendo como referência o modelo de prevenção e cura da cultura oriental.

4.2 Dimensão terapêutica das práticas

“A origem das doenças está no emocional”.

São várias as referências às funções terapêuticas e preventivas das atividades físicas presentes nos diferentes discursos racionalizadores construídos pelos praticantes. De modo geral as atividades em áreas públicas são compreendidas como um *“grande laboratório”*, onde se pode *“cuidar do corpo, da mente e do espírito”*. Elas podem ter uma função preventiva, como questão de necessidade básica na vida (*“é uma água que meu corpo não vive sem essa água”*), referindo-se à necessidade básica do homem de movimento corporal.

Podem, também, ter uma função de cura, na medida que é por várias pessoas, constantemente comparada a um “*remédio natural*”, mas de um tipo personalizado (“é um *remédio seu, uma coisa particularmente sua*”), onde a dose, a intensidade e a frequência se adaptam às necessidades, aos problemas, interesses e preferências de cada um.

Atividades como a caminhada e a corrida são freqüentemente associadas entre os praticantes a um processo terapêutico na resolução de problemas de ordem psíquico-emocional, afetivo e social. A corrida e a ginástica, mais do que a caminhada, estão ligadas à idéia de uma “*descarga de energia*” (apresentada no capítulo anterior), uma função anti-estressante. A caminhada, por sua vez, conectada ao mecanismo de reflexão e de oração, vai ter uma função anti-depressiva e anti-estressante.

“Eu acho que as pessoas que estão com depressão, que estão assim desencantada com alguma coisa, eu acho que é uma saída, a caminhada (...). Eu acho que a gente começa a ver a vida de outra forma” (Informante do sexo feminino, 48 anos, Barra).

O valor terapêutico das atividades físicas na rua sobre a dimensão psíquica, está interconectada às sensações de “leveza” e “relaxamento” da mente, bem como ao desenvolvimento e à melhora da auto-estima:

“Eu acho que a caminhada mudou a minha vida. Em termos assim de passar a gostar mais de mim, a me sentir assim mais solta, eu era muito tímida (...), e eu faço da caminhada um prazer, uma coisa que prá mim é extremamente prazerosa e eu acho que ela mudou a minha vida para melhor, porque eu sou mais feliz com a caminhada, eu me sinto mais pronta, mais preparada, mais feliz para enfrentar o dia. Eu durmo pensando: - pôxa, amanhã eu vou caminhar!” (Informante do sexo feminino, 48 anos, Barra).

Vale destacar que as funções terapêuticas dessas atividades só podem ser atingidas quando se obedecem alguns critérios básicos na seguinte seqüência hierárquica:

- 1) a pessoa “*tem que gostar de si, tem que se amar*”. Esse sentimento que a pessoa tem sobre si mesma é que vai determinar o auto-cuidado, a auto-ajuda;
- 2) as atividades físicas precisam ser feitas “*com prazer*”. As pessoas precisam gostar delas para poder fazer. Não adianta o médico (ou qualquer outro profissional da saúde) mandar se a pessoa não sente prazer em fazê-las;
- 3) a pessoa precisa ter “*consciência*”, “*força de vontade*” e “*disciplina*”. Ela precisa “*se preocupar com a sua saúde (orgânica) e com o seu interior (com seu “eu”)*”;
- 4) a pessoa deve estar atenta aos sinais transmitidos pelo corpo (seus limites), pois é ele quem vai guiar essas atividades (sua intensidade, volume etc.);
- 5) as atividades devem fazer parte de um conjunto de ações e hábitos dentro de um “*estilo de vida saudável*”: não beber, não fumar, não usar drogas ilícitas, ter uma boa alimentação etc.;
- 6) as pessoas não devem se preocupar com a opinião dos outros sobre o que você está fazendo. Só interessa a você, “*o que você pode ou quer fazer*”.

Considerando esses critérios, “*a competição*”, “*a prática desenfreada*” e a “*busca excessiva da forma física*” foram condenadas por muitos, mais entre as mulheres do que os homens, e mais entre os adultos e idosos do que entre os adolescentes. Para muitas pessoas, “*esse é o lado negativo das práticas*”, na medida que sua função terapêutica somente poderá ser alcançada se cada um “*respeitar o seu limite*”.

Os significados terapêuticos atribuídos às atividades físicas na rua nos dão mais algumas pistas da sua interconexão com os sistemas de auto-ajuda. Estes sistemas, fortalecidos principalmente a partir das idéias divulgadas pela literatura sobre o tema, na década de 80, situam na dimensão psicofísica dos indivíduos as causas (origem) e as curas dos seus problemas. A crença que os defensores desses sistemas constroem é que existe uma salvação e uma felicidade plena, que mesmo intermediadas pelo mundo social, devem ser

buscadas no “eu” de cada indivíduo. A atenção se direciona no sentido das ações, dos pensamentos, e das atitudes individuais adotadas diante da vida na perspectiva desta salvação e felicidade.

O “*cuidar do corpo e da alma*”, tão presente nos diferentes discursos das diferentes pessoas que praticam atividades físicas nas áreas investigadas tem indícios de uma realização plena. Nesta busca de auto-realização, os sistemas de auto-ajuda, segundo Rüdiger (1995), se propõem a “*capacitar o indivíduo a se apropriar da própria vida através do cultivo moral da consciência e do cumprimento dos deveres para consigo mesmo*” (1995, p.62-63).

O ponto de partida para o projeto de auto-realização surge da “*noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher*”, e representa uma tendência expressa “*nos ideais românticos do século XIX*” (VELHO, 1987, p.24). No entanto, como afirma o próprio Velho (1987), deve-se perceber dentro dos diferentes segmentos de uma sociedade complexa, quais são “*os temas valorizados*” e as “*escalas de valores particulares*” (idem, p.21), no sentido de que “*em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais dominantes*” (idem, p.27). Complementa o autor, “*o processo de individualização não se dá fora de normas e padrões, por mais que a liberdade individual possa ser valorizada*” (idem, p.25).

Parâmetros morais, nesse sentido, ao colocarem o indivíduo na dependência de um sistema de valor terapêutico, estão sempre induzindo que as nossas ações, nas suas mais variadas dimensões (bio-psico-sócio-culturais), devem ter como pré-requisito a solução de problemas individuais, dentre eles, encontram-se: a ausência de perspectivas (pessoais) futuras; a infinita superação de si (físico-mental); a melhoria da condição corporal em suas múltiplas características (físico-sexuais-mentais-produtivas e reprodutivas,...); e, acima de tudo, o domínio sobre as desordens psíquico-afetivas e espirituais. Enfim, são parâmetros que colocam o ser humano numa busca pelo seu “completo bem estar”, através do controle das doenças e da conquista do seu objetivo único de auto-realização na vida.

E, mesmo que o cumprimento do dever que o homem se impõe dentro desses parâmetros individualistas, esteja diretamente ligado ao desempenho de ações legitimadas moralmente por uma determinada comunidade, seu sentido não se encontra num projeto coletivo. O caráter é desenvolvido moralmente, sempre em benefício próprio. É algo feito individualmente e baseia-se apenas na força de vontade aplicada aos hábitos (RÜDIGER, 1995, p.245).

Diante disso, imaginamos que algumas reflexões precisam ser feitas acerca das respostas que o ser humano tem buscado para superar os conflitos gerados e sustentados por uma cultura na qual o indivíduo é o valor supremo. Essas reflexões podem partir da análise dos significados de uma ideologia que se baseia na superação e otimização da saúde no âmbito individual como objetivo primordial à auto-realização; e também, a consequência conflitante dessa ideologia, propagada de forma generalizada a partir de modelos dominantes, sobre grupos de pessoas de realidades tão diferentes.

Considerações finais

O esforço desenvolvido nesta pesquisa foi de fazer uso dos recursos teórico-metodológicos da Antropologia com a finalidade de realizar uma etnografia restrita que nos permitisse caracterizar, bem como, compreender e explicar os comportamentos concretos, as concepções e os significados das práticas de atividades físicas esportivas em espaços públicos em Salvador, ao tempo em que buscávamos identificar como esses são relacionados ao processo saúde-doença pelos praticantes.

A abordagem teórico-metodológica fundamentada na Antropologia, que tomou como referencial o modelo de análise etnocrítica, “*conectando o universo semântico de signos, significados e práticas (...) com a dinâmica social*” dos grupos estudados, “*com seus códigos culturais centrais*” (BIBEAU e CORIN, 1995, p.49, tradução nossa), pareceu-nos adequada para a investigação proposta, na medida que através desta foi possível perceber o modo pelo qual as pessoas produzem e reproduzem no seu cotidiano suas práticas e concepções sociais, recheadas de significados, próprios do contexto no qual se encontram inseridas. Esse tipo de abordagem levou-nos a aprofundar questões diversas e complexas, constituídas pelos signos e significados relacionados às atividades físicas esportivas, permitindo considerar a concepção de pessoa como *sujeito coletivo*, como forma de dispositivo analítico. Este é um aspecto que tem sido pouco investigado na relação entre atividade física e saúde (CARVALHO, 2001), nos estudos biomédicos sobre o tema, prevalecendo nestes uma abordagem sobre o sujeito “*sempre perdida ou projetada*” em instituições sociais (idem, 2001, p.10-11).

O uso da etnografia sugeriu que a percepção do processo saúde-doença, na relação com as atividades físicas esportivas, deve ser enriquecida pela articulação direta de numerosos aspectos de vida social e compreendida como objeto de tratamentos simbólicos, os quais

precisam ser lidos sobre o “*pano de fundo da concepção de mundo e do sistema de representações que prevalece na cultura estudada*” (BIBEAU, 1992, p.20, tradução nossa).

Por essas questões, reconhecemos a grande relevância da contribuição dos estudos antropológicos na construção de novos pressupostos teórico-metodológicos para tratar, através de uma reflexão mais ampla e profunda, de uma realidade significativa nas sociedades urbanas contemporâneas que é a relação entre corpo, atividade física, esporte e saúde. Esses pressupostos sócio-antropológicos nos permitiram constituir a base para uma reflexão sobre o modelo de investigação científica hegemônico, que historicamente tem fundamentado os trabalhos na área, possibilitando o contato com diferentes modelos.

Um dos modelos de análise que o estudo utilizou para refletir sobre a relação entre corpo, atividade física esportiva e a saúde, retomou a discussão sobre as questões relacionadas ao ambiente urbano, arquitetura e urbanismo no planejamento das cidades para situar o contexto de estudo como constituído pela cidade. Através destes recursos identificamos algumas redes sócio-culturais que configuram as formas de convivência e a organização na cidade, representada pelos espaços das práticas de atividades físicas esportivas, que não devem ser vistos como isolados ou estanques, mas, ao contrário, são espaços que fazem parte das construções coletivas da população e, particularmente, daqueles que os vêem fazer uso dos mesmos com finalidades lúdica, esportiva, ritual, estética etc.

Em nossa análise acentuamos a importância de se observar a interação corpo/espaço nos estudos sobre atividades físicas esportivas. Constatamos que o processo de adesão às práticas dessas atividades em áreas públicas urbanas, nos últimos anos, não pode ser explicado, exclusivamente, pelas intervenções urbanísticas realizadas nestes espaços, já que o uso das três áreas estudadas antecede às intervenções com esta finalidade. As respostas encontradas no campo nos revelam que a adesão às atividades físicas esportivas em áreas livres se interrelaciona, mais profundamente, com a percepção que se tem sobre o processo de troca das pessoas entre si e com o meio ambiente, em uma visão mais integrada.

Os dados analisados demonstram que a apropriação dos espaços públicos para a prática dessas atividades físicas esportivas decorrem inicialmente do uso sistemático da população (que reside próximo aos espaços), seguida de um processo de adequação dos espaços para esta finalidade, realizado pelos poderes públicos. Esta apropriação dos espaços, pelo que os dados indicam, vincula-se a vários aspectos, tais como: primeiro, à valorização dos seus atributos naturais e paisagísticos, na perspectiva da valorização das “áreas verdes” urbanas; segundo, às características de acesso e uso por serem áreas públicas, abertas, em contraposição com as academias de ginástica (espaços fechados, privados), que permitem total acessibilidade, possibilitando maior autonomia e liberdade das pessoas na construção das suas práticas; terceiro, a um novo modo de sociabilidade urbana, na qual as pessoas passam a desenvolver elos de amizade e convivência a partir das práticas de atividades físicas esportivas, destacando-se, principalmente, aquelas realizadas de forma coletiva (em grandes grupos). Esta sociabilidade espontânea de alguma maneira articula fatores como intimidade e afinidades das pessoas entre si e com os espaços.

Esses dados indicam que mesmo as pessoas reconhecendo que existem espaços estruturalmente mais adequados para as práticas (e algumas são frequentados paralelamente, inclusive espaços privados), ainda assim, preferem manter o uso dos espaços públicos para as práticas de atividades físicas esportivas, por conta de alguns valores encontrados nessa experiência, tais como a liberdade, a autonomia e a flexibilidade; e alguns sentimentos como prazer, alegria e satisfação.

Um outro modelo de análise adotado no estudo envolveu, mais detalhadamente, a relação corpo, atividade física esportiva e saúde, através da consideração dos processos coletivos e das trajetórias individuais dos praticantes de atividades físicas em espaços públicos, a partir da observação dos comportamentos e da interpretação das narrativas, tendo em vista a análise dos aspectos motivacionais, os objetivos e a importância dessas atividades na vida dessas pessoas. Nesta análise, buscamos compreender de que forma as pessoas

interpretam suas experiências e definem suas ações, ligando estas ao contexto sócio-cultural que estão inseridas. Procuramos demonstrar, através da abordagem dialógica no encontro de interlocutores (BIBEAU, 1997), as diferenças e as similaridades dos comportamentos e das percepções relacionadas ao corpo, atividade físicas, esporte e saúde, segundo as categorias de gênero e fases da vida.

Os dados obtidos através desta abordagem nos revelaram que, de modo geral, tanto entre os homens como entre as mulheres, jovens, adultos ou idosos, as motivações e os objetivos das práticas se relacionam com as categorias de “manter a forma”, “manter a saúde”, “prolongar a juventude”, garantindo um envelhecimento mais ativo, a partir do controle das “limitações corpóreas” associadas ao envelhecimento e à doença. Essas motivações integram o discurso hegemônico na sociedade em torno da relação causa e efeito (positivo) entre a prática de atividades físicas esportivas e a manutenção da “boa forma” (corporal), da juventude e da saúde.

A análise em torno das trajetórias individuais permitiu perceber que as categorias acima identificadas estão mais diretamente relacionadas com as experiências corporais da pessoa; com a observação dos sinais transmitidos pelo corpo; com elementos diferenciais ligados ao gênero masculino e feminino; com a mudança de interesses e de projetos de vida relacionados às estratégias de enfrentamento dos problemas já vivenciados em diferentes fases da vida. Observamos também, que essas trajetórias se direcionam na busca de um ideal de equilíbrio entre corpo-mente-natureza, relacionando-se com uma visão que as pessoas têm das práticas corporais mais integradas à natureza.

A partir desse ideal de equilíbrio acima mencionado, destacamos a percepção das pessoas de que as práticas de atividades físicas em espaços públicos são aquelas mais adequadas para o desenvolvimento da sensibilidade, perdida no ambiente urbano rígido, e para o exercício da reflexão. Através desta última categoria, entendemos que as ações e percepções presentes nas diferentes trajetórias individuais podem ser compreendidas numa interrelação

com a ideologia individualista e os sistemas de auto-ajuda no contexto da sociedade contemporânea.

A motivação pelas práticas de atividades físicas esportivas em espaços públicos, sinteticamente está associada às idéias: a) da flexibilidade (“não rigidez”), que possibilita que cada um definir quando, como (a intensidade e a forma) e onde fazer; b) da prática ideal, à medida que “qualquer pessoa pode fazer”, “o médico indica”, “é fácil” e “leve”; c) da prática prazerosa, sensitiva, pois ela é em contato com a natureza. O corpo percebe o ambiente através do verde, da brisa do mar, do ar puro...; d) da completude, já que ela é capaz de “integrar corpo-mente”, “homem-natureza”. Ela permite a pessoa pensar, meditar, relaxar ao mesmo tempo em que está se movimentando.

A configuração das práticas, a partir destas categorias (flexibilidade, equilíbrio, sensibilidade, reflexão etc.), indica que as adesões mais recentes à prática de atividades físicas esportivas em espaços públicos têm se deslocado de um modelo mais coletivo, formalmente organizado, institucionalmente mais rígido (como os primeiros grupos de corrida na rua, predominantemente masculinos) para uma forma mais individualizada, espontânea, aberta e heterogênea.

A partir da constatação da configuração das práticas associada às idéias de flexibilidade, equilíbrio, reflexão, autonomia e liberdade, conduzimos a análise a partir de um modelo interpretativo da Antropologia Cultural (baseada em Dumont), com alguns elementos de Psicologia Social (tratados por Figueiredo e Rüdiger como cultura de massa). Nossa intenção foi a de realizar uma interpretação dessas categorias na interconexão com a ideologia individualista e os sistemas de auto-ajuda.

Mesmo considerando que de fato essas pessoas não estão de posse de uma autonomia completa, necessariamente gerando “*símbolos exclusivos e aspirações que norteiam suas estratégias de vida e decisões existenciais*” (VELHO, 1973, p.87), verificamos nos seus relatos que elas se consideram atores, isto é, os principais responsáveis pela sua vida. Mais

ainda, constatamos que essa maneira de entender encontra-se intimamente ligado aos elementos que constituem os sistemas de auto-ajuda. Esses sistemas, por sua vez, estão conectados ao desenvolvimento de idéias e valores sobre os indivíduos, integrados a uma rede de significados, em que e “*a ausência de valores extramundanos ou comunitários*” (RÜDIGER, 1995) cede, progressivamente, à crença da auto-realização a partir da auto-ajuda.

Os significados terapêuticos, freqüentemente atribuídos às atividades físicas esportivas em espaços públicos, confirmam a crença divulgada pelos sistemas de auto-ajuda de que existe uma salvação e uma felicidade plena. A idéia preponderante é que essa felicidade deve ser buscada no “interior” de cada indivíduo, no seu “eu”. Diante desta crença, as trajetórias individuais se direcionam no sentido da adoção de ações, pensamentos e atitudes diante da vida na perspectiva de uma salvação e felicidade.

Um dos indícios desta realização plena traduz-se na idéia de “*cuidar do corpo e da alma*”, tão presente nos discursos das diferentes pessoas que praticam atividades físicas nos espaços públicos que estudamos. Estes espaços, por seus ricos atributos naturais e paisagísticos, são avaliadas como o melhor laboratório no que se refere ao cuidado com o corpo e com a alma. Sobre o primeiro, devido à reconquista da sensibilidade perdida no ambiente urbano; sobre o segundo, por conta desses espaços permitirem a reflexão individual.

O caráter terapêutico das atividades físicas esportivas em espaços públicos, associado a uma dimensão psíquico-espiritual e a uma crença de auto-realização, se revela como um dos principais elementos que justificam a inserção das pessoas nessas atividades, a partir de um modelo mais individualizado. Essa constatação nos impõe uma atenção sobre o dinamismo das práticas de atividades físicas esportivas na rua, na observância da evolução dos processos coletivos e das trajetórias individuais, ressaltando uma mudança de perspectiva de um modelo mais institucional e rígido socialmente, para um modelo mais individualizante e flexível.

Acreditamos que as propostas e análises realizadas neste estudo servirão para aprofundamentos futuros sobre a utilização de modelos teórico-metodológicos baseados na

Antropologia, especificamente, no uso da etnografia como método de investigação no campo da educação física, esportes e lazer.

Muitas questões trazidas na utilização deste modelo de investigação no estudo dos signos e significados das atividades físicas esportivas e sua importância no processo saúde-doença, apontam para a necessidade de considerar mais detalhadamente algumas categorias de análise, comparando-se grupos, atividades e espaços, social e culturalmente bem delimitados. Ao considerar esses critérios, percebemos que o dinamismo de categorias de análise na relação entre corpo, atividade física esportiva e saúde sofre influência de idéias, valores, atitudes, sentimentos, experiências de vida das pessoas individualmente. E estas estão, de modo coletivo, (re) construindo concepções e práticas socialmente referenciadas.

Por essas questões acima mencionadas, é fundamental desvelar o dinamismo de concepções e práticas de atividade física e saúde em cada grupo, que em outros estudos pode se referir a usuários de academias de ginástica (popular ou de elite), estudantes (nos diferentes níveis de ensino da rede pública e privada), atletas profissionais e amadores, membros de clubes esportivos e recreativos, trabalhadores que realizam ginástica laboral, entre outros.

Só percebendo a relação homem-meio, e extrapolando o entendimento naturalizado e fragmentado da saúde-doença, conseguiremos ampliar as intervenções no campo das atividades físicas esportivas em saúde, favorecendo uma visão sobre esse campo de conhecimento de forma mais sintonizada com as questões emergentes da sociedade. Isto significa reconhecer que não só os aspectos racionais, políticos ou economicamente significantes na sociedade determinam a construção e a interpretação da realidade. Mas, sim, a defesa de uma visão sobre o tema que considere também os atores sociais em sua capacidade crítica, reflexiva, criativa relacionada às suas experiências cotidianas, sentimentos e emoções.

Neste sentido um dos propósitos mais relevantes do presente estudo foi destacar a importante contribuição do uso da etnografia, particularmente da proposta etnocrítica, na análise da relação entre corpo, atividade física esportiva e saúde, num processo de

compreensão mais denso e aprofundado do que as abordagens tradicionais nas ciências biomédicas, que se centram nos mecanismos biofisiológicos aos invés de enfatizarem os comportamentos das pessoas e seus significados para melhor compreender as razões que as levam a praticarem atividades físicas esportivas. Talvez não tenhamos dado conta da complexidade de tratamento exigida pelos corpus de pesquisa que coletamos e organizamos, contudo, estamos convictas de que o trabalho que ora finalizamos representa uma contribuição genuína para a interpretação de uma realidade tão significativa para as pessoas em nossa sociedade.

Referências

ALMEIDA FILHO, N. M. de. Epistemologia, pragmatismo y realismo científico. In. _____. **La ciencia tímida** (Ensayos de desconstrucción de la Epidemiología). Buenos Aires: Lugar Editorial, 2000.

ALMEIDA, M. A. de. A atividade física na prevenção das doenças degenerativas: sua importância na situação demográfica brasileira. **Synopsis**, Curitiba, UFPR, Departamento de Educação Física, v. 6, n.6, p.38-49, 1995.

ALVES, P. C., RABELO, M. C. **Antropologia da saúde**. Rio de Janeiro: Dumará, 1998.

BAHIA. Órgão Central de Planejamento. Orla da Barra à Amaralina: proposta de diretrizes urbanísticas da ocupação. Prefeitura Municipal de Salvador. Salvador, 1981.

BAHIA. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado da Bahia. CONDER - Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador . **Plano diretor do Parque Metropolitano de Pituacu**. Salvador, 1978, 74 p.

BAHIA. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado da Bahia. CONDER - Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador. Prefeitura Municipal de Salvador. Bahiatursa. Projeto valorização orla marítima Salvador. **Projeto Orla**. Textos versão 3. Salvador, 1984 [s.p.].

BAHIA. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado da Bahia. CONDER - Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador. Instituto Pró Natura. **Desenvolvimento sustentado do Parque de Pituacu**: uma proposta de viabilização ambiental, social e econômica. Salvador, 1996a. 22p.

BAHIA. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado da Bahia. CONDER - Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador. **Projeto de recuperação ambiental e equipamentos de lazer – Dique do Tororó e seu entorno**: plano executivo das margens do espelho d'água. Salvador, 1996b [s.p.].

BAHIA. Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado da Bahia. CONDER - Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador. **Estratégia de intervenção para o Parque de Pituacu**. Salvador, 1988. 20p.

BARBANTI, V. J. **Aptidão física**: um convite à saúde. São Paulo: Manole, 1990.

BARTHES, R. **S/Z**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1992.

BASSIL, A. Z. O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade. In DEBERT, G. G.; e GOLDESTEIN, D. M. **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Sumaré, 2000:217-234.

BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. **A construção da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BERLINGUER, G. **Questões de vida**: ética, ciência e saúde. São Paulo: Hucitec, 1993.

BIBEAU, G., CORIN, E. From submission to the text to interpretative violence. In BIBEAU, G.; CORRIN, E. (Org.) **Beyond textuality**: ascetism and violence in anthropological interpretation. Berlin: Mouton the Gruyter, 1995, p.03-54.

BIBEAU, G. ¿Hay una enfermedad en las américas? Outro caminho de la antropologia médica para nuestro tiempo. VI Congresso de Antropología en Colombia. Universidad de los Andes. Santa Fé de Bogotá, 1992. Simpósio “Cultura de la salud en la construcción de las américas.

_____. **Regras para uma leitura etnocrítica das narrativas**. Apontamentos de aula. Instituto de Saúde Coletiva - UFBA, Salvador, 1997a.

_____. At work in the field of public health: the abuse of rationality. **Medical anthropology Quartely**, 1997b, v.11, n.2, p. 246-255.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. **Educação e realidade**, v. 20, n.2, 1995: 133-184.

_____. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CÂMARA, M. P. de Arruda. Os construtores do discurso sobre a cidade invisível. **Projeto Quem Faz Salvador**. Paulo Costa Lima et al (Coordenador). Ana Maria de Carvalho Luz et al (Concepção/organização do livro). Salvador: UFBA, 2002.

CANESQUI, A. M. et al. **Ciências sociais e saúde**. São Paulo: Hucitec, 1997.

CARVALHO, A. I. de. Da saúde pública às políticas saudáveis: saúde e cidadania na pós-modernidade. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, 1996, v.1, n.1, p.104-119.

CARVALHO, Y. M. de C. **O mito da atividade física e saúde**. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. Atividade física e saúde: onde está e quem é o “sujeito” da relação? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2001, v.22, n.2, p.9-21.

CASAL, A. Y. A hermenêutica como teoria e como método. In _____. **Para um epistemologia do discurso e da prática antropológica**. Lisboa: Cosmos, 1996.

CASPERSEN, C. J., POWEL, K.E., CHRISTENSON, G. M. Physical activity, exercise and physical fitness. **Public Health Reports**, 1985, v.100, n.2, p.126-131.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física: a história que não se conta**. São Paulo: Papyrus, 1988.

CHAGAS, E. Educação física: escola de... formação do corpo feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. 1994, v.15, n.3, p.253-264.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**. Cambridge: Havard University Press, 1994.

COOPER, K. H. O programa aeróbico para o bem estar total: exercícios, dieta e equilíbrio emocional. 4ª ed., Rio de Janeiro: Nórdica, 1982.

_____. Correndo sem medo. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nórdica, 1987.

COURTINE, Jeans-Jaques. Os Stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In SANT'ANNA, D. B. de (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Liberdade, 1995.

CORDEIRO, H. de A. O conceito de necessidades de saúde e as políticas sanitárias. In: AMÂNCIO FILHO, A.; MOREIRA, M. C. G. B. (Org.). **Saúde, trabalho e formação profissional**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p.41-64.

COSTA, L A. M. A cidade luz: uma cidade-jardim na cidade de Salvador? Howard. Sitte e Sampaio na Bahia do início do século. **Sinopses**: São Paulo, n.34, dez-2000: 50-66. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

CRESPO, Jorge. **A história do corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

DAMATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DE BRUYNE, P., HERMAN, J. & SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

DEBERT, G. G. E GOLDESTEIN, D. M. **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Sumaré, 2000.

DEBERT, G. G. Gênero em gerações. **Cadernos PAGU**, v.13, 1999.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

DOMINGUES, J. M. **Sociologia e modernidade**: para entender a sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1986, p.141-158.

DUARTE, L. F. D. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

DUMONT, L. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

EATON, B. C. et al. Physical activity, physical fitness, and coronary heart disease. **Circulation**, 1995, v.36, p.609-611.

EDERSON, Tim. Walking in the British Countryside: reflexivity, embodied practices and ways to escape. **Body & Society**, 2000, p.81-106.

EMERSON, R. M.; FRETZ, R. I.; SHAW, L. L. Fieldnotes in Ethnographic Research. In _____. **Writing Ethnographic Fieldnotes**. Chicago: The University of Chicago Press.

FALEIROS, V. P. **A política social do estado capitalista**: as funções sociais da previdência e assistência sociais. São Paulo: Cortez, 1987.

FEATHERSTONE, M. e HEPWORTH, M. Envelhecimento, tecnologia e o curso da vida incorporado. In DEBERT, G.; GOLDESTEIN, D. M. (Org.). **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Sumaré, 2000, p. 109-131.

FIGUEIREDO, F. Pessoas, sujeito meros indivíduos: desencontros e passagens no Brasil contemporâneo. In _____. **Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos**. São Paulo: Escuta, 1995, p.17-41.

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In SANT'ANNA, D. B. de (Org.). **Políticas do corpo**. Elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 69-80.

FOUCAULT, M. Direito de morte e poder sobre a vida. In _____. **História da sexualidade I** – a vontade de saber. 6ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FREITAS, F. M. de C.. **A miséria da educação física**. Campinas: Papirus, 1991.

FURTADO, E. S. Atividade física na perspectiva da cultura e da qualidade de vida do idoso. **Congresso Mundial de Educação Física, AIESEP**, 1997. Rio de Janeiro: Memórias do Congresso Mundial de Educação Física, Editora da Universidade Gama Filho, 1998.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.64-89.

GEERTZ, C. Uma interpretação densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 278-321.

_____. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In _____. **Saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1998, p.85,107.

GOBBI, S. Atividade física para pessoas idosas e recomendações da Organização Mundial de Saúde de 1996. **Revista Brasileira de atividade física e saúde**, 1997, v. 2, n.2, p. 41-49.

GOLDENBERG, M. **Nu e vestido**. Dez antropólogos revelam a cultura de corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOLDENBERG, M. e RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu e vestido**. Dez antropólogos revelam a cultura de corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19-40.

GONÇALVES, A., MONTEIRO, H. L. Salud y actividad física: evolucion de las principales concepciones y practicas. **Ciências de la Actividad Física**, v.2, n.3, p.33-45, enero/junio, 1994.

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. **Exercício físico na promoção da saúde**. Londrina: Midiograf, 1995.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo: Loyola, 1988.

HEILBORN, M. L. Genêro e hierarquia: a costela de Adão revisitada. **Estudos Feministas**, n.1, 1993, p. 50-82.

HELAL, R. **o que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

INSTITUTO DE PESQUISA E ANÁLISE SOCIAL E ECONÔMICA LTDA. **Região Administrativa 6** – RA-6. Salvador, julho, 1993.

JORNADA GAÚCHA “Corpo e relações de gênero na contemporaneidade”, 1., 2002. Porto Alegre. Resumos... Porto Alegre: PUCRS/UFRGS, 2002.

KLEINMAN, A. Concepts and a model for the comparison of medical systems as cultural systems. **Society, Science and Medicine**, 1978, v.12, p.85-93.

_____. The new wave of ethnographies in medical anthropology. In _____. **Writing at the margin: discourse between anthropology and medicine**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1995, p.193-256.

KRÜGER, H. A cultura física sob a perspectiva dos idosos. **Congresso Mundial de Educação Física**, AIESEP, 1997. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1998, p.572.

LAPLANTINE, F. **Antropologia da doença**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LEAL, O. F. **Corpo e significado**: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1995.

LE BRETON, D. **La sociologie du corps**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

LEIRO, A. C. R. **Lazer e educação nos parques públicos de Salvador**: encontro de sujeitos em espaços de cidadania. Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, 2001. Dissertação de Mestrado.

LEPARGNEUR, R. **O doente, a doença e a morte**: valor cultural da vida e da morte. Campinas: Papirus, 1987.

LOUREIRO, R., DELLA FONTE, S. A ideologia da saúde e a educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 1997, v. 18, n.02, p.126-132.

MACEDO, S. S. **Quadro do paisagismo no Brasil**. São Paulo, 1999 [Coleção Quapá, v.1].

MACEDO, S. S., SAKATA, F. G. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002 [Coleção Quapá].

MANIFESTO DE SÃO PAULO PARA A PROMOÇÃO DA ATIVIDADE FÍSICA (versão preliminar). **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, 1998, p.76-77.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In _____. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Mauro X. B. de Almeida. São Paulo: Edu/Edusp, 1974, p.211-233.

MINAYO, M. C. De S., COIMBRA Jr. C. E. A . Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In MINAYO, M. C. de S.; COIMBRA JR., C. E. A (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, p. 37-50.

MINAYO, M. C. De S. Et al. O idoso sob o olhar do outro. In MINAYO, M. C. de S.; COIMBRA JR., C. E. A (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, p. 37-50.

MINAYO, M. C. de S., ALVES, P. C. **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 1992.

_____. Saúde e doença como expressão cultural. In AMÂNCIO FILHO, A.; MOREIRA, M. C. G. B. (Org.) **Saúde, trabalho e formação profissional**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p. 31-40.

MONTEIRO. F. D. **Parque de Lazer e de Esporte para Todos: uma investigação científica sobre o planejamento de um novo modelo na cidade de Santa Maria – RS**. Santa Maria-RS, 1982. Dissertação de Mestrado.

MOTTA, A. B. da. Envelhecimento e sentimento do corpo. In MINAYO, M. C. de S.; COIMBRA JR., C. E. A (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, p. 37-50.

MUMFORD, L. **A cultura das cidades**. Tradução de Neil R. da Silva. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961. 8 ed.

NIEMEYER, C. A. da C. A ascensão do lazer ativo nas sociedades urbano-industriais e a criação dos parques infantis em São Paulo. **Sinopses**: São Paulo, 2000, p. 9-19. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

NOGUEIRA, R. de C. C. **Dique do Tororó: propostas e intervenções em um espaço público**. Universidade Federal da Bahia, 2000. Dissertação de Mestrado.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. As formas do discurso. Campinas: Pontes, 1996.

PALMA, A. Educação física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2001, jan., v.22, n.2.

PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In VELHO, G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978: 26-67.

PELEGRINOTTI, Í. Atividade física e esporte: importância no contexto saúde do ser humano. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Londrina, v.3,n.1, p.22-28, 1998.

PITANGA, F. J. G. **Atividade física, exercício físico e saúde**. Salvador, 1998.

PLANO URBANÍSTICO DA BARRA. **Projeto recriar a Barra**. Centro de Planejamento Municipal (CPM). Gerência de Desenvolvimento Municipal (GEDEM). Prefeitura do Município do Salvador. Salvador, 1996.

POLLOCK, M. L., WILMORE, J. H., FOX, S. M. **Exercícios na saúde e na doença: Avaliação e prescrição para prevenção e reabilitação**. Rio de Janeiro: Medsi, 1986.

PONDÉ, M. **Lazer e saúde mental: uma abordagem semântica e pragmática no campo da saúde coletiva**. Instituto de Saúde Coletiva. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2000. Tese de Doutorado.

RÜDIGER, F. **Literatura de auto-ajuda e individualismo: Contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1995, p.237-252.

SAMPAIO, A. H. L. **Formas urbanas, cidade-real e cidade-ideal: contribuição ao estudo urbanístico de Salvador**: Quarteto Editora/PPG/AU, Faculdade de Arquitetura da UFBA, 1999.

_____. Cidade-ideal, imaginação e realidade. Salvador: **Revista Rua**, 1996, n.6, julho-dez., p.55.

SANT'ANNA, D. B. de., **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In SANT'ANNA D. B, de (Org.). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.121-139.

SANTOS, M. **O centro da cidade do Salvador**: estudo de geografia urbana. Universidade Federal da Bahia, Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

SARAIVA, M. do C. **Co-educação física e esportes**: quando a diferença é mito. Ijuí: Unijuí, 1999.

SARAIVA-KUNZ, M. do C. O gênero: confronto de culturas em aulas de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 1994, v.15, n.3, p.247-252.

SECRETARIA MUNICIPAL DO PLANEJAMENTO URBANO. Projeto de Valorização da Orla Marítima de Salvador. Programa Minter Nordeste. Salvador, 1984.

SENNET, R. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução de Marcos A. Reis. São Paulo: Record, 1997.

SERPA, A. **Urbana baianidade, baiana urbanidade**. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1998.

SERRA, O. Feições da cidade: breve reflexão à margem do programa Quem Faz Salvador. Programa quem faz Salvador. **Programa Quem Faz Salvador**. Paulo Costa Lima et al (Coordenador). Ana Maria de Carvalho Luz et al (Concepção/organização do livro). Salvador: UFBA, 2002.

SILVA, A. M. Corpo e diversidade cultural. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2001, v.23, n.1, p.87-98.

_____. Das práticas corporais ou porque “Narciso” se exercita. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 1996, v.17, n.3, p. 244-251.

_____. A deificação das aparências e a corporeidade: a questão da formação dos indivíduos na modernidade. **Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, v. 2, Goiânia, Outubro-1997, p.1564-1567.

_____. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo de felicidade. Campinas/Florianópolis: Autores Associados/EDUFSC, 2001.

SOARES, C. L. **Educação Física**: raízes européias e Brasil. Campinas, Cortez, 1994.

SOUZA, C. M. **Concepções de saúde em educação física na Bahia**. Feira de Santana. Universidade Estadual de Feira de Santana, 1999. Dissertação de Mestrado, 121 p.

SOUZA, F. de. A. mais nova opção de lazer da cidade. **A Tarde**, Salvador, 2 set., 1998.

TRIVIÑOS, A. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1994.

UCHÔA, E., FIRMO, J. O. A., LIMA-COSTA, M. F de. Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural. In MINAYO, M. C. de S.; COIMBRA JR., C. E. A. **Antropologia, saúde e envelhecimento** (Org.). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, p. 25-35.

UCHÔA, E., VIDAL, J. M. Antropologia médica: elementos conceituais e metodológicos para uma abordagem da saúde e da doença. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 1994, v.10, n. 4, p. 497-504.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

_____. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

WIRTH, L. Urbanismo como modo de vida. Tradução de Marina Corrêa Treuherz. In VELHO, G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978: 90-113.

XAVIER, C. Cidade saudável: uma filosofia e uma idéia. **Tema Cidades Saudáveis**. Programa Radis: reunião, análise e difusão de informações sobre saúde. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, n.19, maio/2000, p.3-5.

Jornais

A TARDE. “**Agita Mundo**” reuniu 5 mil em Salvador. Caderno Local, 08/04/2002, p. 5.

A TARDE. **Campanha Agita Mundo combate o sedentarismo**. Caderno 1, 07/04/2002, p.22.

A TARDE. **Barra sofre com degradação urbana**. Caderno 1, 13/07/2002, p.5.

A TARDE. **Costa Azul se afirma apesar das invasões.** Caderno Local, 27/01/2001, p.4.

A TARDE. **Stiep foi construído para a classe média.** Caderno Local, 06/10/2001, p.4.

A TARDE. **Alvorada comemora 24 anos de atividade.** Caderno de esporte. Salvador, 06/09/2000, p.4.

A TARDE. **Barra concentra “cartões-postais” da cidade.** Caderno Local, 06/03/1999, p.6.

A TARDE. **Moradores do Stiep vão “abraçar” a lagoa para preservar ecossistema.** Caderno 1, 14/08/1998, p.5

A TARDE. **Dique do Tororó: passeios bucólicos e um bom *cooper*.** Turismo. Salvador, 02/09/1998, p.8.

A TARDE. **Madruga.** Caderno de esportes. Salvador, 05/09/1997, p.3.

A TARDE. **Lavagem chama atenção par o Dique do Tororó.** Caderno 1, 08/01/1996, p.3.

A TARDE. **Corredores protestam abandono do Dique do Tororó.** Caderno 1, 02/05/1995, p.4.

A TARDE. **Pé de vento anda pelos três faróis.** Caderno de esportes. Salvador, 11/12/1995, p.2.

A TARDE. **Caminhada.** Caderno 1. Salvador, 11/05/1994, p.19.

A TARDE. **Grupo alvorada festejou 17 anos.** Caderno de esportes. Salvador, 25/09/1993, p.15.

A TARDE. **Turma do Orvalho.** Caderno 2. Salvador, 08/01/1992, p.6.

A TARDE. **Praticantes de jogging deixam Parque da cidade.** Caderno de esportes. Salvador, 05/10/1992.

A TARDE. **Velho morador diz que Tororó tem raízes negras.** Caderno 1, 28/12/1992, p. 5.

A TARDE. **Turma do Farol.** Caderno 2. Salvador, 15/02/1991, p.6.

A TARDE. **Caminhada ecológica defenderá as dunas.** Caderno 1. Salvador, 17/01/1988, p.5.

A TARDE. **Ciclistas x corredores.** Caderno 1. Salvador, 22/02/1987, p.15.

A TARDE. **Madruga encerra atividades.** Caderno 1, Salvador, 1986, p.15.

A TARDE. **Madruga paga promessa.** Caderno 1. Salvador, 27/12/1981, p.13.

A TARDE. **“Madruga” em cima da hora.** Caderno 1. Salvador, 20/05/1979, p.2.

BAHIA HOJE. **Barra começa a recuperar o seu encanto perdido.** Caderno 1, 12/01/1997, p.4.

BAHIA HOJE. **Beleza natural é ponto alto da Barra.** Caderno 1. 1996, p.8.

BAHIA HOJE. **Jardim de Alah.** Caderno Cidade da Bahia, 06/01/1994, p.13.

BAHIA HOJE. **Um oásis no centro.** Caderno 1, 29/03/1994, p.1.

CORREIO DA BAHIA. **Dique do Tororó:** associação ecológica mobiliza freqüentadores. Caderno 1. Salvador, 11/06/2000, p.7.

CORREIO DA BAHIA. **Calçadão vai ser ampliado na Barra.** Caderno Aqui Salvador, 19/07/1997, p.3.

CORREIO DA BAHIA. Caderno Aqui Salvador, 05/10/1996, p.6.

CORREIO DA BAHIA. **Moradores querem revitalizar a Barra.** Caderno 1, 28/06/1995, p.11.

CORREIO DA BAHIA. **Um bairro criado para abrigar os petroleiros.** Caderno 1, 07/10/1991, p.12.

TRIBUNA DA BAHIA. **Barra, um paraíso turístico e perigoso.** Caderno Cidade, 08/11/2001, p. 11.

ANEXOS

ANEXO 1.

“Agita mundo reuniu 5 mil em Salvador”

CAMPANHA – O objetivo do ato foi alertar para os riscos do sedentarismo

OLENKA MACHADO

Quem achou que o domingo nublado seria só pipoca, televisão e cochilo perdeu a programação especial que lotou a orla de Salvador, do Jardim de Alah ao Aeroclube. A repercussão local do Dia Internacional da Saúde levou mais de cinco mil pessoas à caminhada *Agita Mundo*, atividade preventiva ao sedentarismo, organizada pelo Instituto de Previdência de Salvador (IPS). “Para garantir a boa saúde é importante praticar alguma atividade física, nem que seja uma caminhada de meia hora por dia”, recomenda o ortopedista Daniel Sadigursky, da equipe do IPS e um dos integrantes da turma coordenada por Ana Corbal.

Segundo Corbal, as atividades em âmbito mundial são capitaneadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Brasil passou a integrar a rede depois que o presidente Fernando Henrique Cardoso assinou o protocolo de parceria, na sexta-feira passada, dia 5 de abril. Em paralelo, o programa *Agita Brasil* nasceu em 97, de um trabalho desenvolvido pela Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, reconhecido pela OMS como “um modelo de promoção da saúde”. Do encontro de idéias, que reúne em todo o planeta os organismos locais integrados ao programa, fica a tônica do dia, de promover a atividade física e a nutrição saudável para todos, decisão da 54ª Assembleia Mundial da Saúde.

A iniciativa baiana superou o público estimado e tirou de casa especialmente os idosos, muitos servidores públicos, já incluídos nos projetos do IPS através do Núcleo para o Envelhecimento Saudável. Mas eles não vieram



O trecho entre Jardim de Alah e o Aeroclube ficou tomado por uma multidão, marcando a passagem do Dia da Saúde

sozinhos. Trouxeram filhos, amigos e até netos, que se adaptaram facilmente em meio aos grupos culturais de música, capoeira e *tai chi chuan*, a exemplo do coral Renascente e dos bonecos gigantes. “Isso aqui é ótimo, pois tira o idoso de casa e faz com que ele viva”, festejava Wilson Raimundo dos Santos, 69 anos, que há dois anos participa das atividades do grupo com a esposa, a professora aposentada Alice.

Prevenção

Parte do trabalho da equipe médica, desenvolvido em parceria com os estudantes de Educação Física da Universidade Católica do Salvador (Ucsal), os participantes puderam avaliar a pressão arterial, aprender técnicas de

ressuscitação e fazer o *Clock Test* (teste do relógio), que tenta identificar o nível de perda da memória na terceira idade. Ainda no grupo, estiveram também alguns estagiários do quarto ano de Medicina da Universidade Federal da Bahia.

Esse movimento conjunto das instituições deve-se principalmente ao fato de, há quase três anos, a Universidade Católica do Salvador trabalhar em parceria com a Secretaria de Saúde do Estado e a Associação Bahiana de Medicina em atividades afins. Juntos, implementaram um projeto intitulado *Agita Bahia*, que visa aumentar o nível de conhecimento sobre os benefícios da atividade física para saúde e intensificar o nível de atividade física da população.

Sedentarismo atinge a maioria

Como fator de morbidade que mais contribui para agravar o risco de doenças degenerativas, o sedentarismo atinge mais de 70% da população brasileira. A falta de atividade física e uma alimentação pouco saudável aumentam em 54% o risco de morte por infarto e 50% do risco de morte por derrame cerebral. Isso sem contar o agravamento em casos de obesidade, hipertensão, tabagismo, diabetes e colesterol alto.

Relatório

Depois do trabalho de ontem, nas diversas cidades do mundo, cada país deverá enviar um relatório de atividades sobre o dia do

evento, que passará a constar no site www.agitamundo.com.br. Desta forma, a participação e interação dos povos fica aberta, com os respectivos resultados conhecidos e incorporados simultaneamente. Explica-se o investimento, pois, a julgar pelas estatísticas de países do Terceiro Mundo, 70% dos gastos com saúde são para cobrir custos das doenças pioradas pelo sedentarismo como diabetes, obesidade, hipercolesterolemia, hipertensão arterial, infarto, osteoporose e depressão. Cálculos da OMS: um dólar investido em atividade física (tempo e equipamento) gera uma economia nos custos médicos de US\$ 3,2 milhões.

ANEXO 2.

Campanha Agita Mundo combate o sedentarismo

SÃO PAULO – Em vez de pegar o carro para comprar pão, que tal ir a pé? Ou então aproveitar para passear com seu cachorro, lavar o carro, limpar o jardim e, à noite, dançar. Essa é a proposta do *Agita Mundo*, uma campanha da Organização Mundial da Saúde (OMS) para diminuir o número de pessoas sedentárias. O ordem no Dia Mundial da Saúde deste ano, celebrado hoje é agitar o corpo.

“Vida agitada faz bem à saúde”, disse Victor Matsudo, presidente do Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (Cela-fiscs), durante a cerimônia de abertura do Dia Mundial da Saúde, na sexta-feira. “Trinta minutos de atividade física por dia fazem diferença”.

Atividade física é todo movimento do corpo que provoque gasto de energia maior do que o estado de repouso. Não se trata de virar atleta, mas apenas incluir no cotidiano comportamentos que movimentem o corpo. Estacionar o carro mais longe da entrada do supermercado ou substituir o elevador pela escada são alguns exemplos. Os especialistas indicam 30 minutos de atividade física por dia,



Governador Alckimin (C) participa do Agita Mundo, em SP

pelo menos cinco vezes por semana para prevenir doenças cardiovasculares, obesidade e diabete.

Modelo paulista

Para sua campanha contra o sedentarismo, a OMS adotou como modelo o programa *Agita São Paulo*, uma iniciativa do Cela-fiscs e da Secretaria de Estado da Saúde. O objetivo é estimular a prática de atividade física. Para isso, conta com 180 parceiros – organizações não-governamentais, empresas e universidades que organizam atividades com a população a que têm acesso.

“Estamos longe de ter um es-

tilo de vida saudável”, disse Gro Harlem Brundtland, diretora-geral da OMS, que esteve em São Paulo sexta-feira para o evento. “Temos de nos movimentar, não ficar sentados o dia todo no escritório”. Estima-se que 70% das pessoas sejam sedentárias em todo o mundo. No Brasil, estudos do Cela-fiscs apontam que o problema é maior nas classes sociais com menor nível educacional e já atinge as crianças. “Nas classes sociais mais baixas, elas ficam quatro horas por dia em frente da tevê”, afirmou Matsudo. “Significa que ficam mais gordas, com menos força e com menor capacidade cardíaca. São os obesos do futuro”.

ANEXO 3.



Luciano, Coelho, Gilton e Péricles organizam o Alvorada

Alvorada comemora 24 anos de atividades

O Grupo Alvorada, que se reúne de segunda a sexta às 6 horas, no Parque da Cidade, na Pituba, para a prática de exercícios, está comemorando 24 anos de fundação. Para marcar a data, foi elaborada uma extensa programação comemorativa. A programação começa amanhã, com uma excursão para Ilhéus, Itacaré e Canavieiras, que terá regresso no domingo.

Na sexta, dia 15, acontece um torneio de dominó, a partir das 7h30, na Boca do Rio. No sábado, dia 16, a partir das 6 horas, acontece a "Caminhada de Farol a Farol", com saída em Itapuã e chegada na Barra. Na segunda, dia 18, acontece a "Alvorada com Fogos" às 6h15 e uma palestra sobre saúde às 6h30, no Parque da Cidade. Na quinta, dia 21, às 6h30, acontece uma

preleção religiosa seguida do plantio de uma árvore, culminando com o Café do Parque, às 7 horas. No sábado, dia 23, às 21 horas, acontece a "Noite de Queijos e Vinhos, no Hotel Quatro Rodas.

Com o slogan "Alegria de viver, de sorrir e de cantar", o Alvorada permanece com o mesmo entusiasmo da época da fundação. "Tudo começou quando um grupo formado por Péricles, Antônio Luís, Leonel, dentre outros, participou do "Programa Praias de Verão", que teve duração de um mês, no ano de 76. Quando o Programa terminou, eles decidiram continuar com o saudável hábito de fazer exercícios no alvorecer do dia e fundaram o Alvorada", revela o professor Coelho, que era um dos organizadores do Praias de Verão.



Grupo Alvorada festejou 17 anos

O Grupo Alvorada encerrou ontem a semana de comemorações dos seus 17 anos de atividades esportivas e recreativas. Sob a batuta do professor Coelho, o grupo madrugador, no Parque da Cidade, cumpriu fielmente o programa: dia 20, alvorada com queima de fogos, seguindo-se ginástica recreativa; dia 21, ainda no Parque da Cidade, exibição de vídeo sobre Longevidade com Saúde, com explicações do Dr. Eduardo Azevedo, seguindo-se plantio de uma árvore em homenagem ao início da Primavera; no dia 22, o tradicional café da manhã, com participação não só dos componentes da turma, como de todos os participantes do *cooper*, no Parque da Cidade; dia 23, torneio interno de futebol de salão em disputa ao troféu "Professor José Coelho" e, finalmente, ontem, encer-

ramento com missa em ação de graças na Capela de Nossa Senhora de Assunção e noite de queijos e vinhos, no encerramento festivo com a confraternização dos componentes da Turma da Alvorada, convidados e familiares. Na foto, no café da manhã, a Turma Alvorada cantando os "parabéns pra você" para o grupo e para o aniversariante do dia Osmar Sepúlveda, um dos fundadores do Alvorada.

AABB

Com a vitória de 2x1 sobre o Ressaca, o Zero Hora conquistou o título do Campeonato Interno da Associação Atlética Banco do Brasil. Os gols do triunfo foram assinados por Clécio, artilheiro da competição com 10 tentos. A equipe campeã formou com: Artur; Armando, Heraldo, Paulinho, Ditinho e Ceará; Barreto, Vicente, César, Clécio, Dema e Ipirá. Participaram ainda da campanha, Jaime, Nadson, Bira e Arlindo.

ANEXO 5.



Madruga paga promessa

A Turma da Madruga correu, ontem, às cinco horas da manhã, do Parque da Cidade à Igreja do Senhor do Bonfim. Seguiram pela Avenida Antônio Carlos Magalhães, Barros Reis, San Martin, Viaduto dos Motoristas e depois até à Colina Sagrada. Desta vez não foi competição esportiva, mas o pagamento de uma promessa pelo restabelecimento do colega Almir Benevides de Carvalho (Bené Borboleta), que passou vários meses em estado de coma, vítima de um acidente. Só o próprio Bené não correu, indo de carro, com toda sua família, esperar os colegas. Todos correram em formação, em coluna de três, sem nenhum ultrapassar o outro. Na foto, os componentes do Madruga e duas ginastas do Parque da Cidade, momentos antes da corrida.

A TARDE, 27/12/1981, p.13.



Madrugada

A Turma da Madrugada comemorou os 60 anos de Josué Moura (*fotografia*), um dos mais queridos, apelidado Carequinha, com um torneio de futebol, às cinco horas da manhã. O treinador e juiz das partidas foi Alfredo Campos, vulgo Bodinho, que escalou times com sete jogadores, em face do tamanho do campo, pelas idades. O "Pé na Cova", com jogadores acima de 70 anos, Coronel Cabral (80 anos), Rafael (72), Berbert (71), José Amândio Geléia, Hélio Jacaré, José Inácio Pardal da Silva e Luís Augusto Gaucicema Gantois de Carvalho, com 70 anos, foi o campeão, derrotando o time dos "Idosos", com 65 a 69 anos. O outro jogo foi entre o "Brotinhos", com 50 a 54 anos, e o "Usados", com 55 a 60 anos. Venceu o "Usados". A final entre Pé na Cova e Usados foi das mais disputadas,

vencendo Pé na Cova por 4 x 3, gols de Cabral, Rafael (2) e Geléia.

Embora fosse o favorito, o "Usados", porque contava com os melhores jogadores, com Josué, o aniversariante, Sílvio Teixeira Putrisco do Amaral (62 anos), José Carlos Nunes, o craque Dr. Zé (61), Isaac Abram (60), Carlos Tadeu Garcia (60), General Aldes Cunhal (60) e Júlio Gontijo (60), boiou e fracassou. O "Brotinhos", com Antônio Pithon, Paulão, Visco e Paulinho Papica também fracassou. No final todos foram "tomar café" no restaurante de Dona Maria, em Brotas, às 8 horas da manhã, sendo servida uma feijoada com galinha de molho-pardo e lagosta com maionese. Josué soprou bolo com 60 velinhas e chorou de emoção. O "café" terminou depois das 14 horas, ninguém foi trabalhar naquela manhã.

ANEXO 7.



A Turma do Orvalho liderada pelos coronéis Luiz Arthur e Nolasco e o catedrático Boris Tabacoff, vendo-se as senhoras que prestigiam com suas presenças a festa de confraternização.

Turma do Orvalho

Os militares e civis que fazem cooper no Porto da Barra, pertencentes à Turma do Orvalho, realizaram uma festiva despedida de ano. Participaram da confraternização militares e civis atletas e amantes da natureza, num total de 500 atletas que saborearam a cervejinha gelada, e várias iguarias, ao som de um animado conjunto musical. Liderados pelo coronel Luiz Arthur, que há cerca de 15 anos promove animada confraternização, participaram do evento o Dr. Boris Tabacoff, coronel Nolasco, coronel Danilo, coronel Vianey, Francisco Cabral, e muitos empresários

e respectivas esposas. A festa na Praia do Porto transcorreu como nos anos anteriores, bastante animada, com a colaboração indispensável do empresário Mario Filho, que ofereceu a cerveja e o chope geladinho. O coronel Nolasco, um dos grandes animadores da Turma do Orvalho, garantiu que a próxima festa será no mesmo lugar, porém, para finalizar haverá uma passeata denominada Lavagem do Porto da Barra que desfilará até o Forte de São Lourenço futura sede do Clube Marechal Cantuária, assim pretende Nolasco.

ANEXO 8.

“Madruga” em cima da hora

A Turma de Ginástica Madruga e o Rotary Club Salvador-Itapagipe reuniram-se, ontem, para construir o muro no terreno da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), na Pituba, atendendo a solicitação de sua diretoria, que alegou falta de recursos para a obra. Os alunos da Turma Madruga ofereceram-se para eles mesmos fazerem o muro, enquanto o Rotary Club Salvador-Itapagipe (do qual fazem parte muitos alunos da Madruga) ofereceu o material.

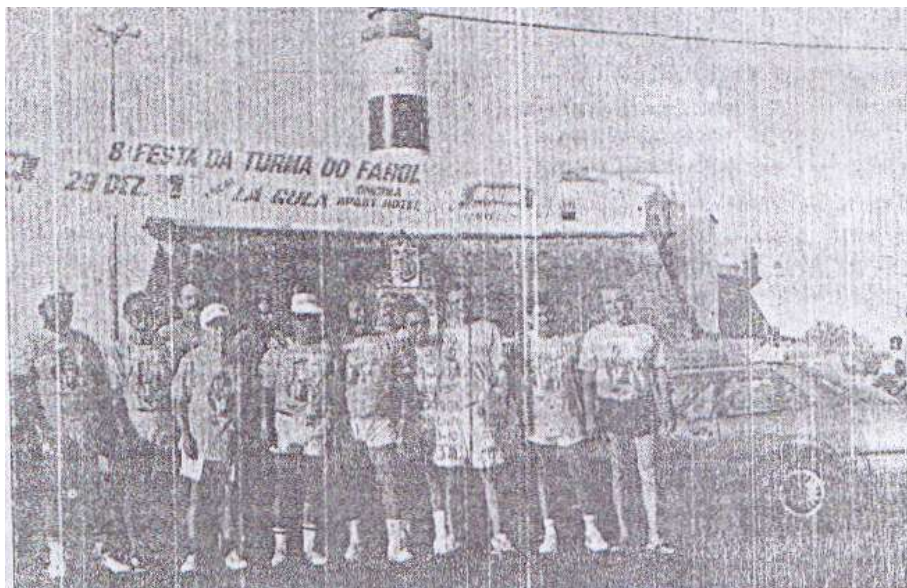
O mutirão foi orientado pelo arquiteto Antônio Pithon, presidente do Rotary-Itapagipe e aluno do Madruga, que dividiu os colegas em grupos, com trabalhos diferentes. Enquanto um grupo cavava, outro implantava as estacas de cimento-armado e outros grupos faziam outros trabalhos. Todos unidos, advogados, militares, professores, médicos, executivos, banqueiros e muitos engenheiros, trabalharam como operários e realizaram um bom serviço, além de darem um exemplo de solidariedade. O curioso é que moradores da vizinhança telefonaram para a polícia, comunicando que estavam invadindo terrenos na Pituba.



A Turma de Ginástica Madruga e o Rotary Clube Salvador-Itapagipe juntaram esforços para murar um terreno na Pituba

A TARDE, 20/05/1979, p.2.

ANEXO 9.



Turma do Farol — Militares e civis, todos os dias praticam o cooper na área do Farol da Barra, e disso nasceu uma camaradagem muito sólida. Diariamente, dezenas de senhores e jovens de ambos os sexos percorrem, em uniforme de esporte, do Porto da Barra ao antigo Morro do Cristo. Na foto, o coronel Luiz Arthur (D) e o capitão Edson Barretto, ex-combatente do "Sente a Pua", posam para esta coluna, com seus amigos civis antes dos festejos de fim de ano; uma animada confraternização.

A TARDE, 15/02/1991, p.6.

Corredores protestam contra abandono do Dique do Tororó

Praticantes de corrida e ginástica da área do Dique do Tororó — um grupo de cerca de 100 pessoas — promoveram na manhã de ontem uma manifestação para protestar contra o abandono do local, que sofre com a poluição e a depredação. O ato incluiu desde simples discursos e depoimentos pessoais até a entoação de cânticos e declamação de poemas.

Coordenado pelo advogado Wilson Santos, o protesto teve início às 6 horas, perto da Fonte Nova, reunindo corredores, ginastas e alguns pescadores. A manifestação não deverá, segundo o advogado, "ficar apenas no protesto ao ar livre", mas alcançará, nos próximos dias, alguns gabinetes de secretários da prefeitura. Ele informa que já tem audiência marcada com a direção da Limpurb, dia 8, e com a Sumac, dia 9, quando estará, com outros colegas, representando a Associação dos Corredores e Amigos do Dique, recém-fundada.

TILÁPIA

"A intenção é acordar as autoridades para o fato de que o Dique está se afogando na poluição, e entra ano e sai ano e ninguém faz nada para salvá-lo", denuncia o advogado, que batizou o movimento de Tilápia. "A tilápia é o principal peixe daqui. Ele consegue sobreviver durante uma hora fora d'água. É um símbolo de resistência", explica, ressaltando, porém, que os pescadores avisam que cada vez mais está difícil encontrar o peixe no lago. "O mais grave disso é que ele combate o caramujo transmissor da esquistossomose", adverte.

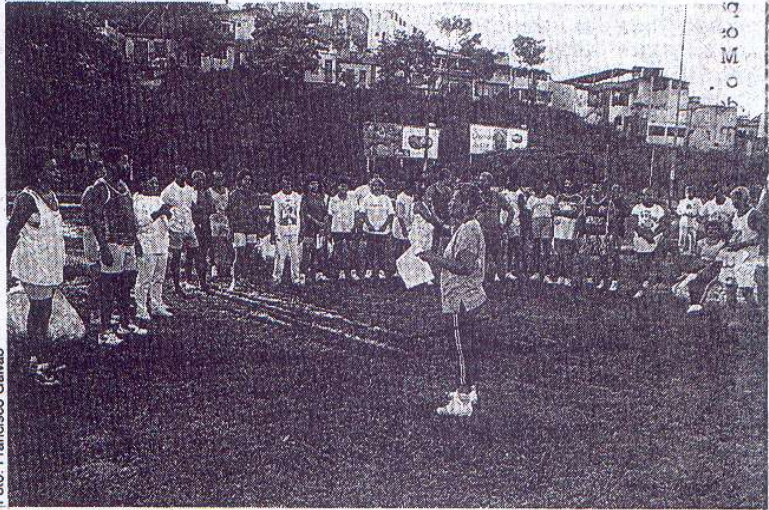


Foto: Francisco Galvão

O grupo denunciou o descaso para com a bela paisagem do Dique

Paraíso de gansos, jacarés e pássaros raros até metade deste século, o Dique do Tororó morre a cada dia com os detritos dos esgotos despejados em suas águas. As árvores ainda guardam a beleza original, mas o quadro geral chega a desvalorizar a paisagem arborizada. O mato cresce em várias partes, o lixo é acumulado provocando entulhos, o passeio está cheio de buracos e o mau cheiro exala, constantemente, espantando corredores e ginastas da área.

PRIVATIZAÇÃO

"Até animal morto a gente encontra", frisa o médico Benício Feitosa, de 52 anos, que "malha" no local desde 1974. Segundo ele, o número de corredores vem diminuindo assustadoramente, o que foi confirmado também pela funcionária pública Edite Costa, pela economista Rita Magalhães e pelo casal Jair Lopes

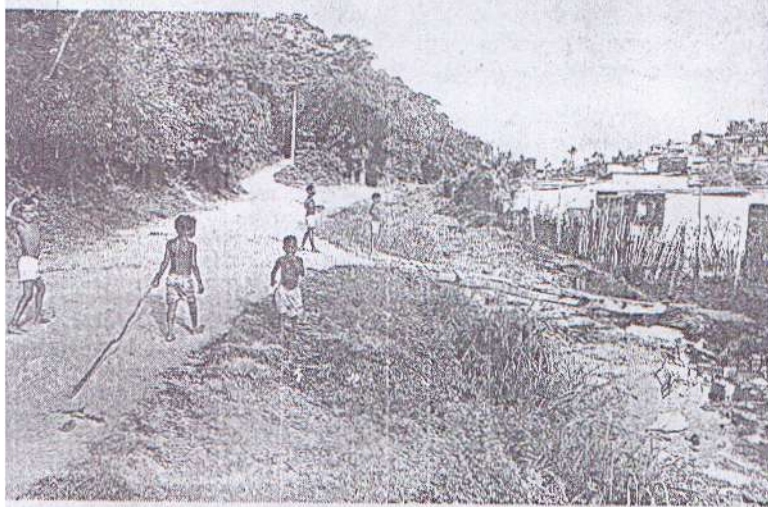
e Arlene Gomes, todos frequentadores antigos do Dique. "Além do mau cheiro, as calçadas são um desconforto para quem vai fazer cooper", avalia o professor de Educação Física Abelardo Lopes Castro, de 64 anos.

"Já torci o pé num buraco e fiquei um mês sem correr", frisa ele. Aliás, quatro entre cinco pessoas entrevistadas citaram, além da sujeira, os buracos nos passeios como o principal problema. A professora Naides Santos se queixa da segurança. "Já levaram meu relógio e várias amigas minhas foram assaltadas". Uma antiga moradora do local, Nilza Ribeiro Coelho, de 64 anos, sentencia: "Conheço várias cidades européias e já morei em todo o Brasil. Conheço esse problema de perto e costumo citar o Parque São Lourenço, em Minas Gerais, como exemplo. Se não entregarem o Dique a uma empresa privada, o problema vai continuar".

Praticantes de jogging deixam Parque da Cidade

O descaso dos poderes públicos com os parques, jardins e demais áreas de lazer da cidade ultrapassa os limites de tolerância da comunidade. Recentemente foi necessária uma ação pronta e pessoal do governador Antonio Carlos Magalhães para acabar com as invasões no Parque de Abaeté, um dos locais mais cantados e divulgados de Salvador, pela sua exuberante beleza. Estamos agora assistindo de braços cruzados à depredação do Parque da Cidade, única área de maior concentração de mata à disposição da população, que, pelas suas condições climáticas e a própria tranquilidade do local, é propícia ao lazer, principalmente das crianças nos finais de semana, também usada com grande frequência às primeiras horas da manhã e até mesmo durante o dia pelos praticantes de jogging e todas as pessoas que praticam exercícios físicos até por recomendação médica. O parque, a bem da verdade, nos últimos dias sofreu uma intervenção da administração municipal, ainda de forma tímida, recuperando alguns setores. Porém, dois problemas são graves: o primeiro deles é o avanço de uma invasão localizada na parte baixa do parque, na direção da Chapada do Rio Vermelho, onde passa

um córrego cujas águas estão poluídas. A Prefeitura do Salvador já divulgou que iria construir um muro naquele local, mas até o momento nenhuma providência foi tomada. Quando a favela invadir o parque será um caso sem jeito e não faltarão os defensores dos "sem-tetos" para questionarem a expulsão dos invasores. Reconhecemos que o déficit habitacional da Região Metropolitana de Salvador é alto, desumano e atinge a população de baixa renda, porém não podemos conceber que uma área nobre destinada ao lazer de toda a população soteropolitana seja degradada às vistas dos administradores públicos. O segundo problema é a falta de segurança para as pessoas que freqüentam o Parque da Cidade. E pasmem: são os próprios policiais encarregados do policiamento do parque que avisam aos seus freqüentadores que tomem cuidado. E recomendam ainda que andem em grupo e evitem os locais mais ermos e a parte alta, para não serem assaltados. Portanto, a Polícia vem se omitindo da sua missão precípua de promover o bem-estar da população, assegurando-lhe tranquilidade, pelo menos, nos momentos de lazer.



A favela já está praticamente dentro do Parque da Cidade

Lavagem chama atenção para poluição do Dique do Tororó

Seja porque é um santuário para quem cultua o candomblé, seja pela importância ecológica ou pela beleza histórica, as vozes se levantam cada vez mais alto em defesa do dique. A realização da 1ª Lavagem do Dique do Tororó, ontem, foi uma demonstração de que a consciência preservacionista também está presente no coração de Salvador e de que nem tudo está perdido. "Ainda não é o que esperávamos em relação à compreensão das pessoas, mas já se mostra uma recuperação. O dique é uma espécie de santuário", resumiu Isabela Guimarães, 17 anos, integrante do Bloco Filhas de Oxum, orixá das águas doces.

A 1ª lavagem foi organizada pelo Grupo Tilápia, movimento em defesa do Dique do Tororó, fundado em maio do ano passado, e que conta com cerca de 50 sócios, entre moradores de bairros da região e malhadores que correm diariamente em volta do lago. A festa deste domingo começou por volta do meio-dia com um desfile de 2,5km em torno do perímetro do dique. Entidades, as mais diversas, como Filhos de Gandhi, Apaches do Tororó, Hare Krishna, além da própria Filhas

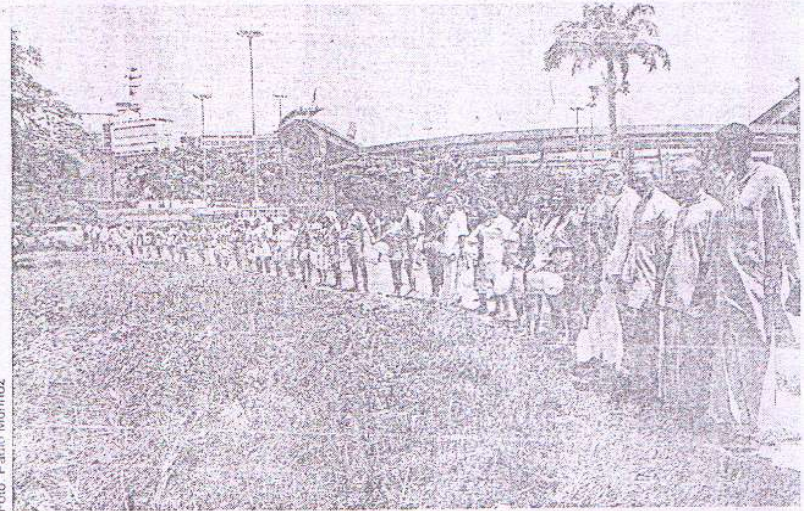


Foto: Paulo Munhoz

Manifestantes deram um "abraço" no dique, tido como santuário

de Oxum, estavam presentes ao cortejo, que foi protegido no trânsito por policiais da PM.

Na saída do desfile, a música de Luiz Gonzaga dava o tom da preocupação dos ecologistas: "Não posso respirar, não posso mais nadar..." A professora e escritora Nildes Santos

Silva, uma das coordenadoras do Grupo Tilápia, definiu a festa como uma lavagem ecológica: "O sentido é chamar a atenção para a poluição. Queremos preservar este lugar, tornando-o uma área de lazer sadia, com equipamentos comunitários que sejam úteis", disse.



Pé de Vento anda pelos três faróis

O Grupo "Pé de Vento" (foto) comemorando o seu 1º aniversário, promoveu a 1ª Caminhada dos Três Faróis, com percurso de 33,3km, saindo do Farol do Humaitá (Monte Serrat), passando pelo Farol da Barra e chegando em Itapuã. Rui Micucci, presidente do "Pé de Vento", partiu o bolo de aniversário junto ao Farol de Humaitá, tentando divulgar este ponto turístico que é pouco conhecido até mesmo dos baianos. Todos os do-

mingos o grupo está caminhando da Pituba até a Abaeté e promete realizar nos próximos dias a caminhada das três lagoas, (Abaeté, Pituçu e Dique do Tororó), possivelmente chegando neste último com uma manifestação pedindo a despoluição e melhorias para o lago mais central da cidade. Ainda este mês o "Pé de Vento" também deseja fazer uma caminhada pela ciclovia de Pituçu.

Caminhada ecológica defenderá as dunas

Com uma caminhada, hoje, às 17 horas sobre as dunas do STIEP e Jardim Armação, moradores destes bairros e do Costa Azul, acompanhados por biólogos, ambientalistas e interessados na preservação da natureza, marcarão formalmente o início do movimento de defesa da área que abriga dezenas de espécies de pássaros, variada flora e fauna, ameaçados de extinção pela anunciada destruição das dunas para dar lugar a um conjunto habitacional do IAPSEB.

Na última terça-feira, uma reunião no edifício Rio de Contas, na Rua Augusto Lopes Pontes, deflagrou o movimento que conta com inteiro respaldo da comunidade do Jardim Armação, Costa Azul e STIEP, que ouviu explicações feitas pelos professores Ivomar Carvalho e Ailton Ribeiro, da Universidade Federal da Bahia, ambientalista Paulo Serra e ornitólogo Pedro Lima, todos destacando os graves problemas que advirão se a construção do conjunto for efetivada.

AGRESSÃO À NATUREZA

O movimento dos moradores e ambientalistas não é contra a construção de habitações para os funcionários públicos, entre os quais se incluem residentes nos bairros do Jardim Armação e Costa Azul, procurando apenas preservar uma das últimas áreas de dunas da cidade, de modo a que seja transformada em pólo de lazer para a comunidade ao lado de garantir a preservação da fauna e flora do local. As dunas de Armação STIEP, ao longo da Rua Augusto Lopes Pontes e próximas do Centro de Convenções da Bahia, constituem, praticamente, o único local para o lazer da comunidade que habita a área, podendo, se dotadas de equipamentos que, não as destruam, mas aproveitem sua ambientação natural, servir para o lazer igualmente de moradores de outros bairros, segundo considera o professor Ivomar Carvalho, da UFBA.

Especialista em dunas, tendo trabalhos desenvolvidos na área de Mangue Seco, na divisa da Bahia com Sergipe, ele é de opinião que as dunas do STIEP — Armação se destruídas acarretarão profundas modificações no ecossistema, alterando o clima e a ventilação em toda a área, além de representar um atentado à natureza com a morte de espécies animais e o sacrifício da flora em que se incluem, entre outras, reservas de orquídeas de grande beleza.

"FALCÃO PEREGRINO"

O ornitólogo Pedro Lima destaca que entre as espécies de pássaros que habitam a vegetação das dunas se inclui o "Falcão Peregrino", que anualmente, no mês de abril, migra dos Estados Unidos para o Brasil, passando alguns meses nas dunas do


STIEP-Armação, onde já foi inclusive fotografado pelo ornitólogo. Segundo Pedro Lima, a fêmea do falcão foi morta há algum tempo, sobrevivendo o macho, que continua a fazer suas incursões na Bahia, anualmente. Pedro Lima cita mais de duas dezenas de pássaros que têm nas dunas seu *habitat*, considerando sua destruição um crime contra a natureza. Para o ambientalista Paulo Serra, que levantou o problema junto à comunidade, não se justifica que os órgãos oficiais se omitam diante de mais "uma agressão à natureza, permitindo que se repita a destruição de fauna e flora como se verificou na Lagóa do Abaeté, hoje quase totalmente depredada, uma verdadeira cloaca, poluída, pela inexistência de providências para preservá-la".

PROBLEMA DA COMUNIDADE

A conscientização da população é destacada pelos ambientalistas como necessária para impedir mais uma destruição do meio ambiente, considerando que se ela não pressionar as autoridades a reverem a idéia de construção de um conjunto habitacional sobre as dunas, toda a cidade pagará caro pela sua destruição. Outro problema levantado pelos moradores é a incapacidade da Rua Augusto Lopes Pontes em suportar um crescimento de tráfego com a existência de um conjunto habitacional. Estreita e sinuosa, a artéria, principal via de ligação para o Centro de Convenções da Bahia, sofre um permanente estrangulamento sempre que se realizam eventos no CCB, que se reflete em toda a área do STIEP-Costa Azul. Com um conjunto construído sobre as dunas, evidentemente, o problema se tornará mais grave, ainda, prejudicando as atividades do Centro de Convenções e todo o tráfego da zona.

Para o presidente da Associação dos Moradores do Costa Azul, Antônio Ribeiro, a comunidade deve se organizar para fazer sentir às autoridades a absoluta inconveniência da destruição das dunas, pelo que representam para a sua qualidade de vida, que fatalmente sofrerá uma queda em vista de modificações climáticas e viárias que atingirão três populosos bairros.


Na caminhada de amanhã às 17 horas, adultos e crianças vão se unir para demonstrar sua coesão em defesa da natureza, que, no dizer do estudante Alexandre Ribeiro Santos, 14 anos, já não pode mais sofrer, perder seus pássaros e flores ameaçados pelos tratores. "Vamos fazer, se preciso, um acampamento para esperar os tratores, se antes o bom senso não prevalecer", salientou o presidente da Associação dos Moradores do Costa Azul, Antônio Ribeiro, concitando a todos para a caminhada ecológica que começará em frente ao Condomínio Costa do Atlântico, na Rua Augusto Lopes Pontes.

Amadorismo 

(pênaltis), Botafogo despachou Olímpico
(pênaltis), Abend perdeu para Expresso
por 3x0.

Caminhada

Oitenta aventureiros participaram no sábado da 2ª Caminhada Cross (foto) que percorreu trilhas íngremes dos rochedos de Ondina, Cristo e Farol de Itaipuá depois de passar por ruas da Graça Chame-Chame, Centenário, Garibaldi e Barra. O evento tem por objetivo fazer as pessoas meditarem sobre a relação homem-natureza. Na saída, os participantes harmonizaram com o professor Cezar Gilabert, aqueceram com Jairo Costa e foram guiados por Rubens Soares. O evento teve apoio do jornal Graça Informa e foi encerrado com um coquete de frutas tropicais.



ELIEZER VARJÃO

Ciclistas x corredores



Quando da implantação do Projeto Orla defendemos a necessidade de um espaço para os praticantes de jogging e até falamos do piso. Os técnicos do projeto terminaram se esquecendo dos corredores e outros praticantes de Cooper. O fato é que a preocupação maior foi com a ciclovia, que ainda não foi concluída — o trecho do Aeroclub. Agora o que está se verificando no trecho mais freqüentado da orla — Jardim de Alá até a Boca do Rio — é uma briga por espaço entre corredores e ciclistas, principalmente nas primeiras horas da manhã. Logicamente que não existe entendimento. É a lei do mais forte. E neste litígio quem leva vantagem é o ciclista. Já houve alguns atropelos sem maior gravidade. O momento é de prevenir para não remediar. Poderá acontecer um atropelo que cause ferimentos graves num corredor ou pessoas que preferem andar, inclusive senhoras e idosos. Sugerimos o estabelecimento de horários diferentes para a prática dos dois esportes. Seria o caso de um entendimento entre a Coordenação do Projeto Orla, com as federações de atletismo e ciclismo, com AVAB, AMEBA e outras entidades das duas modalidades de esporte. Esta seria, inclusive, a oportunidade para a direção da AVAB lançar a campanha de proteção ao corredor, que já está pronta, confeccionada pela Publivendas, graças ao espírito comunitário e esportivo de Fernando Carvalho e Paulo Viana. Ainda sobre esta campanha, a direção administrativa deste jornal, resolveu assumir a sua divulgação. Portanto, Arthur Couto encampou a campanha de defesa dos corredores, como mais uma campanha comunitária de A TARDE. Este é o momento que todos os corredores devem se unir para ajudar no lançamento desta campanha que é nossa.

Passeata ecológica

Falar que a Pituba está abandonada e chover no molhado. Que a prefeitura se esqueceu daquele bairro e há anos não recupera as suas calçadas é muito cansativo. Agora a comunidade da Pituba resolveu reagir e está organizando uma passeata ecológica. E o velho senadinho da Pituba que está realizando o trabalho de mobilização para chamar a atenção das autoridades sobre a poluição de suas prais. É um grave problema e o senadinho vai marcar uma reunião para os próximos dias, em data e local a ser previamente divulgado.

“Cross-Country” de Feira

A partir de amanhã, estarão sendo abertas, em Salvador e Feira de Santana, as inscrições para a participação no Cross-Country de Feira, que se realizará na manhã do próximo dia 15. A AFAC — Associação Feirense dos Atletas Corredores — estará a cargo das inscrições, enquanto que a AVAB — Associação dos Veteranos de Atletismo da Bahia — providenciará as inscrições dos atletas de

DIQUE DO TORORÓ

Associação ecológica mobiliza frequentadores

Agnês Mariano

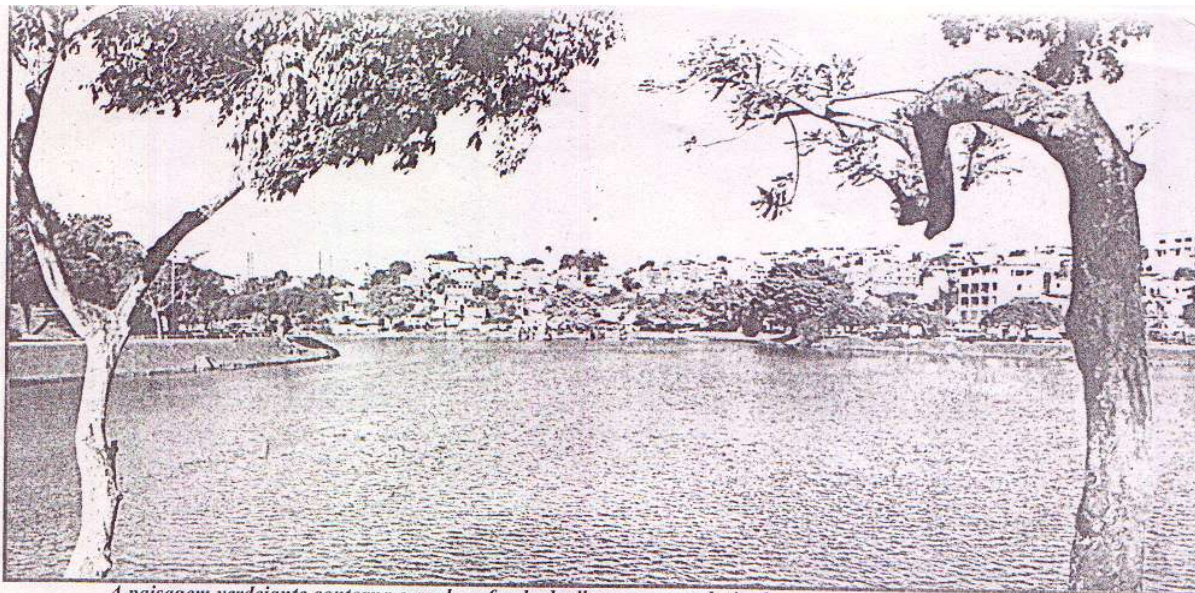
Pescaria, caminhadas, passeios de barco, pedalinho e caiaque. Remar, assistir apresentações de capoeira, contemplar os cisnes e gansos, brincar no parquinho, fazer ginástica ou simplesmente aproveitar a beleza do lugar, sentado sob uma das suas belas árvores. Essas são algumas das opções disponíveis aos frequentadores do Dique do Tororó, desde a reforma feita no local. Quem mais comemora são os próprios moradores, que até criaram, há dois anos, um grupo ecológico especialmente para o Dique: a Associação Ecológica Dique do Tororó.

Para alguns, a caminhada matinal pode começar antes das 4h, conta Raimundo Santos, presidente da associação. Nascido e criado no Dique, o ex-boxeador conhece muitas histórias sobre a lagoa, que, segundo ele, já foi habitada por camarões, pitús e até jacarés. Hoje em dia, os peixes mais comuns são as carpas, tambaquis, tilápias, tucunarés e pescadas. "Congre-

gar as pessoas que caminham aqui todos os dias e não se conhecem e despertar a consciência da importância da limpeza, principalmente entre os moradores, são os principais objetivos da associação", explica Santos.

Quem prefere ir para a água, pode alugar os pedalinhos - R\$1 por 15 minutos - caiaques - R\$1 por 30 minutos - ou entrar na Escolinha de Remo que o Esporte Clube Itapagipe mantém no dique. Quem pratica o esporte, diz que a sensação é muito boa e que, navegando, é possível conhecer um outro dique. Também há um barco que faz a travessia e o Clube de Pesca, que aluga varinhas de bambu por R\$1 para quem deseje experimentar o esporte.

Morador do dique há 40 anos, Idekil Batista, 72 anos, garante que dá para fazer amizades mesmo caminhando. "Desde que me aposentei, em 90, caminho aqui todos os dias e sinto que rejuvenesci". Osvaldo Santos, 55 anos, só começou a caminhar há dois meses, mas já percebe os resultados no próprio corpo.



A paisagem verdejante contorna o azul profundo do dique, agora valorizado com as obras de urbanização

Passeios bucólicos e um bom cooper

Dentre as vantagens oferecidas pelo dique estão a localização – numa área bem central – e o fato de ser uma opção de lazer barata. As comunidades dos bairros adjacentes, como Nazaré, Tororó, Barris, Garcia e Brotas, são privilegiadas. Basta andar um pouquinho e já se está lá. Não é necessário pagar para curtir o novo Dique do Tororó. Pode-se ir lá a qualquer hora do dia ou da noite.

A frequência do local começa junto com os primeiros raios de sol, com os adeptos do cooper. A pista que contorna a lagoa tem 2.600 m e apresenta

algumas vantagens. Dentre elas, marcação das distâncias no piso, abrigo de chuva, proteção para carros desgovernados, que de vez em quando subiam o passeio e até mergulhavam no dique, e a proibição de bicicletas e cachorros, para tranquilidade dos desportistas.

Durante o dia o espaço é dos remadores e pescadores. A administração do dique cedeu espaço para o Clube de Pesca da Bahia e Clube de Remo da Bahia, agremiações externas que coordenam as atividades do Centro Náutico no local. O primeiro promove torneios perió-

dicos nos finais de semana de pesca esportiva, enquanto o segundo dá aulas de remo para crianças, adolescentes e adultos nas raias de 700 metros.

Tem atração para todos. A criançada se divide entre a pesca, passeios de caiaque e de saveiro ou nos playgrounds no entorno da lagoa. E para quem quiser apenas sentar para descansar ou contemplar a paisagem, existem muitos bancos à disposição. Para se refrescar nada melhor do que uma água-de-coco ou um sorvete. Ao redor do dique há dois pontos de venda de co-

cos, dois de acarajés, uma lanchonete, uma sorveteria e uma banca de revista.

À noite, como manda a tradição, o local é um santuário do candomblé na Bahia. O artista plástico Tati Moreno criou a Fonte dos Orixás. No meio da lagoa, um jato eleva a água a 40 m, circundado por oito esculturas, representando Ogum, Oxóssi, Xangô, Oxalá, Iemanjá, Oxum, Nanã e Iansã. E para completar o cenário, as árvores que margeiam o dique receberam uma iluminação cenotécnica. Tudo isso torna o local mágico.

Fotos: Marco Aurélio Martins